FERNANDA ALVES DA SILVA

CAPOEIRA ANGOLA COMO MÍDIA RADICAL E TECNOLOGIA ANCESTRAL AFRICANA NO BRASIL: uma experiência do grupo Angoleiros do Sertão

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia, da Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – PPGMiT – FAAC – UNESP Bauru, para obtenção do título de Mestre em Mídia e Tecnologia, sob a orientação do Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier.

BAURU

2024

S586c

Silva, Fernanda Alves da

Capoeira Angola como mídia radical e tecnologia ancestral africana no Brasil: : uma experiência do grupo Angoleiros do Sertão / Fernanda Alves da Silva. -- Bauru, 2024

123 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Juarez Tadeu de Paula Xavier

1. Capoeira Angola. 2. Mídia Radical. 3. Tecnologia Ancestral. 4. Valores Civilizatórios. 5. Comunicação Interseccional. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

FERNANDA ALVES DA SILVA

CAPOEIRA ANGOLA COMO MÍDIA RADICAL E TECNOLOGIA ANCESTRAL AFRICANA NO BRASIL: uma experiência do grupo Angoleiros do Sertão

Área de Concentração: Gestão Midiática e Tecnológica

Linha de Pesquisa: Ambientes Midiáticos e Tecnológicos

Banca Examinadora:

Presidente/Orientador: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Instituição: Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof.1: Dorival Campos Rossi
Instituição: Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - PPGMiT

Prof.2: Francisco Gonçalves Filho
Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Educação

Resultado:

Bauru, 06 de Setembro de 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FERNANDA ALVES DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 30 dias do mês de setembro do ano de 2024, às 19:30 horas, no(a) Sala 74 do Campus da Unesp/Bauru e sala virtual do google meet: https://meet.google.com/ayf-ixvz-kvv, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FERNANDA ALVES DA SILVA, intitulada **CAPOEIRA ANGOLA COMO MÍDIA RADICAL E TECNOLOGIA ANCESTRAL AFRICANA NO BRASIL: uma experiência do grupo Angoleiros do Sertão**. A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Professor Doutor JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Unesp Bauru, Professor Doutor DORIVAL CAMPOS ROSSI (Participação Presencial) do(a) Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Unesp Bauru, Professor Doutor FRANCISCO GONÇALVES FILHO (Participação Virtual) do(a) Colegiado de Pedagogia / Universidade Federal do Tocantins - Campus de Miracema. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA.

Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professor Doutor JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Aparecida e Oliveira por todo afeto, apoio e incentivo aos estudos.

Ao meu orientador professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier por toda atenção neste percurso do Mestrado.

Ao Mestre e aos companheiros de Capoeira pela camaradagem.

Resumo em Português

Essa pesquisa se debruça sobre como a Capoeira Angola se manifesta como uma tecnologia ancestral afro e uma mídia radical de enfrentamento ao racismo e outras formas de violência, ao trazer em seus conteúdos os valores civilizatórios afrobrasileiros, criando um espaço de possibilidades ao compartilhar entre os capoeiristas conhecimentos intrínsecos ao universo da Capoeira. Ao compartilhar suas experiências lideranças da capoeira geram um novo espaço de possibilidades para o enfrentamento da perversidade e brutalidade do racismo, criando assim mecanismos de atuação e reflexão para a manutenção da Capoeira. Isso faz com que essa cultura se concentre no campo do afrofuturismo ao atualizar seus valores de acordo com o momento histórico que estamos vivendo.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira Angola, Mídia Radical, Tecnologia Ancestral, Valores Civilizatórios, Comunicação Interseccional.

Resumen en Español

Esta investigación se centra en cómo la Capoeira Angola se manifiesta como una tecnología afro ancestral y un medio radical para enfrentar el racismo y otras formas de violencia, al incorporar valores civilizatorios afrobrasileños en sus contenidos, creando un espacio de posibilidades al compartir el conocimiento entre capoeiristas. intrínseco al universo de la Capoeira. Al compartir sus experiencias, los líderes de capoeira generan un nuevo espacio de posibilidades para enfrentar la perversidad y brutalidad del racismo, creando así mecanismos de acción y reflexión para el mantenimiento de la Capoeira. Esto hace que esta cultura se centre en el ámbito del afrofuturismo actualizando sus valores según el momento histórico que vivimos.

PALABRAS CLAVE: Capoeira Angola, Medios Radicales, Tecnología Ancestral, Valores Civilizadores, Comunicación Interseccional.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**9**
2	**A CAPOEIRA ANGOLA**	**11**
2.1	**Breve histórico da Capoeira no Brasil**	**11**
2.2	**Contribuições da Capoeira Angola para a Sociedade**	**21**
2.3	**A Mulher na Capoeira**	**23**
3	**COMO O RACISMO CONFORMOU A VIDA NO NEGRO NO BRASIL**	**27**
3.1	**Dados sobre a População Negra no Brasil**	**27**
3.2	**A Branquitude e seu Pacto Narcísico**	**32**
3.3	**Feminismo Afrocentrado**	**40**
4	**VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROBRASILEIROS**	**44**
4.1	**Valores das Culturas Tradicionais Afro e Indígenas**	**44**
4.2	**A Circularidade, a Oralidade e a Coletividade**	**48**
4.3	**A Função dos Mestres da Cultura Afrobrasileira**	**51**
4.4	**A Capoeira como Tecnologia Ancestral e Mídia Radical**	**52**
5	**METODOLOGIA E HISTÓRIA DOS ANGOLEIROS DO SERTÃO**	**56**
5.1	**Fases da Pesquisa**	**56**
5.2	**Coleta de Dados**	**57**
5.3	**Entrevistas**	**58**
5.4	**Gravação de Áudio**	**58**
5.5	**Análise de Dados**	**59**
5.6	**História Fractal do Grupo Angoleiros do Sertão**	**60**
5.7	**Mestre Cláudio Costa**	**64**
6	**ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**	**71**
6.1	**Treinel Solange**	**71**
6.2	**Contramestre Blanca**	**80**
6.3	**Contramestre Minhoca**	**91**
6.4	**Mestre Xande**	**101**
6.5	**Mestre Tico**	**107**
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**115**
	REFERÊNCIAS	**121**
	APÊNDICE – Apresentação da Pesquisa	**123**

1. INTRODUÇÃO

O racismo está posto na sociedade pós-colonial, mantendo padrões de humilhação e subalternização de pessoas negras, povos originários e população periférica. Começo a ter contato com a capoeira em 2016 e com o passar do tempo é possível perceber como esta luta ensina para outros aspectos da vida e se faz presente na luta antirracista. A Capoeira Angola é compreendida aqui como movimento de luta e difusão cultural contribuindo para a ampliação de consciência das pessoas que fazem parte destes círculos, sendo essa uma estratégia de resistência e sobrevivência da população oprimida. Esta pesquisa foi realizada como parte dos estudos realizados pelo Neocriativa – Núcleo de Estudos sobre Economia Criativa da Unesp Bauru, fazendo parte do diálogo sobre cultura, educação, diversidade e transformação social.

O motivo desta pesquisa foi analisar os mecanismos utilizados por uma amostra das lideranças do grupo Angoleiros do Sertão para o enfrentamento do racismo e outras formas de violência. Para tanto, o principal objetivo deste trabalho foi analisar como Mestres, Contramestres e Treinéis de núcleos de Capoeira do grupo Angoleiros do Sertão pensam a dimensão política e social desta luta em seus espaços de atuação, buscando compreender as diferentes formas de pensamento, valores e organização. Que levam a Capoeira a ser um espaço tecnológico e midiático de enfrentamento ao racismo no Brasil.

Como objetivos específicos essa pesquisa buscou compreender como a inserção da Capoeira, enquanto luta pela liberdade de povos escravizados e oprimidos ajuda a propiciar no coletivo os mecanismos de comunicação interseccional entre grupos transgeracionais e de gênero atuando como instrumento de conscientização racial, de gênero e social. Estudar as formas e processos de organização das Rodas de Capoeira dentro da perspectiva tecnológica e midiática. Compreender a contribuição do grupo ao enfrentamento ao racismo e a brutalidade racial. Apreender como valores fundamentais para a Capoeira pode colaborar para o processo de transmissão de valores civilizatórios na comunidade, como: comunidade, coletividade, corporeidade, religiosidade, tradição, ludicidade, axé, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade e ancestralidade.

A pesquisa em um grupo de cultura tradicional como a Capoeira, possibilita ter uma visão sobre as formas possíveis de organização dos trabalhos desenvolvidos que visam o compartilhamento desse saber e o enfrentamento a violências sofridas. Num âmbito mais amplo a cultura popular tem sido tolhida de certos espaços, como se não fossem adequadas. Nesse sentido a Capoeira se apresenta como uma forma de resistência a este tipo de opressão, tendo a sua origem na cultura afro-brasileira observou-se a negligência com que o Estado trata a sua cultura e os Mestres dos saberes populares.

A sociedade capitalista-supremacista-branca, perpetua o racismo como forma de manter seus privilégios. A cultura pode ser uma forma de enfrentamento as violências que são direcionadas as pessoas negras. Atualmente no Brasil a população negra é a principal vítima de um sistema que extermina e excluí pessoas em todas as suas faixas etárias, as principais vítimas são jovens e mulheres. A Capoeira pode ser um espaço midiático e tecnológico de enfrentamento ao racismo e outras formas de violência à medida que sendo uma cultura de origem afro-brasileira traz em seus saberes a luta por liberdade de um sistema opressor.

Para tanto a pesquisa foi dividida em uma parte teórica onde no capítulo um foi abordado um breve histórico da Capoeira no Brasil, o segundo capítulo tratou sobre como o racismo conformou a vida no negro no Brasil, quais os mecanismos de violência que a branquitude criou para perpetuar seus privilégios e marginalizar pessoas negras. No terceiro capítulo foram pesquisados os valores civilizatórios afrobrasileiros, baseados em autores negros e indígenas, como espaço de possibilidade de enfrentamento ao racismo. O quarto capítulo trata sobre a etnografia e a metodologia de análise adotados nesta pesquisa, este capítulo também traz um registro fractal da história do grupo Angoleiros do Sertão e uma fala de Mestre Cláudio sobre circularidade. O quinto capítulo se traduz na análise das entrevistas de treinel Solange, contramestre Blanca, contramestre Minhoca, mestre Xande e Mestre Tico. E o último capítulo são as considerações finais acerca desta pesquisa.

2. A CAPOEIRA ANGOLA

Neste capítulo será apresentada uma contextualização histórica da Capoeira, onde foi realizada uma revisão bibliográfica embasada em autores que vivenciaram ou estiveram muito próximos da prática da Capoeira, buscando compreender quais são as origens da sua manifestação no decorrer dos séculos da colonização, como se deu a construção da cultura da Capoeira no Brasil e quais valores educativos que são compartilhados a partir da sua prática. A Capoeira é aqui compreendida como uma Tecnologia Ancestral de enfrentamento ao racismo e outras formas de violência, sendo uma mídia que transmite expressões da cultura afro-brasileira pelo Brasil e pelo mundo[1].

2.1. Breve histórico da Capoeira no Brasil

Reis (2000), pesquisa que a Capoeira surgiu nos quilombos durante a época colonial, esses espaços eram ocupados por pessoas negras em busca de liberdade que para alcançar este objetivo precisavam lutar contra o regime escravocrata. Esse processo contribuiu para a criação e desenvolvimento da Capoeira, mantendo uma ligação com o lugar do negro no Brasil, levando em consideração que o tempo histórico e as transformações sociais podem mudar ou atualizar o seu significado cultural de acordo com o lugar de inserção da pessoa negra na sociedade e a percepção da sociedade sobre a negritude.

Araújo (2004), reflete que a Capoeira em seu contexto histórico é representada como luta pela liberdade contra um sistema opressor, racista e colonial. A autora defende a ideia de que “a Capoeira é uma expressão cultural de matrizes africanas no Brasil”, sendo a representação de uma expressão cultural que foi transformada para adaptar as pessoas e se defender de uma sociedade escravista. A Capoeira, é pensada e construída ao longo da história da sociedade brasileira, se apresentando como uma forma de resistência e organização dos africanos e seus descendentes, pessoas que estavam impostas às condições

[1] Esta pesquisa foi realizada como parte dos estudos realizados pelo Neocriativa – Núcleo de Estudos sobre Economia Criativa da Unesp Bauru, fazendo parte do diálogo sobre cultura, educação, diversidade e transformação social.

perversas do racismo e a naturalização destas violências naquele período. Desta forma, é possível perceber a influência histórica, social e cultural determinante do processo civilizatório negro na constituição da nossa nacionalidade ou da nossa identidade, de forma que a Capoeira, assim como o Samba, o Candomblé e outras expressões da cultura afro-brasileira são importantes mecanismos antirracistas neste processo.

A Capoeira é uma luta criada no Brasil, por pessoas em situação de escravização. Existem aproximações nas expressões culturais das diferentes manifestações afros. O pesquisador Abreu (2014) fez um estudo sobre o batuque, essa expressão é usada no período colonial para se referir a manifestações que combinavam, principalmente, percussão e dança, como: a capoeira, o candomblé, o samba, a batucada e o batuque-luta[2]. O autor relata que a função das festas estava relacionada a um lugar de denúncia sobre os maus tratos sofridos, e aponta a intolerância com que eram tratadas as manifestações afro naquele período.

> Antigamente, batuque era um termo genérico, com o qual se denominavam, instintivamente, muitas vezes, por denúncia e maltrato manifestações negras que se realizavam quase sempre mediante a combinação da percussão com a dança. Além do atabaque, do pandeiro, da zabumba, os negros tocavam chocalhos, corneta de barbeiro, violão, viola, kalimba, lata, reco-reco, bambu, prato, marimba, urucungo - berimbau. Em casos extremos, qualquer zoada de negros poderia ser interpretada como batuque, a depender da intolerância das autoridades. Aí acrescente: sapateados, alaridos, assobios, rumores, vozerias e palmeados. Poderia ser uma manifestação negra de natureza sagrada ou profana. Samba, candomblé, capoeira e outras danças e folguedos negros, apesar de distintos entre si, foram denominados de batuque. Nas festas negras em geral na cidade como a Mãe D'água a Lavagem do Bonfim, estavam presentes provando a presença dos negros no meio delas" (Abreu, 2014, p.15).

Em relação a expressão do batuque-luta, Abreu (2014) relata que na atualidade não se tem conhecimento da sua prática como foi registrado antigamente, porém acredita que há algumas expressões do batuque-luta no Recôncavo Baiano, mas não existe nenhum movimento do governo para mapear e identificar estas

[2] Termo genérico usado por Frede Abreu para distinguir esta manifestação do batuque. O batuque-luta mobilizava dois parceiros de cada vez. Enquanto um permanecia plantado no centro da roda, o outro rondava fazendo manobras para derrubá-lo. Derrubar essa era a finalidade. Fosse a base da manha, da força ou categoria. Ou na tora. Luta, brincadeira, dança, jogo, a mesma definição indefinição da capoeira. Ou a constatação da pluralidade de sentidos comum as duas manifestações (Abreu, 2014, p.26)

práticas culturais. Foi observado que há elementos do batuque-luta também presentes na música. O autor interpreta como a classe senhorial de uma sociedade patriarcal, segregacionista e branca do período colonial compreendia a prática do batuque como expressões da cultura afro. Diz o autor:

> Apesar da cidade ter sons de outros instrumentos e da zoada por eles provocada, é certo que a definição semântica de batuque se deu em função da batida do tambor, do som percutido pela "mão do negro no couro". Interpretado pelos afetos "civilizados", como dissonantes, estridentes, estrondosos, malditos e infernais. Temidos, porque suas falas, sons e ruídos podiam ser interpretados como atiçadores de energias rebeldes dos negros, escravos ou livres, emissores de sinais conspiratórios. Temores mais ativados na primeira metade do século 19, quando uma onda de rebeliões negras afetou a sociedade escravocrata Baiana (ABREU, 2014, p.17).

A cultura africana nos deixou o legado do samba, da capoeira, do batuque entre outras expressões culturais, a partir do processo histórico de sobrevivência dos povos negros no Brasil, essas manifestações trazem a marca do povo bantu[3], que se desenvolveram agregando elementos de outras etnias africanas, sem perder a sua originalidade, tornando-se ponto de referência para as manifestações surgidas no Brasil. A Capoeira traz elementos do samba, do batuque-luta e do candomblé de caboclo, isso mostra a criação de novas expressões, a partir de diferentes manifestações culturais. Isso é atribuído as diferenças étnicas entre os negros que geravam um campo de influências e facilitava a combinações culturais, incluindo até mesmo manifestações não-negras, gerando configurações que são matrizes da cultura brasileira (Abreu, 2014).

Os encontros para os batuques eram vistos como uma combinação de festa com política, organizada pelos movimentos negros, tendo a possibilidade de ser um ambiente onde era possível transmitir mensagens de organização. Existem registros da prática do batuque e do batuque-luta na zona rural da Bahia, onde trabalhadores rurais - vaqueiros, foguistas e agregados incluíam em seus festejos repertórios de batuque. Essa brincadeira era chamada de batuque-boi, apresentando o linguajar do local com características bem marcantes e figurativas das realidades vividas pelo povo da roça (Abreu, 2014).

O autor interpreta que a sociedade do período escravagista, repugnava a prática cultural das pessoas negras e queria extingui-las, porém não podiam se

[3] Temo utilizado para definir todos os negros que servem raiz Ntu, significa homem para qualificar os seres humanos, com o acréscimo do prefixo Ba, faz referências ao homem da tribo (Xavier, 2004, p.11)

desvincular delas, porque tinham uma relação de dependência. Por outro lado, as pessoas negras não podiam viver sem seus batuques, já que representavam momentos de religiosidade, festa, dança, luta, organização, desta forma, a prática dos batuques sobreviveu ao tempo e às violências sofridas naquela época (Abreu, 2014).

Enquanto manifestação histórica de resistência negra no Brasil, a Capoeira se apresenta como lugar de resistência cultural, sendo um espaço que possibilita a preservação de símbolos tradicionais africanos e afro-brasileiros, a partir do compartilhamento de seus conhecimentos. Reis (2000) estudou os registros dos capoeiristas no Rio de Janeiro da época imperial no Brasil a partir de arquivos policiais. Tais documentos apresentam a participação de escravos, mestiços, e imigrantes brancos na capoeira, que tinham condições de existência semelhantes. Esse grupo de pessoas geralmente, eram trabalhadores informais com a função de sapateiro, pedreiros, vendedores, feirantes, pessoas ligadas a atividades de trabalho relacionadas ao trabalho autônomo ou informal. A autora diz que na Capoeira parece existir uma circularidade simbólica que envolve os diferentes grupos raciais e sociais presentes, através desta interação “foi possível modificar estratégias e criar novos dispositivos culturais, onde todos tem acesso a símbolos, cores e sinais próprios da condição escrava”, inserindo os participantes nos elementos da cultura afro-brasileira.

A roda da Capoeira herda uma história de formação de grupos bem recente, ela surge no contexto de enfrentamento de uma situação de adversidade como as pessoas negras tinham naquele momento num país escravocrata, na transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado, uma situação de segregação, violência e brutalidade em relação ao homem negro. A roda surge num momento de necessidade do homem negro, para dar resposta a uma realidade política e social. Ela é uma plataforma midiática e tecnológica de enfrentamento as adversidades em relação ao homem negro (Xavier, 2023)[4]. A partir das rodas de Capoeira, foi possível ao homem negro ter dignidade dentro deste espaço cultural e ganhar representação social ao fazer da Capoeira o seu ofício.

Desta memória histórica da luta dos africanos e suas transformações com o passar do tempo, destaca-se dois estilos reconhecidos como formas da sua

[4] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante uma orientação no ano de 2023.

expressão, a Capoeira Angola e a Regional (Araújo, 2004). As referências de Mestres nos estilos citados, são Mestre Pastinha[5] precursor da Capoeira Angola pensada enquanto espaço formativo e Mestre Bimba[6], precursor da Capoeira Regional e idealizador da sua metodologia de ensino, sendo que as ações destes dois Mestres de Capoeira contribuíram para a descriminalização da luta e a organização destes espaços como escolas.

A organização do espaço da Capoeira como escola, possibilitou aos Mestres a oportunidade de sistematizar o ensino dos elementos que compõe a Capoeira, como a movimentação, ensino dos movimentos típicos da Capoeira, como rabo de arraia, aú, negativa, queda de rins, bananeira entre outros; a musicalidade, onde as baterias podem ser compostas por até oito instrumentos, como berimbaus, pandeiros, reco-reco, agogô e tambor, o ritual, ensino das ladainhas, louvações e corridos. No caso da Capoeira Regional, Mestre Bimba, estruturou oito sequências de movimentação que constituem o compartilhamento deste estilo.

A Capoeira em seu contexto histórico é a representação da luta pela liberdade contra um sistema opressor, racista e colonial. O racismo é uma construção social que atravessa os tempos atuando como uma ideologia que orienta o funcionamento da sociedade (ARAÚJO, 2004). Ao longo do tempo a Capoeira e outras manifestações afros enfrentaram muitos obstáculos para serem manifestadas. A

[5] Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 5 de Abril de 1889, responsável pela difusão da Capoeira Angola, bem como pela reunião e organização dos princípios e fundamentos de um dos maiores símbolos da cultura brasileira. Assumindo a missão de organizar a *Capoeira Angola* e de devolver a ela seu valor e visibilidade, enfraquecidas pela emergência e popularização da *Capoeira Regional*, Mestre Pastinha funda o *Centro Esportivo Capoeira Angola (CECA)*, localizado no Largo do Cruzeiro de São Francisco, a primeira escola de Capoeira Angola. Em 1952, o CECA foi oficializado e três anos depois sua sede muda para seu endereço mais famoso: o casarão da Praça do Pelourinho, nº 19. Neste período, Pastinha já estava com 66 anos de idade. Apesar desse raro momento de reconhecimento do Estado brasileiro da importância de Pastinha, o *Velho Mestre* trabalhou e empenhou-se pelo crescimento da *Capoeira Angola* quase sempre sem qualquer apoio ou incentivo dos órgãos públicos. Ao contrário disso, em 1971, foi vítima do processo de gentrificação (higienização social) que se deu no Pelourinho, local que começava a ser visado pela especulação imobiliária dado o forte apelo turístico do lugar.

[6] Manoel dos Reis Machado, nasceu em 23 de Novembro de 1899 conhecido como Mestre Bimba, foi o criador da capoeira regional, também chamada de luta regional baiana, no final da década de 1920. A partir de seus conhecimentos sobre a capoeira primitiva – capoeira Angola – e sobre a luta denominada batuque, ele foi o primeiro capoeirista de sua época a desenvolver um sistema de ensino e, também, o primeiro a dar aulas em ambiente fechado. Conquistou reconhecimento e respeito da sociedade, numa época em que a perseguição a manifestações da cultura negra era intensa. Mestre Bimba teve sua vida dedicada ao ensino e a prática da capoeira, faleceu em 15 de fevereiro de 1974 em Goiânia, não teve apoio do poder público baiano e mudou-se ao final da vida para Goiás com promessas de apoio e ajuda financeira de um aluno, acredita-se que estava descontente com as traições, falta de apoio e dificuldades financeiras.

partir daqui serão feitos recortes temporais com a finalidade de ilustrar algumas destas adversidades enfrentadas pelos negros no período colonial ao período contemporâneo.

Há notícias que desde o século XVII, as práticas com tambores foram proibidas em alguns municípios da Bahia. “Em sete de Setembro de 1672, uma postura promulgada pela casa da Câmara de Salvador proibia que se usassem atabaques na cidade, estabelecendo a pena de seis mil reis para quem a infringisse” (Abreu, 2014). Observa-se que os registros mais antigos a respeito da expressão das culturas afros mostram que elas já estavam submetidas as violências cometidas pelas autoridades.

Em 1716, foi promulgada uma nova postura também pela Câmara de Salvador, onde foi proibido que usassem atabaques e marimbas dentro dos muros e praias dessa cidade, estabelecendo a pena de seis mil reis (Abreu, 2014). Apesar de poucas informações sobre esta época, é possível observar que tais registros históricos mostram como a elite colonial compreendia estas expressões culturais através das proibições e punições aplicadas aos seus praticantes.

No século XIX, a prática da Capoeira era temida e malvista pela elite de senhores escravistas e consequentemente pela polícia, este fato levou a tomada de medidas pelo governo que nos anos de 1821 e 1822, estabeleceu o retorno dos açoites e outras medidas de repressão contra os capoeiristas. Nesta época no Rio de Janeiro, havia o crescimento das maltas, formadas por grupos de capoeiristas que se demonstravam insatisfeitos com a monarquia e causavam muitos conflitos de ordem política nas ruas da cidade (Araújo, 2004).

Em Salvador a prática do batuque foi compreendida como um movimento que precedia as práticas de guerra. Com o motivo de que os toques chamavam espíritos guerreiros, muitos batuques foram organizados durante as rebeliões escravas que aconteceram na primeira metade do século XIX em Salvador e no Recôncavo Baiano. Há notícias que um tambor chamado batá-cotó, que foi trazido pelos negros da etnia egbá (yorubás)[7] e eram tocados com a finalidade de estimular as pessoas a guerrearem. “Após A Rebelião dos Malês, em 1835, sua importação ficou proibida”, a justificativa das autoridades da época é que as pessoas alucinavam ao ouvir o som do tambor (Abreu, 2014).

[7] Povos provientes de Oyó, capital yorubá (Xavier, 2011, p. 28).

Abreu (2014) revela que os batuques e as festas religiosas aconteciam antes das ações de pessoas escravizadas contra os senhores de engenho. Este fato pode ajudar a explicar por que os escravocratas baianos temiam essas manifestações e buscavam reprimir os toques dos tambores africanos. Buscando estabelecer um controle mais efetivo sobre o batuque, as autoridades no início do século XIX tinham opiniões que criminalizavam estas expressões culturais. Destacam-se neste período na Bahia, o Conde da Ponte e o Conde dos Arcos.

O Conde da Ponte foi o mais radical, queria extinguir as práticas dos batuques, pois eram vistos por ele “como uma forma de subordinados se transformarem em insubordinados”, era apontado como um movimento que causava desordens, era um espaço de vadiações e servia como lugar que organizavam as rebeliões negras (Abreu, 2014). O Conde dos Arcos tinha a mesma linha de pensamento, mas agiu de forma diferente, porém também coercitiva, procurou abrandar a repressão aos batuques, permitindo que suas manifestações acontecessem em locais e horários estabelecidos e controlados pela polícia. O Conde e alguns senhores entendiam que as festas negras serviam como momentos que amenizavam as dores da escravidão.

Este plano para abrandar a repressão aos batuques, procurava de forma subliminar inserir nesses espaços propostas que buscavam causar conflitos entre os participantes. O Conde dos Arcos acreditava “que os batuques possuíam um fio que contém o seu próprio precipício, [na medida que as festas] dos negros fossem permitidas, haveria mais chances para proporcionar disputas internas, fomento de rixas, divisões étnicas e conflitos”. A ideia era acabar com os laços de solidariedade que esses encontros poderiam favorecer o desmonte daquela organização (Abreu, 2014).

Os largos da Graça e do Barbário, na cidade de Salvador foram espaços onde foram permitidas as festas pretas, essas reuniões geravam oportunidades para a diversão para se organizar e para fortalecer o espírito no enfrentamento à brutalidade do racismo. Nesses espaços podem ter acontecido muitas brigas, mas mesmo com esses conflitos premeditados pela elite brasileira esses lugares funcionavam como ponto de encontro dos malungos[8] que podiam renovar os seus laços de camaradagem e formar outros. O processo de resistência negra era

[8] Camaradas desde os navios negreiros, companheiros de sofrimento - a escravidão (Abreu, 2014).

fortalecido através das manifestações afro, esses encontros funcionavam como um meio de transmitir valores trazidos de África, que podiam ser reelaborados para a realidade brasileira, criando novos valores (Abreu, 2014).

Abreu (2005) destaca a Guerra de Independência da Bahia, que aconteceu em Fevereiro de 1821 e teve seu desfecho no dia dois de Julho 1822, consta a participação de capoeiristas nesta luta contra os portugueses nos registros históricos pesquisados. Este movimento fomentou a Independência do Brasil ocorrida em sete de Setembro de 1822. O autor narra a participação de Maria Felipa, mulher negra moradora da Ilha de Itaparica que se destacava pela sua valentia, contribuiu com a organização do movimento e revela fortes indicações da sua aproximação com a Capoeira. O fechamento deste acontecimento se deu com o desfile de dois de Julho, que acontece até hoje no Recôncavo Baiano, com a exaltação da figura de indígenas e caboclos como a representação da identidade brasileira.

De 1832 a 1927 foram observados registros dos noticiários policiais de jornais baianos, que se repetiam as queixas das autoridades e de parte da população baiana contra os batuques. A partir da República em 1889, as queixas se mantiveram, mais além foram feitos apelos para que os hábitos africanistas fossem extinguidos, usando o argumento de que a Bahia não se parecesse com uma vila de um país africano. Comparar a Bahia com a África era um sinal de atraso, segundo os colonizadores, as expressões das manifestações afro-brasileiras diminuíam a imagem dos baianos como um povo pouco civilizado (Abreu, 2014).

A intenção por trás desses argumentos, era que já que não era possível abrir mão da força de trabalho dos descendentes de africanos, que a sociedade ficasse livre dos africanismos. Como se fosse possível fazer esse tipo de apagamento. A cultura preta resistiu e permaneceu e o que hoje se chama de cultura afro-baiana, já estava naquela época em busca da sua legitimidade (Abreu, 2014).

No século XIX, a prática da Capoeira e outras manifestações afro, foram objeto de medo e perseguição, o governo implantou penalidades legais a capoeiristas, punindo as organizações negras principalmente as que eram movidas pela rebeldia (Araújo, 2004). No ano de 1890, as penas para os praticantes de Capoeira passam a fazer parte do código penal brasileiro, sendo instaurada a Lei da Vadiagem, que tinha como objetivo de reprimir, condenar e encarcerar o homem

negro, na medida em que esse tipo de pena era aplicada aos capoeiristas (Xavier, 2023)[9].

A Capoeira foi criminalizada no Brasil até a década de 1930, fase em que os capoeiristas eram punidos com aprisionamentos, açoites e trabalhos forçados para o governo. Um dos fatos que pode explicar esta criminalização é que “a noção de liberdade dos ex-escravos significava não ter que servir a pessoa alguma”, a liberdade é considerada crime num país de origem escravista (Reis, 2000).

Na década de 1930, Edson Carneiro[10] em seus estudos sobre o negro brasileiro, conclui que o batuque tem fortes ligações com duas manifestações da cultura afro: o Samba duro e a Capoeira. Esse autor, ao observar essas práticas concluiu que o batuque parecia uma variação da capoeira e revela que os capoeiristas da época sabiam jogar o batuque-luta, embora a Capoeira seja a luta mais praticada neste momento, o batuque-luta passa a ser secundário. Em janeiro de 1937, Edson Carneiro organiza e realiza em Salvador o II Congresso Afro-brasileiro, considerado o evento mais importante sobre o tema, tendo em sua programação rodas de samba, batuque e Capoeira (Abreu, 2014).

Em 1934, no governo Getúlio Vargas é regulamentada a prática livre da Capoeira, através da mediação de Mestre Bimba. Assim começa a sua descriminalização e salta os interesses de um governo em busca de uma identidade nacional através do esporte e da cultura brasileira. Após este acordo a prática da Capoeira foi retirada do código penal. Ao longo do tempo essa luta foi sendo ressignificada e procurava romper com estigmas que pairavam sobre os capoeiristas no século XIX, os associando ao crime e a marginalidade (Araújo, 2004).

De acordo com Araújo (2004), nesta época Mestre Bimba começa a luta regional baiana ou Capoeira Regional. A Capoeira Regional, a partir da (re)organização de Mestre Bimba, passa a ser considerada um esporte. A Capoeira Regional, mantém movimentos da Capoeira associados a movimentos de outras artes marciais, e passa a ser praticada no Brasil e no mundo. No mesmo período Mestre Pastinha, inicia o ensino da Capoeira Angola, organizada como escola na cidade de Salvador, com movimentos corporais parecidos aqueles que deram origem à Capoeira e também na forma de transmissão desses conhecimentos.

---

[9] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante uma orientação no ano de 2023.

[10] Edson de Souza Carneiro foi um escritor e etnólogo brasileiro, especializado em temas afro-brasileiros.

Algo comum aos dois Mestres, é que o fato de terem sido tão importantes para o universo da Capoeira, não lhes garantiram mobilidade social ou segurança financeira na velhice, os dois mestres não conseguiram romper com a pobreza e o abandono ao final da vida. O abandono dos Mestres de Capoeira mais velhos, é muito comum na Bahia e revela a sua relação com o poder público e o acesso a políticas públicas que lhes garantam dignidade na velhice e que valorizem a cultura popular, visto a importância que tem a Capoeira na formação da cultura baiana e sua participação no campo do turismo no estado (Araújo, 2004).

Uma consideração sobre os velhos Mestres da cultura popular, é que não é possível mobilizar esses conhecimentos se você não aprende com a pessoa mais velha, a presença do velho na cultura africana é muito importante. Ele é um patrimônio da sua história, ele é a lembrança, é a memória viva, é a experiência. É isso que vai construindo a imagem do Mestre, como uma síntese do patrimônio histórico acumulado. O que dá a liga a essa memória das rodas é a presença das pessoas mais velhas e mais experientes (Xavier, 2023)[11].

Após a descriminalização da Capoeira na década de 1930, essa luta se difundiu por diversos países, tornando-se a maior disseminadora da língua portuguesa pelo mundo. Considera-se nesta pesquisa que a Capoeira espalha o pretuguês, termo criado por Lélia Gonzales para definir a fala dos povos oprimidos, como enfrentamento da lógica supremacista branca, representando a africanização do português falado no Brasil.

A Capoeira é uma arte que pode reunir crianças, adolescentes, jovens, homens, mulheres, pessoas idosas, sendo uma prática transgeracional que agrega diferentes cores, gêneros e classes sociais. Os eventos de Capoeira atualmente, tem como uma das funções trazer ensinamentos sobre a prática da Capoeira e outras expressões culturais afro, atuando como fonte de reflexão dos capoeiristas em suas atividades, atualizando seus saberes.

Apesar de muita coisa ter mudado após o reconhecimento da Capoeira como esporte brasileiro, capoeiristas ainda foram perseguidos e até presos por suas manifestações culturais. Mas apesar deste histórico de sofrimento que a capoeira carrega, hoje as escolas de Capoeira funcionam como espaços de formação, onde valores civilizatórios afro-brasileiros são transmitidos aos seus aprendizes. Reúne-se

[11] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante uma orientação no ano de 2023.

neste ambiente a ludicidade, a corporeidade, laços de solidariedade, entre outros que favorecem o acolhimento daqueles que chegam até estes lugares.

Através da Capoeira foi possível ao homem negro sobreviver a essa brutalidade do encarceramento, assegurou a eles frequentarem o espaço urbano, já que ele não tinha um trabalho regular como o homem branco e deu a eles protagonismo social. Isso que faz da roda de Capoeira uma plataforma midiática e tecnológica. A Capoeira mobilizou conhecimentos ancestrais para desenvolver uma plataforma que é positiva para a população negra. Desta forma, se estabelece a interface: roda de capoeira/ancestralidade/tecnologias e mídias. Neste contexto, a capoeira se organiza como uma plataforma midiática e tecnológica de mobilização dos conhecimentos ancestrais, que tem um papel importante na construção e sobrevivência da população negra, particularmente do homem negro no contexto do racismo (Xavier, 2023)[12].

Atualmente convivemos com outra realidade dos movimentos negros, é possível observar traços em comum como o sentimento de liberdade que continua sendo reivindicado. A partir das mudanças sociais e da evolução de novas formas de se expressar o racismo, pessoas negras continuam sendo discriminadas pelo sistema no acesso as políticas públicas. Os encontros do movimento negro na atualidade são espaços para expressar desejos de mudanças na sociedade através desses encontros. Na Bahia, há várias expressões destas manifestações, como por exemplo os blocos afros em Salvador e os trabalhos sociais, com base na arte e na cultura que estes desenvolvem (Abreu, 2014).

2.2. Contribuições da Capoeira Angola para a Sociedade

Desde o século XVII, a cultura negra vem se transformando e se adaptando a realidade brasileira. A Capoeira tem como referência as transformações de acordo com o tempo histórico que vivemos, misturando movimentos corporais, expressões artísticas, luta e meio de ação política. Os capoeiristas se atualizam no momento presente, onde nota-se meios de repressão diferentes daqueles que aconteciam no passado, em diferentes espaços sociais demonstrando o quanto ainda estamos inseridas numa sociedade racista, machista e supremacista branca. A Capoeira é

[12] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante uma orientação no ano de 2023.

considerada uma tecnologia ancestral[13], do ponto de vista da luta e resistência do povo preto, e continua até hoje atuando nos enfrentamentos dos mecanismos de poder existentes. Será tratada nesta pesquisa como tecnologia ancestral, por se tratar de um mecanismo trazido por ancestrais para o enfrentamento e transformações sociais. Esta luta possibilita a ampliação do ponto de vista, a partir de reflexões e aprendizados de que um acontecimento pode ter diversos sentidos, não sendo limitada a uma verdade única (Araújo 2004; Abreu, 2005; Xavier,2023).

A Capoeira Angola é um movimento de resistência dentro do próprio ambiente capoeirístico. Em meio a uma diversidade de expressões na Capoeira na atualidade, a Angola preza pela tradição e pelos princípios dos rituais do passado, junto com as inovações contemporâneas [...] tendo em sua expressão movimentos mais rasteiros, com o objetivo surpreender o parceiro em seu momento de distração durante o jogo. A manha e a malandragem são privilegiadas dentro deste espaço. A autorregulação dos seus praticantes acontece a partir de uma infinidade de combinações de ideias dentro do ambiente da Capoeira (Reis, 2000).

Mestre Pastinha ensina que a Capoeira é um meio de defesa e ataque, sua prática pode contribuir para o desenvolvimento físico e psíquico, estabelecendo um equilíbrio entre os dois polos, a Capoeira pode ser iniciada em qualquer idade e a pessoa aprende sobre movimentação, musicalidade e elementos subjetivos que são importantes para o desenvolvimento do jogo e da vida. Na ginga está a extraordinária malícia da capoeira, Mestre Pastinha diz que a malícia é um ingrediente fundamental que torna a luta mais perigosa, também chamado pelos capoeiristas de mandinga. “Essa noção é altamente politizadora na medida em que, inspirada na surpresa do ataque, subverte as hierarquias e institui um contrapoder” (Reis, 2000).

Instigados pelo potencial de luta e resistência que a capoeira pode despertar nas pessoas, uma força no campo individual que pode fortalecer o indivíduo nos enfrentamentos de seus problemas cotidianos e no enfrentamento às violências do sistema que estamos inseridos, buscando formas de mudar esta realidade. A

[13] Souto (2021) entende que a tecnologia ancestral está relacionada a uma forma “de organização social e cultural própria das populações negras que vem garantindo a atualização dos seus mecanismos de resistência e inspirando a apropriação estratégica dos instrumentos culturais para imaginar um devir negro”, gerando aquilombamentos entre pessoas que lutam por condições mais dignas de existência seja no âmbito cultural e social.

dissimulação da Capoeira nos séculos passados, onde se camuflava uma luta potente, se escondia através dos jogos, das brincadeiras, das festas e das danças para se proteger dos colonizadores, trazendo um conjunto de elementos ritualísticos e movimentos (ações) de ataque e defesa que transpassa o ambiente da roda (Reis, 2000).

A Capoeira traz em si a luta de uma manifestação que dá continuidade ao processo civilizatório africano no Brasil. Através de suas expressões corporais e musicais a Capoeira traz a memória das histórias das lutas negras, seu pertencimento ancestral é transmitido através da oralidade e sua capacidade de se transformar e rever valores é uma das características que fazem parte da construção da sua própria identidade (Araújo, 2004). Nos lugares onde a Capoeira é ensinada pode-se observar a transmissão de diversos valores civilizatórios afro-brasileiros para uma diversidade de pessoas com diferentes origens, idades e gêneros.

A diversidade é um elemento que faz parte da circularidade e da coletividade, é posta como um desafio, mas é a partir da convivência com as diferenças que podemos aprender com sabedoria, respeito, humildade e até com amor. Quando percebemos as diferenças como expressão da riqueza e da diversidade humana, perdemos as certezas das verdades e juízos e somos colocadas no campo da dúvida, da inquietação e da busca. Somos seres diversos e temos como objetivo conviver com as diferenças e lidar com respeito e sabedoria com elas em todos os espaços (Trindade, 2013). A Capoeira é coletiva em sua essência, sem coletividade não há roda e torna-se inviável a transmissão dos saberes que fazem parte desta luta.

2.3. A Mulher na Capoeira

Abreu (2005) revela a partir de suas análises a pouca participação de mulheres nas rodas de Capoeiras que eram registradas por artistas no século XIX. O autor observa em seus estudos históricos que as mulheres estavam presentes nas proximidades da roda e que contribuíam dando palpite sobre os jogos, comentando, observando, sua principal função dentro do movimento eram as organizações de encontros sociais e festas, onde aconteciam as reuniões para organizações da população negra naquele período.

Nas primeiras décadas do século XX, são encontrados registros da presença das mulheres na Capoeira, estas tidas como mulheres desordeiras e valentes, sendo elas: “Maria 12 Homens”, “Calça Rala”, “Satanás”, “Nega Didi”, “Maria Para o Bonde”, “Júlia Fogareira”, “Maria Homem”, “Maria Pé de Mato”, nomes que fazem referência a características masculinas. Essas mulheres aparecem na história convivendo nas rodas de Capoeira, nas brigas de rua, usando artefatos como navalhas, facas e cacetes. Passavam por repressão policial e a imprensa noticiava o comportamento moral dessas mulheres, com intuito de não as reconhecer enquanto padrão de mulheres da sociedade (Almeida, Setenta, 2019).

Fernandes e Silva (2008), ao analisarem ladainhas e corridos de Capoeira, revelam que através da musicalidade podem ser encontrados indícios de sexismo na Capoeira, como as cantigas que tratam a mulher de forma subalterna, outras rogam praga e desejam a morte de mulheres, ou que reforçam a ideia do castigo físico ou psicológico, mediante as atitudes que fogem do controle disciplinar e controlador de parte dos homens. A aplicação de castigos se justifica à medida que compensaria o sofrimento emocional do homem, fosse ele causado pelo ciúme ou pela traição de sua companheira. Outras músicas associam o comportamento da mulher de forma masculinizada, retirando-lhes a característica de feminilidade.

As mulheres que participavam dos círculos da Capoeira, geralmente eram mulheres pobres e na maioria das vezes negras, mães de família que lutavam para criar seus filhos, esposas, donas de casa, trabalhadoras que tiveram um papel de extrema importância na disputa da mulher para ter sua voz e vez em espaços públicos. Mulheres libertadoras das amarras políticas, vítimas da segregação social, opressão e machismo, que faziam uso dos seus corpos como impulso de luta para uma vida mais justa. Pode-se observar que a Capoeira exerce uma significativa influência na manutenção de valores e formas de ser e estar no mundo (Almeida, Setenta, 2019).

A participação das mulheres na Capoeira tem aumentado na atualidade, mas ainda assim a mulher precisa lutar para ter seu espaço de reconhecimento. Há relatos de mulheres que indicam que sentem maior exigência no ambiente da Capoeira e por este motivo dedicam-se a sua prática com mais intensidade. As autoras orientam que o ensino da Capoeira, deve ser associado à educação em direitos humanos que estabelece a igualdade entre homens e mulheres “rompendo com os preconceitos e as opressões que tanto na Capoeira quanto na sociedade

reforçam e reproduzem a cultura machista que violenta e mata mulheres todos os dias” (Almeida, Setenta, 2019).

Almeida e Setenta (2019) indicam que a Capoeira enquanto manifestação cultural negra faz intersecções com as questões de raça e gênero. Em sua essência a Capoeira alimentou o desejo de libertação das pessoas escravizadas, o que fez dela uma ameaça ao sistema escravista, observa-se que como fruto dessa luta e resistência a Capoeira se estendeu as dimensões psicológica e social das pessoas negras. Com o recente reconhecimento do espaço que a mulher pode ocupar na sociedade, considera-se que uma aproximação entre direitos culturais e igualdade de gênero crie a possibilidade de diálogo e enfrentamento a violência contra mulheres, em especial a mulher negra. Assim, a Capoeira torna-se ainda mais potente, por ser uma manifestação cultural histórica e simbólica de resistência e afirmação da cultura negra.

As mulheres passam por diferentes formas de opressão e subjugação, como o determinismo biológico, onde a mulher é considerada frágil, emotiva, sem capacidade para tomar decisões e realizar determinadas tarefas sem a orientação masculina. Isto acontece de forma histórica, onde o patriarcado, o machismo [e o supremacismo branco] são construídos e reproduzidos na sociedade. Através destas e outras justificativas a sociedade e seus membros são moldados com base na hierarquia de gênero, que passa a desenvolver diferentes e eficientes mecanismos de controle do corpo feminino (Almeida, Setenta, 2019).

Não podemos descontextualizar o universo capoeirístico de uma realidade na qual as mulheres até hoje, não tem os mesmos direitos do que os homens. O preconceito dentro do universo da Capoeira pode vir de uma tradição masculina em sua prática, pois o seu acesso pode ter sido mais fácil para os homens. Somente na década de 1960, com a luta feminista, a situação da mulher começou a mudar no âmbito familiar, profissional e afetivo (Fernandes, Silva, 2008). Essa dinâmica não é exclusividade do ambiente da Capoeira, a sociedade é estruturada de forma racista e machista e isto se reflete nos mais diversos grupos sociais e essa luta é cotidiana e em todos os espaços.

A Capoeira não deve ser somente espaço de resistência do povo negro, mas da mulher, principalmente a mulher negra que é ainda mais oprimida. A mulher além de ocupar o seu lugar na sociedade, deve também ocupar esse espaço na Capoeira. É importante que meninas, adolescentes, jovens e mulheres que estão nas rodas de

Capoeira hoje, possam ter referências de Mestras e Contramestras servindo como inspiração para o futuro. O debate sobre o feminismo é uma necessidade política, intelectual e de construção para a sociedade e para os capoeiristas, que por muitas vezes podem reproduzir uma conduta opressora no próprio meio. Mulheres precisam discutir o que vivem dentro da Capoeira e ter o cuidado de não reproduzirem o ensino machista a que foram submetidas, revendo seus próprios valores (Almeida, Setenta, 2019).

De acordo com Araújo (2022), apenas mais recentemente a discussão antissexista tem feito parte dos círculos de Capoeira e são importantes no sentido de manter as mulheres em movimento, lutando – jogando, gingando em origens e destinos que possam assumir novos contornos, onde o racismo e os preconceitos possam ser questionados, refletidos e ganhar novas formas de jogar. Destaca-se a importância de tratar os desequilíbrios intragênero, resultantes do escravismo e do racismo que colocam a mulher negra na base da pirâmide social expostas a diversas formas de exploração e violências, reafirmando a Capoeira como um jogo de descolonização, “um jogo que atenta ao que propõe essa nova chamada”.

3. COMO O RACISMO CONFORMOU A VIDA NO NEGRO NO BRASIL

Neste capítulo será abordado como o racismo conformou a vida do negro no Brasil, a pesquisa para construção desta parte da dissertação foi realizada a partir de dados sobre o tema do colonialismo, a branquitude, o racismo e a mulher negra que foram estudados por autores como Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Grada Kilomba e Cida Bento, demonstrando como isto impacta a vida das pessoas no âmbito individual, coletiva, da economia, da saúde, educação, infraestrutura e moradia.

Tal contexto foi estabelecido através do sistema de modo de produção capitalista que ao longo dos séculos teve como principal objetivo o acúmulo de riqueza em detrimento à qualidade de vida das pessoas que trabalhavam para que isso fosse possível, isso impactou diretamente à vida da população negra na condição escrava e atualmente atinge diretamente a vida de pessoas negras, pardas e periféricas, tendo como consequência a exclusão e o aniquilamento desses sujeitos causados pelo racismo.

3.1. Dados sobre a População Negra no Brasil

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), reúne dados de violência das polícias civis e militares de todos os estados do Brasil referente ao ano de 2023, trouxe estatísticas que a letalidade policial tem feito dezessete vítimas por dia no país, totalizando 6.429 mortos em intervenções policiais por ano, dessas vítimas 76,9% são pessoas negras. Os registros sobre violência contra mulher indicam que houve 1.437 feminicídios e 4.034 homicídios femininos, a taxa de tentativa de feminicídio cresceu 16,9%, sendo que mulheres negras são 61,1% desta violenta realidade. A partir destes dados é possível observar que a forma como estes registros são realizados demonstra a necessidade do letramento sobre o racismo e a violência contra a mulher, visto que as mortes de mulheres ainda são registradas como homicídios.

De acordo com Nascimento (2016), é fato que no Brasil as pessoas carregam uma marca que é determinada pelo fator étnico e racial, desta forma um brasileiro

pode ser classificado como preto, negro, moreno, mulato, crioulo, pardo, mestiço, cabra ou qualquer outro eufemismo, o que é possível compreender que se trata de um homem de cor, os descendentes de africanos escravizados, portanto trata-se de um negro, não importa a graduação da pele. Kilomba (2020) reflete que a língua tem a dimensão de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra define o lugar das identidades. Existem termos na língua portuguesa que são usados para afirmar a inferioridade de uma identidade através da sua animalização, termos que foram usados em projetos europeus durante o período de escravatura e colonização, ligados a políticas de controle da reprodução e proibição do “cruzamento de raças”, reduzindo essas novas identidades a condição de animal irracional e impuro.

Kilomba (2020), ao abordar o uso cotidiano desses termos destaca que os termos mais comuns são: *mestiça ou mestiço*, a autora explica que essa palavra tem sua origem ao referir-se a reprodução canina para definir o cruzamento entre raças diferentes, *mulata ou mulato*, a palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, espécies diferentes que dão origem a um animal considerado impuro e inferior, *cabrita ou cabrito*, essa palavra é usada para definir pessoas de pele mais clara, próximas da branquitude, destacando a sua negritude definindo-as como animais. Toda essa terminologia está ligada ao contexto histórico colonial de atribuir a pessoas a condição animal, representando o processo político ativo de desumanização de pessoas escravizadas e seus descendentes.

A história do povo negro se confunde com a formação da nação brasileira e evolui de acordo com o momento histórico. Trazidos como imigrantes forçados na condição de escravos, os negros e seus descendentes foram responsáveis pelo trabalho durante quase quatro séculos de escravidão, foram os responsáveis pelo desenvolvimento econômico do país, porém foram excluídos da divisão dessa riqueza. O negro foi o grande povoador do país, com a consolidação da economia colonial que intensificou o tráfico de africanos para o Brasil. Realizavam diferentes tipos de atividades como extrativismo, mineração, cultivo de produtos tropicais, o que revela as diversas habilidades e conhecimento que provém dos povos africanos. Na sua cultura foram desenvolvidas técnicas de metalurgia e mineração, aperfeiçoando os métodos para o território brasileiro (Moura, 2023).

Moura (2023) descreve que as condições do negro escravo eram desumanizantes, não tinham nenhum direito, podiam ser vendidos, trocados e castigados, sem nenhuma pessoa ou instancia que pudesse intervir a seu favor, era uma propriedade privada. O autor ainda relata que as pessoas escravizadas viviam em situação de calamidade alimentar, os senhores que ofereciam comida, jogavam-na no chão onde se misturava com a areia, onde as pessoas se jogavam para pegar o que era possível, alguns senhores nem comida ofereciam a seus cativos. Os escravos nessas condições, trabalhavam aos domingos e dias santos em pedaços de terra que chamavam de roça para tirar o seu sustento.

A jornada de trabalho das pessoas em situação de escravidão era de quatorze a dezesseis horas por dia, sobre a fiscalização do feitor, qualquer ato considerado fora da ordem era correspondido com castigos, a expectativa de vida das pessoas escravizadas era de sete a dez anos. Os instrumentos de punição mais usados eram o tronco e o pelourinho onde eram aplicados os açoites. A disciplina de trabalho era imposta pela violência, aos escravos que fugiam de forma reincidente eram aplicadas penas mais violentas como a castração, deformação e até a morte, podendo ser enterrados vivos ou jogados em caldeirões com azeite ou água fervendo (Moura, 2023).

Kilomba (2020), destaca o uso da máscara como uma das formas de castigo, era um objeto de metal colocado no interior da boca da pessoa escravizada, instalada entre a língua e o maxilar e fixada na cabeça por duas cordas. Esse objeto era usado para impedir que as pessoas comessem os frutos das plantações (cana ou cacau), mas simbolicamente a sua principal função era instaurar o medo e o silenciamento como forma de tortura. A máscara é a representação do colonialismo e simboliza políticas de silenciamento e dominação. A boca representa um órgão de expressão, de fala, no campo do racismo representa aquilo que as pessoas brancas querem e precisam controlar, é um órgão que vem sendo censurado ao longo da história.

Durante o período colonial, as pessoas escravizadas viviam constantemente sob um clima de terrorismo e formas violentas de controle social. Os escravos que se rebelaram contra este sistema, fugiam para as matas e organizavam quilombos dirigidos por eles mesmos, este movimento foi brutalmente atacado durante séculos abrangendo todo o território nacional, havendo quilombos em diferentes partes do país. A sua resistência promoveu mudanças sociais com o desgaste do sistema

escravista, contribuindo para que o trabalho escravo fosse substituído pelo trabalho livre (Moura, 2023).

As pessoas que foram escravizadas e trazidas para o Brasil vieram de diferentes partes da África e trouxeram diversas matrizes culturais que aqui sobreviveram e serviram como uma forma de resistência àqueles que os oprimiam e abusavam da sua força de trabalho. O modo de vida dessas pessoas que englobava a religião, indumentária, cozinha, música, modos de produção na agricultura e mineração foram incorporados na sua nova realidade. Assim, foi possível moldar seus padrões culturais à realidade colonial e com isso foi possível que se protegessem da opressão escravista. Porém, o aparelho dominador rotulou suas manifestações culturais de primitivas e exóticas, só podiam acontecer sob controle dos colonizadores, o que revela uma estratégia de dominação social (Moura, 2023).

As dominações dos escravistas envolveu a área cultural, social e econômica, passando a controlar todas as formas culturais negras, neste sentido foi necessário criar mecanismos de defesa contra a cultura dominadora. A forma de defesa do oprimido é ambígua, não sendo possível atacar de frente, foram encontradas formas simbólicas e alternativas para oferecer resistência aos opressores, um exemplo destes mecanismos de defesa foi o sincretismo religioso que aconteceu com os orixás e os santos católicos, atuando como um disfarce cultural. A cultura foi uma arma de resistência das culturas dominadas e desempenhou um papel simbólico atuando como veículo ideológico de luta na sociedade escravista (Moura, 2023).

O sistema colonial escravista caiu em decadência por diversos fatores mundiais e a solução para isto no Brasil foi a abolição da escravidão sem nenhum tipo de reforma que pudessem amparar o povo negro e seus descendentes, mantendo intocadas as estruturas de propriedades dos senhores coloniais. O ideal de branqueamento da sociedade escravista brasileira e de mão de obra foi alcançado com a importação de imigrantes europeus. A população negra foi marginalizada e estigmatizada, jogada nas periferias das cidades e do sistema de trabalho livre. Isso ocorreu, pois, a cidadania do negro foi pensada pela classe dominante, que criou barreiras para o negro através de mecanismos repressivos em todos os níveis da sociedade, o racismo foi manipulado e colocou a população negra diante do imobilismo social (Moura, 2023).

Nascimento (2016), buscou por estimativas sobre a população brasileira do período colonial, onde a população tinha uma classificação diferente da que é

utilizada pelo Censo atualmente. Observa-se que o maior número de pessoas que estavam no país, eram africanos e seus descendentes. Os dados apresentados pelo autor revelam que a população de africanos e seus descendentes formam o maior contingente populacional até o século XIX.

Tabela 1 - População Brasileira no Período Colonial

Ano	1600	1798	1822
Indígenas	35.000	-	-
Índios civilizados	-	250.000	-
Africanos e descendentes	20.000	1.988.000[14]	1.930.000
Brancos	10.000	1.010.000	1.043.000
Mulatos	-	-	526.000

Nascimento (2016) traz dados do IBGE, indicando o desenvolvimento populacional de 1872 a 1950. Nota-se que entre o período de 1890 a 1940 houve um grande crescimento no número de pessoas brancas, devido a facilitação da imigração, enquanto a população negra sofreu um decréscimo de 1940 a 1950, se contrapondo ao aumento do número de pessoas pardas no mesmo período, o que revela os efeitos da política de branqueamento da população.

Tabela 2 – Desenvolvimento Populacional no Brasil entre 1872 a 1950

	1872	1890	1940	1950
Brancos	3.787.289	6.308.198	26.171.778	32.027.661
Negros	1.954.542	2.097.426	6.035.869	5.692.657
Pardos	4.188.737	5.934.291	8.744.365	13.786.742

De acordo com Bento (2022), o período de colonização europeia que ocorreu entre 1500 e 1900 movimentou cerca de dezoito milhões de pessoas escravizadas pelo mundo. Antes da colonização os países da África e da Ásia eram regiões consideradas ricas e produtivas e a Europa neste momento estava estagnada economicamente, com a escravização, extração de riquezas feitas a partir de saques. Com a colonização houve uma reversão da situação e os países europeus tornaram-se ricos, a África e a Ásia ficaram com o legado de se tornarem regiões

[14] Sendo 1.582.000 escravos e 406.000 africanos livres.

com problemas crônicos de pobreza com a destruição de suas estruturas econômicas e sociais tradicionais trazidos pelas invasões europeias.

3.2. A Branquitude e seu Pacto Narcísico

Desde o século XVI a invasão portuguesa articulada com a monocultura para exportação e a escravidão, definiram as raízes para a desigualdade social que dura até os dias atuais. Atualmente o Brasil ainda concentra os maiores latifúndios, a relação de dominação que se constituiu inaugurou o sistema capitalista mundial que ligou raça, terra e divisão do trabalho. Com o fim da escravidão, foi criado o decreto de imigração em 1890, que facilitava a entrada de imigrantes europeus através do subsídio de suas passagens e a sua proteção pelo estado por um período de seis meses. Este decreto representa os interesses narcísicos dos europeus e seus descendentes no Brasil. O segmento branco da população acumula mais recursos financeiros, políticos e sociais que colocaram seus herdeiros em lugar de privilégio (Bento, 2022).

De acordo com Nascimento (2016), após a abolição os afro-brasileiros passaram a ocupar as periferias dos centros urbanos, com péssimas condições de existência, expostos a moradias improvisadas, águas paradas e poluídas, infestados de larvas e mosquitos, o que contribuiu para a contaminação por doenças tropicais. Estes locais de ocupação revelam a falta de acesso à educação, especializações e empregos dignos que pudessem dar melhores condições de vida para as pessoas através do acesso a recursos financeiros. O fato de não ter uma estrutura que acolhesse os trabalhadores que passaram por situação de escravidão, privou do acesso a direitos básicos colocando o fator racial como determinante da posição social e econômica da sociedade brasileira.

Atualmente a população brasileira está estimada em 203.080.756 pessoas, onde 88.252.121 se declaram brancas, 20.656.458 se declaram pretas, 92.083.286 pardas, 1.227.642 indígenas e 850.130 amarelas. Em relação a educação foi exposto pelo censo que jovens na faixa etária de 14 a 29 anos, 9 milhões de pessoas não completaram o ensino médio, seja por abandono ou por nunca terem frequentado a escola, deste número 58,1% eram homens e 41,9% mulheres, em relação a cor ou raça 27,4% eram brancos e 71,6% pretos ou pardos (IBGE, 2022). Observa-se a partir desses dados que a população negra ainda é a maior

vítima do sistema capitalista, sendo colocadas às margens do alcance de direitos sociais básicos como a educação.

Nascimento (2016) faz uma reflexão sobre o plano de branqueamento da população brasileira e o aspecto destrutivo do racismo contido nesta estratégia pensado pela elite colonizadora.

> “A realidade dos afro-brasileiros é a de suportar uma forte discriminação, que mesmo sendo a maioria da população, existem como a minoria econômica, cultural e política. O plano de branqueamento da população brasileira, representava a necessidade de embranquecer o povo por dentro e por fora, dentro de um a três séculos. Esse plano traz em seu germe a ideia da eliminação da raça negra, ela não era apenas uma teoria abstrata, mas calculada estratégia de destruição, onde era sugerido deixar os afro-brasileiros propositalmente sem defesa ou direitos, expostos a toda espécie de agentes de destruição e sem recursos suficientes para a manutenção da vida (Nascimento, 2016, p. 101)”.

As resistências e as lutas travadas durante o período da escravidão fazem parte da história de construção do movimento negro, que abrangeu tanto as resistências individuais, como as lutas urbanas e as formações de quilombos. O pensamento colonial no Brasil se fundamentou a partir da hierarquia de raça e gênero, criando o supremacismo branco que impôs mecanismos de exclusão e desigualdade. O movimento negro colaborou para desconstruir e ressignificar as relações étnico-raciais, ao politizar a raça traz uma resposta coletiva negra de emancipação e não inferiorização para a população afro-brasileira. A omissão das resistências negras e indígenas na história oficial do Brasil demonstra o que é necessário entender sobre a memória coletiva ou sobre amnésia coletiva, já que estas informações moldam o conhecimento e a sociedade, onde é escolhido o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido (Bento, 2022).

A participação de pessoas negras desde as primeiras lutas sociais no Brasil, transformou o movimento de resistência negra em lutas sócio raciais. Na passagem da sociedade escravista para a sociedade capitalista os valores culturais afro-brasileiros foram usados como instrumentos de resistência, porém não é possível dizer que esses valores se conservaram puros, pois sofreram influência aculturativa (branqueadora) dos dominadores. Na atualidade, a dinâmica interna dos grupos de cultura negra encontra forças ideológicas para reagir, criando novos grupos que se embasam nos padrões afro-brasileiros para criar alternativas (Moura,2023).

Moura (2023) observa que durante o período da ditadura, ambientes culturais e de lazer como clubes, escolas de samba e centros religiosos tinham como função o agrupamento de pessoas negras e serviam como veículos de organização cultural. Após a saída dos militares do poder, essas organizações tomaram posições abertas contra o racismo através da sua articulação e promoção de atividades culturais. Na cidade de São Paulo em 1978, aconteceu um ato público em frente ao Teatro Municipal que reuniu essas organizações, o resultado deste ato foi a criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que depois foi abreviado para Movimento Negro Unificado que vem representando a comunidade negra e articulando estratégias de acesso a direitos para população negra na atualidade.

Kilomba (2020), reflete que o processo de conscientização coletiva começa com a Negação, passa pela Culpa, pela Vergonha, pelo Reconhecimento e por último a Reparação, compondo um trajeto de responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento. As sociedades que vivem na negação ou exaltam a sua história colonial não permitem a criação de novas linguagens. Desta forma, apenas as identidades marginalizadas e periféricas podem reconfigurar a noção de conhecimento, trazendo os seus questionamentos e reflexões para o centro da sociedade.

Kilomba (2020) faz uma análise sobre a negação dentro da dinâmica racista considerando o viés da psicanálise, revelando que no racismo a negação é usada para legitimar as estruturas violentas de exclusão racial. A pessoa negra torna-se aquilo que o sujeito branco não quer ser relacionado. O negro se transforma num inimigo intrusivo e o branco em vítima compassiva, assim a pessoa negra é identificada como o objeto ruim. A branquitude é uma identidade dependente que existe através da exploração de outras pessoas e que define a si mesmos como racialmente diferentes e superiores.

Bento (2022) se debruça sobre o estudo da manifestação da branquitude na estrutura da sociedade e reflete que no Brasil existe um problema nas relações entre negros e brancos, a supremacia branca está na base da branquitude, revelando uma relação de dominação de um grupo sobre o outro em diversos segmentos sociais como a política, a cultura e a economia assegurando os privilégios para os brancos e oferecendo péssimas condições de vida e de trabalho para afrodescendentes. Kilomba (2020) utiliza o termo dessemelhança para definir como a branquitude é

uma identidade que se considera superior, porém na realidade é dependente e existe principalmente através da exploração de pessoas negras.

Para a melhor compreensão deste fato, Bento (2022) indica que as gerações contemporâneas de descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados tem refletidas em suas vidas materiais e subjetivas a herança de histórias de muita dor e violência. Aborda-se muito os impactos negativos da escravidão para as pessoas negras, mas pouco se fala da herança escravocrata e seus impactos positivos para as pessoas brancas. Esses benefícios foram alcançados a partir de atos criminosos como assassinatos e violações cometidos por seus antepassados, que permanecem em segredo dentro do grupo branco. Desta forma, as benesses da supremacia branca são usufruídas pelas suas gerações como mérito do seu grupo, como se não estivessem ligados a atos anti-humanitários que aconteceram durante a escravidão que estiveram presentes por quatrocentos anos na história do país e que ainda acontecem na atualidade.

A ideia da supremacia branca é uma herança inscrita na subjetividade coletiva, que não é reconhecida pela população. Há uma identificação entre os herdeiros brancos que ainda se beneficiam desta herança. Para que isto aconteça, as pessoas brancas devem servir a seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo, este é o pacto narcísico, manter-se no lugar de privilégio e transmiti-lo como se fosse mérito e ao mesmo tempo excluir os grupos não iguais, como se não fossem merecedores de direitos básicos (Bento, 2022).

A branquitude, conforme exposto surge como um lugar de privilégio e de poder, lugares que foram construídos historicamente. Isto não significa um lugar de identidade racial, mas representa a opressão e a dominação da qual tiveram origem. Mesmo a classe trabalhadora e os brancos pobres se beneficiam da herança da opressão racial. A narrativa da branquitude foi sendo construída na medida que países Europeus foram explorando outros países pelo mundo e suas populações, se apropriando das suas riquezas e aniquilando a cultura de outros povos. Ao exercitar e se aproveitar da dominação racial ativamente, os brancos acessam os privilégios da branquitude (Bento, 2022).

O sujeito branco, inserido nas sociedades que foram colonizadas por países Europeus e onde consequentemente se estabeleceu o racismo, apenas pela sua cor da pele tem acesso a uma série de vantagens sociais, econômicas e de status. Esse privilégio é entendido como um estado passivo, um lugar simbólico e concreto de

privilégios sociais, onde qualquer pessoa branca, sejam elas pobres ou antirracistas, tem uma série de facilidades quer queiram ou não, porém nem todas as pessoas brancas tiram proveito da branquitude da mesma forma, pois isso pode variar de acordo com alguns fatores que precisam ser considerados como: gênero, classe, religião, sexualidade, nacionalidade e idade. A igualdade social existe apenas entre pessoas da mesma classe e raça. “Ser branco é viver sem se notar racialmente, numa estranha neutralidade, a branquitude pode gerar uma lacuna afetiva e moral” (Bento, 2022, p.67).

A sociedade não lida com o sujeito negro, mas sim com as fantasias brancas sobre o que deveria ser a negritude, essas fantasias representam aspectos negados no imaginário branco e que são reprojetados em pessoas negras, sendo assim as imagens da negritude não são nada realistas. O inconsciente coletivo das pessoas negras torna-se pré-programado para alienação, decepção e trauma psiquíco de acordo com o mundo conceitual branco que molda o conhecimento e as relações sociais. Os sujeitos são forçados a se identificarem com heróis brancos e rejeitar os inimigos que se parecem com negros. A pessoa negra estabelece o olhar para si e seus semelhantes através da presença alienante de pessoas brancas, representando a dor de estar presa na ordem colonial (Kilomba, 2020).

Para Bento (2022), as formas de exclusão e manutenção de privilégio nas instituições que estão presentes nos segmentos sociais são semelhantes e de uma forma sistemática são negadas ou silenciadas. O pacto narcísico da branquitude busca a autopreservação, entendendo que aquilo que é diferente da norma branca, ameaça o “normal”. Este sentimento de ameaça e medo é o que constitui a essência do preconceito, a branquitude define o que é o normal e a sociedade reage de acordo com a norma, alimentando atitudes racistas. É necessário reconhecer, explicitar e transformar estes acordos silenciosos, que exclui e oprime, atendendo a interesses grupais considerando a dominação de raça e gênero que acontecem nos grupos sociais e que nos mostra uma das características do pacto narcísico da branquitude.

A fragilidade branca está associada à reação defensiva que é inerente à branquitude e que tende a responder com raiva, medo e culpa frente ao intolerável contido no estresse racial. Existem situações que causam reações de autodefesa em pessoas brancas frente a instituições que estão utilizando de ações afirmativas, como não questionar o mito da meritocracia, onde o reconhecimento do acesso a

oportunidades e recursos é diferente para diversos grupos sociais. Outra questão é a autoridade branca se deparar com pessoas negras em posição de liderança o que se torna um desafio, pois a participação de pessoas brancas em discussões em que pessoas negras falam abertamente sobre o racismo pode desvelar os códigos da branquitude (Bento, 2022).

Existem fatores que mantém essa fragilidade, como a segregação entre pessoas brancas e negras que residem em bairros diferentes, escolas com estruturas diferentes, clubes, empresas, além da arrogância racial que impede que pessoas brancas falem sobre o racismo de uma forma mais constante e profunda. O pacto narcísico da branquitude age sobre o coletivo expulsando, reprimindo e escondendo o que é intolerável, por exemplo ao falar sobre como a herança escravocrata transmite através do tempo de forma silenciosa formas de violência que aconteceram no passado e ainda continuam acontecendo. Falar sobre esse tema auxilia as novas gerações ao reconhecimento da sua herança na atualidade, debater sobre esse passado pode dar base para a construção de novos pactos civilizatórios e a construção de novas histórias (Bento, 2022).

A naturalização da supremacia branca nas instituições é explicada a partir de estudos sobre a hierarquia de raça e gênero, principalmente nos ambientes de trabalho. Para isso foram ouvidas tanto pessoas negras como brancas e se pode compreender como essa naturalização foi sendo construída ao longo da história. Este fato pode ser um dos geradores das desigualdades e da violência racial na estrutura política e social que acontece no Brasil e em diversos países do mundo (Bento, 2022).

A história do Brasil foi marcada pela brutalidade às pessoas negras e indígenas, que representavam ameaça aos interesses europeus. Desde então essa violência é naturalizada e explícita, sendo urgente e fundamental o reconhecimento e o debate sobre essa herança por parte dos brancos. Ao não reconhecer o peso que pessoas brancas tiveram durante o colonialismo e a consolidação das desigualdades raciais, essas pessoas não associam a herança branca vivida no país ao racismo. A falta de um compromisso ético e o distanciamento social e psicológico em relação às pessoas excluídas pelo racismo são características do pacto narcísico (Bento, 2022).

A população negra é colocada no lugar do grupo perdedor, que carrega a culpa por suas condições materiais, que na realidade encontram-se ligadas à

política, economia, educação, trabalho e acesso a direitos, sendo que muitas vezes as políticas de ação afirmativa são taxadas de medidas protecionistas. A negação dessas condições pode perpetuar essas situações e não é agradável estar em nenhuma dessas posições, descendentes de expropriador ou de expropriado (Bento, 2022).

Bento (2022) explica o conceito de “nós e eles”, referindo-se a diferença com que são tratados os pobres moradores das periferias e os nobres que têm moradias luxuosas, onde os nobres buscam por bodes expiatórios que em geral são representados pela figura dos moradores de favelas, periferias e negros, que são destratados, culpados e até mortos. Essa diferença de tratamento torna as pessoas incapazes de perceberem e reconhecerem que os criadores e mantenedores das estruturas de corrupção desestabilizam sociedades inteiras. No Brasil um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos, essa é a expressão da violência e do genocídio da população negra mantido pela diferença racial.

Essa política de morte e o genocídio da população negra é acima de tudo um ataque ao estado democrático de direito no Brasil e, esse tipo de violência é o que rege a forma como aparelhos repressores do estado lidam com pessoas negras e periféricas. É necessário debater perspectivas e valores nas instituições públicas e privadas, desvelar a partir de políticas, processos e diagnósticos associados à morte e exclusão de pessoas negras e periféricas para realizar a alteração das normas que estruturam as relações de dominação da branquitude (Bento, 2022).

Nos ambientes políticos, a branquitude autoritária permite que seus atos sejam grosseiros, abertamente racistas, homofóbicos, machistas, violentos e antidemocráticos. A manifestação desses atos favorece a identificação de pessoas que apoiam as lideranças políticas que agem desta maneira, essa é uma forma de expressão da branquitude acrítica que fortalece o supremacismo branco e a sua suposta superioridade. Na perspectiva deste grupo está a crença de que a visão de grupo é o centro de tudo e requer um inimigo, pois precisa projetar em outras pessoas que pertencem a grupos minoritários e periféricos a raiva e o ressentimento social (Bento, 2022).

Por outro lado, a branquitude crítica se refere ao grupo branco que poderia estar disposto a renunciar seus privilégios para combater o racismo, em princípio é um grupo que condena e desaprova publicamente o racismo, mas pode ser que no âmbito privado não seja antirracista. Mudar o sistema que prometeu conforto e

segurança para o grupo de pessoas brancas, durante séculos em detrimento ao grupo de pessoas negras que sofreram flagelos sociais não é uma mudança que vai acontecer rapidamente, nem será imune à dor, pois será um trabalho longo e intenso. O pacto da branquitude criou um mecanismo de apagamento dos atos anti-humanitários para se manter hegemônico, usufruindo da sua herança de privilégios e transmiti-la para as próximas gerações (Bento, 2022).

As categorias de raça e gênero são estruturantes das desigualdades brasileiras. Para combater à brutalidade é necessário diferenciar os tipos de violência que geram o verdadeiro genocídio, isso pode ser obtido a partir de dados sobre as violências que acontecem com a população negra se manifestando em diferentes esferas e em todas as etapas da vida. O diagnóstico sobre a situação da população negra em diferentes áreas como saúde, educação, moradia e trabalho apontam para a necessidade de defesa e construção de políticas públicas que viabilizem o acesso a esses direitos (Bento, 2022).

Esses impactos estão presentes na vida de pessoas negras com destaque para as mulheres, crianças e adolescentes. A tendência é que o racismo seja vivenciado já na educação infantil e isso se evidencia na evasão escolar. O acesso à educação é prejudicado devido a qualidade das escolas, materiais, equipamentos disponíveis, distância, falta de acesso à internet, que foi duramente experimentada durante a pandemia da Covid-19, onde crianças e adolescentes tiveram grandes defasagens na educação. As políticas de diversidade e equidade precisam considerar os valores que são atribuídos a história e cultura de diferentes grupos, desta forma pode-se evitar a geração de estigma e racismo (Bento, 2022).

Existe uma perversidade nas lideranças que tomam decisões e estão à frente de organizações públicas e privadas, adotando a necropolítica como base de suas ações, o que atinge diretamente a população pobre, negra e indígena, não se interessando pelo bem comum. O olhar sobre a história que sustenta a supremacia branca pode ajudar a compreender as diferenças econômicas e sociais que foram construídas historicamente pelos colonizadores que beneficia alguns em detrimento de outros, facilitando a compreensão real de democracia. Desta forma, o debate sobre as desigualdades pelos brancos antirracistas pode se fortalecer e ganhar espaço para ações concretas de redução do abismo social, podendo ser um lugar de ação dessas pessoas que querem se envolver na luta contra o racismo (Bento, 2022).

Gonzales (2020) reflete que o grupo branco é quem se beneficia da exploração da população negra, sendo o grande marcador do privilégio racial. Isto não diz respeito apenas ao modo de produção capitalista, mas aos proprietários e lideranças de grandes corporações, que recebem seus lucros a partir da exploração racial. Mesmo que pessoas negras tenham a mesma capacitação ou maior, os resultados tendem a ser favoráveis para competidores brancos que carregam em suas histórias a meritocracia com recompensas materiais e simbólicas, demarcando a divisão racial no campo do trabalho. Não é por coincidência que a população negra faz parte da massa marginal crescente, isto é fruto da construção da branquitude que gera campos de trabalho subalternos e sem garantia de direitos. Isso implica em baixas condições de vida e existência, falta de acesso à habitação digna, saúde e educação, retroalimentando este sistema opressor.

Por este motivo é necessário reconhecer e debater as relações de dominação de raça, gênero e classe, criadas a partir de pactos narcísicos para se criar condições de avanço para outros pactos civilizatórios e um outro tipo de sociedade. “É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanitários similares”. Trabalhar o território da memória é uma construção simbólica onde não predomina apenas a recordação ou interpretação, mas sim a atribuição de valores as experiências passadas o que reforça o vínculo de comunidade e pode direcionar para novas reflexões. A memória também pode revelar o passado de um povo vitorioso a partir dos atos anti-humanitários que cometeram, o que muitas vezes quer ser apagado e esquecido pelas elites (Bento, 2022).

3.3. Feminismo Afrocentrado

Kilomba (2020), define que o racismo tem a presença de três aspectos: o primeiro diz respeito a diferença construída socialmente a partir da normatividade branca, todas as pessoas não-brancas são consideradas diferentes e por isso passam pelo processo de **discriminação**. O segundo se refere a ligação dos valores hierárquicos em relação a diferença que é articulada ao estigma, a desonra e a inferioridade, que são associados a um processo de naturalização rotulando determinadas pessoas como problemáticas, difíceis, perigosas e incomuns, a

associação da diferença com a hierarquia forma o **preconceito**. O terceiro aspecto reúne aos dois primeiros ao poder histórico, político, social e econômico, onde a combinação do preconceito e do poder tem influência direta sobre o **racismo** sendo constituído pela supremacia branca, e aparece nas diferenças de acessos a recursos como a representação na política, mídia, trabalho e políticas públicas.

Gonzales (2020), Kilomba (2020) e Bento (2022) concordam que as intersecções das formas de opressão produzem efeitos específicos sobre o coletivo. O racismo e o sexismo são semelhantes pois constroem a ideia do senso comum de que as diferenças são naturais e biológicas. As mulheres negras habitam um espaço que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, chamado de terceiro espaço. Neste lugar são gerados o apagamento e a contradição, sustentado pelo universo de negros de um lado e mulheres de outro, essas posições separadas mantém a invisibilidade de mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. A realidade da mulher negra só pode ser abordada de forma adequada quando o conceito de raça e gênero forem levados em conta.

Considerando o contexto do racismo e do sexismo, ao analisarmos o Atlas da Violência é possível verificar que as pessoas negras são as maiores vítimas de violência, representando 76,5% das vítimas, chegando a 83,1% das vítimas de intervenções policiais, dados apresentados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023). A violência contra pessoas indígenas que terminaram em morte teve um crescimento de 29% entre 2011 e 2021. A condição da mulher negra que na perspectiva da pirâmide social, encontra-se em sua base sendo a maior vítima das violências sociais, o Atlas da Violência (IPEA, 2023) mostra que principalmente no período da pandemia, entre 2021 e 2022, mais de sete mil vidas femininas foram perdidas no país, dentro deste índice de feminicídio a mulher negra representa 67,4% das vítimas deste sistema brutal.

O assassinato da liderança parlamentar Mariele Franco, obriga o Brasil a olhar para si como um país violento, conservador e conivente com a brutalidade do racismo e da violência praticada pelos seus dirigentes (Bento, 2022). De acordo com os dados apresentados é possível associar com a análise de Kilomba (2020) em que raça e gênero são condições inseparáveis, onde os papéis de gênero têm um impacto na construção de raça e na experiência do racismo. Bento (2022) reflete que mulheres negras estão na base da pirâmide social, tendo espaços de trabalho em que são submetidas a funções subalternas como a área doméstica, a

precariedade da sua condição de trabalho reflete nas suas condições de vida. Dessa forma, torna-se urgente a discutir um movimento feminista antirracista, onde pode-se incorporar as tradições do movimento negro com a luta do movimento de mulheres, estruturando uma nova identidade política de ser mulher negra.

As feministas ocidentais consideram a sororidade como universal entre as mulheres, que supõe uma conexão familiar entre todas as mulheres do mundo, havendo cumplicidade entre as mulheres num mundo dominado por homens. Essa ideia pode ser poderosa quando ela não é falsa e simplista ao não considerar a história do colonialismo, da escravidão e do racismo, onde mulheres brancas possuem sua parcela de poder do homem branco em relação a mulheres e homens negros. Em geral a luta de mulheres brancas pode ser redundante e opressora quando não possuem essas considerações. Mulheres negras são invisibilizadas e silenciadas dentro deste projeto, mantendo a estrutura branca conservadora (Kilomba, 2020).

Há pouco tempo algumas feministas brancas começaram a refletir sobre tais aspectos em seus trabalhos teóricos, porém de forma pouco satisfatória. Ao considerar apenas a questão de gênero como fator de opressão, as teorias feministas ignoram que mulheres negras são oprimidas por homens brancos e negros e também pelo racismo de mulheres e homens brancos, além das formas de violência e racismo que acontecem institucionalmente. Esse fracasso de identificar a intersecção de raça e gênero, cujas raízes estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista inviabiliza que mulheres negras sejam contempladas com teorias feministas, é necessário que o racismo seja reconhecido de forma estruturante dentro dessas teorias (Kilomba, 2020; Gonzales, 2020).

Para Gonzales (2020), o racismo latino-americano é baseado na ideologia do branqueamento e é tão sofisticado a ponto de manter negros e indígenas como segmentos subordinados dentro das classes mais exploradas. O mito da superioridade branca mostra a sua eficiência pelos efeitos do estilhaçamento que fragmenta a identidade racial através do desejo de embranquecer, que é internalizado por esses povos como a negação da própria raça e da própria cultura. Dentro deste contexto somente a força cultural pode-se apresentar como a melhor forma de resistência. Nesta perspectiva a categoria amerifricanidade, que permite ultrapassar as limitações territoriais da américa, linguísticas e ideológicas,

incorporam um processo intenso de dinâmica cultural afrocentrada nos encaminha para a construção de uma identidade étnica.

Kilomba (2020), utiliza os termos margem e centro, assim como faz bell hooks para trazer a reflexão de que estar na margem é ser parte do todo, mas fora do centro sendo este o corpo principal, onde se concentra o trabalho, o comércio e outros acessos, o centro se constituí como um lugar onde pessoas periféricas não podem permanecer tendo que retornar para a margem. Assim, a marginalização de mulheres e homens negros desenvolve uma maneira particular de ver a realidade tanto de fora para dentro, quanto de dentro para fora e as suas sobrevivências dependem desta consciência.

A margem não deve ser vista como um espaço periférico de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade da abertura radical de criatividade onde novos discursos críticos se dão. É o lugar onde a opressão cria condições de resistência, é neste espaço onde as fronteiras de raça, gênero e classe do centro são questionadas, desafiadas e desconstruídas. A periferia - a margem, é um lugar onde a nossa capacidade de resistir a opressão é nutrida criando possibilidades de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos (Kilomba, 2020).

Movimentos sociais de mulheres negras, quilombolas e indígenas desestabilizam as relações de colonialidade, ao trazer novas perspectivas, a denúncia e contranarrativas para a vida social e política buscando demonstrar a brutalidade e expropriação que permeiam a sociedade. A militância dessas mulheres traz mudanças e vem provocando a reflexão sobre as relações sociais que estão relacionadas com o respeito a natureza e a novos valores civilizatórios. A promoção de uma rede de afetos, que reúne amigos, familiares e parceiros que se organizam no processo para construir projetos de organizações negras e fazer a sua manutenção. Essa dinâmica dialoga com o conceito do bem viver, construindo relações mais respeitosas com a natureza, mais solidárias, justas e cooperativas entre diferentes grupos que compõe a sociedade, só assim é possível reduzir a brutalidade e a violência (Bento, 2022).

4. VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROBRASILEIROS

Neste capítulo serão abordados os valores civilizatórios afrobrasileiros, principalmente a circularidade, coletividade e a oralidade embasados em autores como Ailton Krenak, Nego Bispo, Azoilda Trindade e Juarez Xavier. A partir das ideias sobre a brutalidade do racismo em todo o seu período histórico, esses autores trazem reflexões necessárias para uma nova forma de organização social, considerando a questão racial, ambiental e social. Valorizam-se os conhecimentos ancestrais afro-brasileiros, africanos e indígenas para a construção de uma sociedade mais digna e justa. O termo tecnologia ancestral utilizado nesta pesquisa, está estreitamente relacionado com os valores civilizatórios ancestrais que serão a

4.1 Valores das Culturas Tradicionais Afro e Indígenas

Krenak (2022) informa que as culturas antigas e primitivas trazem valores essenciais para enfrentar as crises que estamos atualmente, dentro destes conhecimentos existem várias ações que contribuem para dissolver fronteiras culturais e raciais, para que possamos falar de uma maneira mais respeitosa da diversidade cultural e da pluralidade da vida. O autor defende que as ideias das culturas ancestrais deveriam orientar todo o repertório de quem trabalha com educação. O espaço escolar é uma experiência geracional de troca que deveria ser enriquecida e valorizada, onde os educadores que têm diferentes vivências possam compartilhar conteúdos e experiências que ajudem crianças a se prepararem para a vida adulta.

Santos (2023), ao descrever a sua experiência no meio rural reflete que adestrar e colonizar são a mesma coisa. A função do adestrador tanto quanto do colonizador começa por desterritorializar o ente atacado destruindo a sua identidade, tirando-o de sua cosmologia, os distanciando de seus sagrados e impondo novos modos de vida, colocando-lhe outro nome. O processo de dominação e denominação de novas condições é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta. Ao comparar adestradores e colonizadores o

autor revela que os mecanismos são semelhantes, neste contexto tem adestradores que batem e adestradores que fazem carinho; adestradores que castigam e adestradores que dão comida para viciar, mas todos são adestradores ou colonizadores. E todo adestramento tem a mesma finalidade: fazer trabalhar ou produzir objetos de estimação e satisfação. O mesmo foi feito com seres humanos no processo de colonização.

Krenak (2022), reflete que dentro da lógica que se deu a partir da colonização, os humanos estão aceitando a humilhante condição de consumir a Terra, devido ao sistema capitalista ao qual estamos inseridos. Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, trazem como base da sua crença mundos onde podemos experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs e não podemos aceitar isso.

Na lógica capitalista cidades foram criadas e fantasiadas como a norma do bem viver, pois neste lugar haveria empregos e consequentemente dinheiro para o sustento da vida. Neste processo as cidades foram invadidas pela indústria e pela produção, transformando a lógica de vida coletiva em vida privada. Ao buscar por uma confirmação da igualdade neste contexto chegou-se ao conceito de alianças afetivas, que pressupõe afetos entre mundos não iguais. As alianças afetivas não reclamam por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa. Isso introduz uma desigualdade radical diante da qual nos obrigamos as regras e convenções. As alianças afetivas, envolvem a uma constelação de pessoas e seres na qual eu desapareço: não preciso mais ser uma entidade política, posso ser só uma pessoa dentro de um fluxo capaz de produzir afetos e sentidos (Krenak, 2022).

> Desde a modernidade fomos provocados a nos inserir no mundo de uma maneira competitiva, isto foi estimulado por séculos e acabou formando um mundo de jogadores. O futuro vem embalado por ansiedade, fúria e a aceleração do tempo. Olhar sempre para o futuro e esquecer o que está ao nosso redor, está diretamente associado ao sofrimento mental que tem assolado tanta gente, inclusive os jovens. É uma experiência que reflete em nosso estado emocional e o ecossistema do planeta Terra também está sofrendo essa aceleração (Krenak, 2022, p.97).

Krenak (2022), ao fazer uma análise sobre como as pessoas estão lidando com a questão ambiental reflete que não podemos nos render à narrativa de fim do mundo, pois isso faz com que desistamos dos nossos sonhos e dentro dos nossos

sonhos estão as memórias da terra e de nossos ancestrais. É preciso mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis, porém nas narrativas onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças. Os encantados e a conexão entre todos os seres vivos ativa a nossa potência transcendente e suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido.

Santos (2023), orienta que em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como forma de enfrentamento da sociedade colonialista. Assim é possível transformar a arte de denominar em uma arte de defesa. Em outras produções onde se traduziu saberes ancestrais de sua geração avó da oralidade para a escrita, foi possível trazer algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. A partir disto, seguiu na prática das denominações dos modos e das falas para contrariar o colonialismo. É o que o autor chama de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las.

> De que forma é possível contracolonizar falando a língua do inimigo? Pegamos as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las e vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, seu inimigo adora falar sobre o desenvolvimento, então vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandémico, que destrói e mata culturas inteiras e rebaixar a palavra desenvolvimento e todos os males trazidos por ela. Porque a palavra boa é envolvimento (Santos, 2023).

Santos (2023), semeou muitas palavras como: biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolonialismo. O autor destaca que a palavra que melhor germinou foi confluência. Não há dúvidas de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento e para o respeito com os seres que compõe a sociedade. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, e ele se fortalece. Quando se pratica a confluência, não deixamos de ser nós, passamos a ser nós e outra pessoa, por isso rendemos. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia.

A palavra confluência e compartilhamento tem sentidos semelhantes. No compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto e esses afetos não são trocados, mas sim compartilhados.

Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. Assim, o compartilhamento também é uma coisa que rende (Santos,2023).

Krenak (2022) quando fala sobre adiar o fim do mundo, está se referindo sobre atuarmos no sentindo de uma transfiguração, desejando aquilo que Nego Bispo, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, “chama de confluências e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos deste planeta”. O conceito de confluências traz um contexto de mundos diversos que podem se afetar, capaz de se unir criticamente em um mundo de convergências e divergências. É um termo que foi trabalhado de maneira artesanal e local por um homem quilombola (Krenak, 2022).

Krenak (2022) alerta que apenas o ato de confluir não irá dar conta de tudo, mas abre possibilidades para outros mundos. O maior dano causado pelo colonialismo foi a afirmação de que somos todos iguais. Agora vamos ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida pode escapar da bala perdida e onde a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos antes nos transformar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe.

Krenak (2022) concluí que desta forma é possível conjugar o mundializar, sendo um verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões e consegue imaginar pluriversos, termos que foram usados por Alberto Acosta e outros pensadores andinos. Eles evocam a possibilidade dos mundos se afetarem, de experimentarem o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que não é só sujeito, como também pode ter a iniciativa de abordar quem quer que seja. Essa forma de coletividade que abrange também o ambiente em que vivemos desconcerta a centralidade do humano, retirando a visão do antropocentrismo que tudo marca, denomina, caracteriza e dispõe – inclusive os outros parecidos, de raças e culturas diferentes que são considerados quase humanos (Krenak, 2022).

Trindade (2013), aponta que algumas palavras-ações devem ser fortalecidas, sendo elas: a *autonomia,* considerando a capacidade de cada pessoa tomar suas

próprias decisões, a partir da interação e do diálogo com pontos de vista diferentes dos nossos; o *diálogo*, permitindo-se escutar e preencher-se com a perspectiva do outro; o *movimento*, que é o que concretiza a ação e o *contato* com outro. A diversidade é posta como um desafio, mas é a partir da convivência com as diferenças que podemos aprender com sabedoria, respeito, humildade e até com amor.

Santos (2023) entende que a política é euro cristã monoteísta e revela que os quilombolas não têm uma política, mas sim modos de vida. Não fazem assembleias para resolver seus problemas, realizam discussões onde brigam até se entenderem. Denomina que esse movimento é de transfluência, assim são começo, meio e começo, numa lógica circular. O autor contrapõe que os colonialistas são lineares e não transfluem, eles refluem, só podem ir e refluir, porque não circulam como nós. Na transfluência não há volta, porque ela é circular, chega ao lugar de onde partiu. “Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai - sem se desconectar”.

4.2 A Circularidade, a Oralidade e a Coletividade

A roda aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade, enquanto elementos constituintes da sua estrutura. A construção destes círculos de pessoas necessita que algumas ações sejam fortalecidas como a autonomia, o diálogo, o movimento e o contato entre seus participantes, assim é possível ter acesso as diferentes perspectivas que promovem as mudanças, pois o conhecimento é coletivo e a sua construção é feita em conjunto (Trindade, 2013).

A circularidade faz parte dos valores civilizatórios que a África e seus descendentes trouxeram como princípios e que marcam uma série de características existenciais, objetivas e subjetivas, espirituais, intelectuais e materiais que foram construídas num processo histórico, social e cultural. Dentre estes valores civilizatórios, a autora chama a atenção para o axé como a representação da energia vital de todos os seres, a oralidade destacando que falar e ouvir podem ser libertadores, a corporeidade considerando que nossos corpos devem ser valorizados como lugar de construções de saberes, possibilidades e conhecimentos coletivos, a cooperatividade como espaço coletivo de ajuda mútua, entre outros (Trindade, 2013).

Santos (2023) fala sobre a troca de saberes africanos e indígenas, pois os quilombos sozinhos não se fizeram apenas com os quilombolas. Para que os quilombos fossem construídos, foi preciso trazer os saberes de África, mas os povos indígenas que estavam aqui compartilhavam como as coisas funcionavam em terras brasileiras. Nessa confluência de saberes foi possível formar os quilombos, inventado pelos povos afro confluentes em diálogo com os povos indígenas. “No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter”.

> Nós nunca ouvimos falar em trabalho escravo na nossa família. E também não tivemos patrões. As nossas relações com as pessoas não afro confluentes e não indígenas naquele território eram relações de respeito, correlações de forças equilibradas. Quando havia algum desequilíbrio, elas eram favoráveis a nós, porque tínhamos grande confluência de saberes. Sabíamos tudo o que era necessário para viver naquele ambiente. Nossa família plantava o que precisava, era mestra na agricultura e dominava o beneficiamento. Sabia fazer os equipamentos para o beneficiamento da mandioca, da cana e do álcool. Um povo que sabia disso tudo provavelmente não foi escravizado nem teve sua memória apagada como intencionavam e intencionam até hoje os euro cristãos colonialistas (Santos, 2023, p.39).

Nos quilombos existe a prática das festas, onde muitas comidas típicas são preservadas. Toda a prática alimentar que se conecta com as festas se tornam mais forte, no caso do Piauí – estado onde está localizado o Quilombo que foi habitado por Nego Bispo, os batuques além de reunir as pessoas também compartilhava as comidas como uma tradição, as festas são instrumentos de defesa das nossas práticas alimentares, pois a festa é mais forte do que a lei. O estado não consegue quebrar os moldes de vida quando eles estão envolvidos nas festas (Santos, 2023).

Santos (2023) compartilha a reflexão de que chegamos como um habitante em qualquer ambiente e vamos nos transformando em compartilhantes. As pessoas são apenas moradoras quando não tem uma relação de pertencimento, assim podem partir na primeira oportunidade. No Quilombo, as pessoas são compartilhantes, desde que tenham nascido neste ambiente ou que tenha uma relação de pertencimento. Quando se refere a relação de pertencimento com o Quilombo, fala sobre uma relação com o ambiente como um todo, as pessoas, os animais e as plantas.

A partir das considerações dos autores é possível compreender que estes valores se formam a partir das suas vivências e cosmovisões que são transmitidas as próximas gerações como forma de educação. Krenak (2022) ao falar sobre a educação em diferentes culturas, se depara com a ambiguidade ao pensar sobre educação e futuro, educadores de diferentes culturas concordam que já no primeiro ano de vida, a criança vai se deparar com um aparato de recursos pedagógicos que são usados para moldá-la.

O autor reflete sobre as práticas de produção da pessoa que eram usadas pelos diferentes povos do continente americano, que são muito diferentes do que moldar alguém, essas práticas entendem que todos nós temos uma transcendência e, ao chegarmos ao mundo, já somos. O ser é a essência de tudo e durante a vida vamos adquirindo outras habilidades. Esse antigo conceito é muito confortável, pois não entra em choque com a experiência de existir (Krenak, 2022).

Trindade (2013), concorda com os autores ao defender que a diversidade é um elemento que faz parte da circularidade e da coletividade, ela é posta como um desafio, mas é a partir da convivência com as diferenças que podemos aprender com sabedoria, respeito, humildade e até com amor. Quando percebemos as diferenças como expressão da riqueza e da diversidade humana, perdemos as certezas das verdades e juízos e somos colocadas no campo da dúvida, da inquietação e da busca. Somos seres diversos e temos como objetivo conviver com as diferenças e lidar com respeito e sabedoria com elas em todos os espaços (TRINDADE, 2013).

Xavier (2023) ao relacionar os valores civilizatórios afrobrasileiros com a Capoeira contextualiza que a roda de Capoeira surgiu no período da escravidão, onde pessoas escravizadas utilizavam desta luta para defender a sua sobrevivência. A roda, traz na sua formação valores que estão relacionados com a transmissão de saberes adquiridos pelas pessoas mais velhas e com mais vivência no ambiente da capoeira a pessoas mais jovens. Essa transmissão de conhecimentos acontece entre pessoas de várias idades, de diferentes gêneros, raça e classe social. Essa é a principal função da roda, a transmissão de conhecimentos. O que se destaca deste fato é a valorização dos saberes ancestrais e consequentemente da pessoa mais experiente[15].

[15] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante uma orientação no ano de 2023.

4.3 A Função dos Mestres da Cultura Afrobrasileira

Os mestres são os condutores da oralidade, eles criam um mecanismo de compartilhamento intergeracional de conhecimento. Como se fazia, como se jogava, as pessoas mais velhas trazem essas experiências, isso é muito recorrente nas rodas de Capoeira, de Candomblé e no Samba. A oralidade tem um papel fundamental que é compartilhar experiências intergeracionais. Na Capoeira a presença de pessoas de diversas idades, homens, mulheres, crianças, adolescentes, idosos, possibilita que estejam aprendendo juntos. O mesmo acontece nas rodas de Samba e no Candomblé[16] (Xavier, 2023).

Na etnia Krenak, as crianças anseiam por serem antigas, nas comunidades em que as crianças ainda têm a liberdade e a autonomia de aspirar mundos, elas valorizam muito os velhos. Reconhecem que as pessoas mais velhas têm o conhecimento de quem passou por várias etapas da experiência do viver. Eles são os contadores de história, que ensinam as medicinas, a arte e os fundamentos de tudo que é relevante para ter uma boa vida. Acredito que nossas crianças sabem sobre a segurança mental subjetiva que a experiência do passar dos anos pode proporcionar, e por isso não veem a velhice como uma ameaça, mas sim um lugar almejado, de conhecimento, “que questiona a hipótese de formatar pessoas para um outro mundo, e não para o lugar onde cada um de nós experimenta o cotidiano” (Krenak, 2022).

Não é possível mobilizar esses conhecimentos se você não aprende com a pessoa mais velha, a presença do velho na cultura africana é muito importante. Ele é um patrimônio da sua história, ele é a lembrança, é a memória viva, é a experiência. É isso que vai construindo a imagem do Mestre, como uma síntese do patrimônio histórico acumulado. O que dá a liga a essa memória das rodas é a presença das pessoas mais experientes[17] (Xavier, 2022).

A forma de organização da Capoeira se dá através da circularidade, onde as pessoas se reúnem em roda para refletir e tomar decisões. A roda existe há muito tempo, desde que a humanidade desenvolveu a linguagem, existe roda, antes da humanidade ter a linguagem articulada já existia roda, os encontros coletivos

[16] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante uma orientação no ano de 2023.
[17] Fala do Prof. Dr. Juarez Xavier durante orientação no ano 2022.

funcionam como estratégia para resolver problemas, caçar, comer, definir formas de organização social, se defender do inimigo externo, matar, sobreviver, procriar, entre outras articulações[18] (Xavier, 2022).

Após a abolição da escravidão, mediante muitas lutas principalmente da população escravizada, essas pessoas foram libertas, porém sem nenhuma condição digna de existência. A forma de organização da Capoeira como conhecemos hoje, herda uma história de formação de grupos bem recente, ela surge no contexto de enfrentamento de uma situação de adversidade como as pessoas negras tinham naquele momento num país escravocrata, na transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado, uma situação de segregação, violência e brutalidade em relação ao homem negro. A roda surge num momento de necessidade do homem negro, para dar resposta a uma realidade política e social. A roda é uma plataforma midiática e tecnológica de enfrentamento as adversidades em relação ao homem negro[19] (Xavier, 2022).

Estes valores fazem parte do processo de ensino-aprendizagem da capoeira, onde tais valores foram sendo transmitidos a partir da oralidade, que acontece com os ensinamentos transmitidos pelo Mestre de Capoeira, com o passar o tempo e com a prática desta luta tais valores vão sendo construídos no indivíduo e no grupo. A Capoeira é coletiva em sua essência, sem coletividade não há roda e torna-se inviável a transmissão dos saberes que fazem parte desta arte[20] (Xavier, 2022).

4.4 A Capoeira como Tecnologia Ancestral e Mídia Radical

A Capoeira nesta pesquisa é compreendida como tecnologia ancestral e mídia radical de comunicação. Para além de uma tecnologia social a Capoeira traz em sua tradição, como vimos, o ato de reunir pessoas para pensar estratégias de enfrentamentos a diversas formas de violência e as possibilidades para o bem viver, desde o período colonial. De acordo com Souto (2021) entendemos que a tecnologia ancestral está relacionada a uma forma “de organização social e cultural própria das populações negras que vem garantindo a atualização dos seus mecanismos de resistência e inspirando a apropriação estratégica dos instrumentos culturais para

[18] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante orientação no ano de 2022.
[19] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante orientação no ano de 2022.
[20] Fala do professor Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, durante orientação no ano de 2022.

imaginar um devir negro", gerando aquilombamentos entre pessoas que lutam por condições mais dignas de existência seja no âmbito cultural e social.

Cunha Junior (2010), informa que durante o período colonial não só a mão-de-obra, mas principalmente o conhecimento e domínio sobre diversas técnicas foram trazidas de África, como o conhecimento em mineração, construção, agricultura e outras formas de trabalho, porém isto não é algo reconhecido pelos colonizadores. Esses conhecimentos estão relacionados as tecnologias africanas que atuaram na construção do país, desvelando a sua dimensão ancestral de conhecimento, que são aprimoradas e utilizadas até os dias atuais.

No campo da mídia, compreende-se essa expressão da cultura afro-brasileira como Mídia Radical pelos elementos que contidos nesta luta, remetendo a expressões corporais, musicais e imagéticas da cultura afro-brasileira. Não se pode negar a importância das formas hegemônicas de mídia, porém é possível afirmar que, quando vinculadas a movimentos sociais autênticos, as mídias radicais colocam em evidência o imenso potencial estético, cognitivo, comunicativo e mobilizador dos meios massivos de expressão (Downing, 2004).

A cultura popular é uma das matrizes da mídia radical alternativa, que é relativamente independente da pauta dos poderes constituídos. Ao mesmo tempo, o termo serve para nos fazer lembrar que toda essa mídia é parte da cultura popular e da malha social como um todo e não se encontra isolada, de modo ordeiro, em um território político reservado e radical. Trata-se de um fenômeno misto, muitas vezes livre e radical em certos aspectos, mas não em outros. Os discursos no meio da cultura popular podem se apresentar voltados para propósitos públicos e o discurso irônico ou satírico, seguidos de perto pela dança e pela canção, como forma de expressão (Downing, 2004).

A Capoeira também pode ser considerada uma arte, uma dança e esta dimensão pode ser pensada como comunicação, juntamente com outras expressões como o samba e o candomblé. Durante vários séculos de escravidão, a dança foi uma espécie de meio alternativo de comunicação entre afro-americanos. Em meio a situação de escravidão a dança possibilitava continuidade de uma cultura que lhes era negada. Uma cultura que com o passar do tempo foi ficando cada vez mais distantes com as proibições em relação a utilização da linguagem e de suas manifestações culturais. Mas que quando era possível a sua manifestação remetia a uma época anterior à escravidão. Era a celebração corporal de uma era diferente,

antes do grilhão totalitário das Américas, era uma performance de memória política (Downing, 2004).

As leis estipulavam que o corpo dos escravos era propriedade dos senhores, essa expressão de sua cultura corporal representava uma certa reabilitação de sua existência, quando seus corpos se moviam de acordo com suas próprias instruções e ritmos e não obedecendo as vontades do feitor de escravos. Nas danças de origem africanas o corpo se movimenta em conjunto ou de acordo com os diferentes ritmos dos tambores, o estilo tradicional das danças africanas, tem como ponto de apoio do corpo os quadris. Cada parte do corpo guardava também um significado simbólico. Isso representava uma expressão mnemônica de efeitos profundos, pois envolvia a pessoa inteira, exigindo toda a atenção de seu corpo e sua mente (Downing, 2004).

Associada a dança, os sons influenciados pelas culturas africanas trazem em sua base a percussão de tambores e outros instrumentos associados ao canto. O som musical tem uma enorme carga comunicativa, quase independente da letra. Esse é um dos elementos mais difíceis de descrever ou discutir em música, no entanto, quase todos admitem seu caráter central. As canções associadas a estes ritmos possibilitam que as ideias sejam repetidas indefinidamente, por essa razão, a consciência pode ser mais influenciada por versos de canções do que por discursos ouvidos uma só vez (Downing, 2004).

Outras formas da comunicação da mídia radical associadas a cultura da Capoeira, podem se dar pelas expressões afros de vestimentas, cores e estilos de cabelo, fazendo do estilo uma forma de comunicação. O vestuário pode transmitir mensagens de seu nível social, sexo, inclinação sexual, podendo se apresentar de forma contra-hegemônica. Tecidos étnicos também transmitem uma comunicação política radical como tecidos de cores vivas e com representações gráficas, transmitindo um profundo significado cultural e político. O estilo de cabelo também pode portar uma mensagem, variando de dreadlocks a cabeças raspadas, dos penteados afro volumosos a desenhos e símbolos recortados no couro cabeludo, representando uma forma de autoafirmação contra a rejeição da maioria étnica aos jovens negros (Downing, 2004).

Nos Estados Unidos colchas eram confeccionadas com bordados com objetivo de orientar os escravos africanos sobre como fugir para o norte do país, depois com as leis que permitiam a captura e devolução de fugitivos, as orientações

de fuga levavam para o Canadá. Detalhes aparentemente insignificantes como pontos e nós e a disposição de uns em relação aos outros, eram sinais para os iniciados (Downing, 2004).

As colchas eram penduradas em público, supostamente para arejar, mas com a intenção na verdade de exibir suas estampas, uma série de até dez desenhos diferentes para comunicar clandestinamente informações, por exemplo, como os períodos do ano mais propícios para a fuga, rotas recomendadas, localização de abrigos seguros, ou um roteiro de fuga sinuoso que despistaria os perseguidores. Uma parte considerável do simbolismo empregado nas colchas provinha das tradições mais antigas do desenho religioso da África (Downing, 2004). O mesmo pode ter acontecido com as tranças afros no Brasil, que também poderiam ser usadas como mapas e rotas de fuga da condição escrava. Estes fatores representam a dimensão de comunicação que estas mídias radicais podem alcançar.

5. METODOLOGIA E HISTÓRIA DOS ANGOEIROS DO SERTÃO

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a etnografia para estudar a Capoeira Angola como tecnologia ancestral e mídia radical de enfrentamento ao racismo e outras formas de violência. O estudo foi realizado a partir de experiências do grupo Angoleiros do Sertão, onde treinéis, contramestres e mestres concederam entrevistas e foram prontos em colaborar com a pesquisa e compartilharam suas experiências e vivências no universo da Capoeira Angola. De acordo com Nemer (2021), “a etnografia é uma metodologia rigorosa e uma forma de conhecimento apropriada para estudar práticas sociais e culturais”. Essa metodologia foi escolhida pelo fato de ser um método em que é possível trazer as informações o mais próximo da realidade das pessoas entrevistadas e dos seus lugares.

Nemer (2021) descreve que a “etnografia crítica coloca os participantes no centro da pesquisa, de forma que as pessoas possam definir o que é valorizado por eles, o que resulta em diversos pontos de vista”. Neste trabalho é possível observar as diferentes opiniões, organizações e compreensões a respeito da Capoeira por diferentes lideranças do grupo. Buscou-se colocar essas pessoas no centro da pesquisa para conhecer as suas experiências e conhecimentos com essa tecnologia ancestral.

5.1. Fases da Pesquisa

A pesquisa foi realizada durante os meses de Fevereiro de 2022 a Julho de 2024, dividindo-se em três fases: na primeira fase foi realizada a pesquisa bibliográfica e submissão ao Comitê de Ética e Plataforma Brasil, o que foi realizado entre fevereiro de 2022 a Agosto de 2023. A pesquisa foi embasada teoricamente em construções sobre a Capoeira, a situação do negro no Brasil e Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, a pesquisa bibliográfica foi realizada até a conclusão do texto.

O projeto de pesquisa foi submetido na plataforma Brasil, sendo aprovada pelo comitê de ética. Um dos pontos principais sobre os Termos de Consentimento foi a decisão do entrevistado em permitir ou não a utilização do seu nome utilizado

no meio cultural. Neste ponto todos os entrevistados optaram em que fosse referido seu nome no meio da Capoeira.

A segunda fase, aconteceu no período de fevereiro de 2022 a Maio de 2024, onde foi realizada a observação participante que aconteceu durante eventos, rodas, encontros presenciais e virtuais do grupo. A observação participante consistiu na participação das oficinas de Capoeira e na interação como aluna de capoeira com outros participantes e rodas de conversa onde houveram assuntos que dizem respeito ao universo da Capoeira. Participei de eventos desde Fevereiro de 2022 a Maio de 2024, em diversos núcleos dos Angoleiros do Sertão como: Assis, Feira de Santana, Salvador, Rancharia, Presidente Prudente e São José dos Campos. Tive a oportunidade de visitar os eventos de três outros grupos de Capoeira Angola, que são Escola Tabono – Contra Mestre Pingo de São Bernardo do Campo-SP, EPCA (Escola Piracicabana de Capoeira Angola) – Contramestre Vaguinho de Piracicaba-SP, ARCCA – Contramestre Eddy de São José do Rio Preto e uma roda de capoeira no campus da Unesp de Rio Claro-SP, do grupo Agô Capoeira organizada pelo mestre Miltinho Astronauta.

A terceira fase aconteceu de Outubro de 2023 a Agosto de 2024, onde foram realizadas as entrevistas com lideranças responsáveis por diferentes núcleos do grupo. Também foi realizado neste período a análise das entrevistas e a elaboração da apresentação dos dados.

5.2 Coleta de Dados

A coleta de dados na observação participante consistiu em anotações de campo ou gravações de áudio, vídeos ou fotos com um resumo da vivência, que se distribuíram entre eventos presenciais em diversas cidades do estado de São Paulo e em Feira de Santana-BA e encontros virtuais que abordaram diversos temas relacionados a Capoeira Angola. Foram realizadas entrevistas com lideranças do grupo, que foram realizadas presencialmente ou via Google Meet.

Faz parte da coleta de dados conversas informais com os participantes destes eventos e a troca de informações e experiências pessoais para promover o vínculo com os participantes, demonstrando a importância como seres humanos e suas questões.

5.3 Entrevistas

Foram realizadas um total de seis entrevistas, que foram conduzidas em português. As entrevistas duraram de 25 minutos a 75 minutos, também foram feitas anotações. Foi explicado para cada entrevistado o objetivo da pesquisa que estava sendo realizada, informado que seria enviado o termo de consentimento de forma eletrônica e se o entrevistado autorizava ou não a publicação do seu nome usado no meio da capoeira. Considerando o respeito aos entrevistados que concederam as entrevistas, certas menções a instituições serão citadas de forma genérica.

As entrevistas foram baseadas em quatro questões norteadoras:
1. Microbiografia dos entrevistados e dos seus saberes na capoeira;
2. O que os entrevistados sabem, entendem e conhecem do universo da capoeira, considerando sua formação e experiências;
3. Como a Capoeira tem se organizado em seu local de atuação;
4. Como a Capoeira tem lidado com as questões de raça e gênero.

5.4 Gravação de Áudio

As gravações das entrevistas foram feitas por vídeo ou áudio, sendo oferecidas as condições confidenciais exigidas. As gravações de áudio foram feitas pelo aplicativo URecorder no meu celular pessoal, Samsung A34. As entrevistas por vídeo foram realizadas pelo Google Meet sendo armazenadas no google drive cedido aos alunos da Unesp e compartilhadas apenas ao entrevistado correspondente.

Para a transcrição foi utilizado o aplicativo transkriptor e realizada uma revisão do áudio e do texto transcrito, assim foi possível a correção de erros existentes. Cada entrevista foi enviada ao entrevistado onde foi dado o retorno que os dados poderiam ser usados para a pesquisa. Num segundo momento as entrevistas foram analisadas e escritas em forma de narrativa, foram novamente encaminhadas para os entrevistados para a sua aprovação ou correção de informações.

5.5 Análise de Dados

Os dados coletados nas entrevistas passaram por uma análise fundamentada pelo professor Juarez Xavier, que consiste na metodologia dos 4 P's que analisa a partir do material coletado quatro categorias: Pessoas, Processo, Plataforma e Protocolo. Sendo organizadas da seguinte forma:

1. Pessoas – Apresentação dos entrevistados, podendo conter a sua formação no universo da Capoeira e os saberes que transmitem aos seus aprendizes;
2. Processo – A organização da Roda de Capoeira, considerando os espaços de atuação de cada entrevistado e a sua forma de pensamento quanto a transmissão da Capoeira;
3. Plataforma – A Manutenção da Capoeira, onde foi analisada como essa expressão da cultura popular se mantem, parcerias, financiamentos e locais de atuação;
4. Protocolo – A Capoeira e seus Enfrentamentos, onde foi analisada nas falas dos entrevistados os valores e os enfrentamentos contra o racismo e outras formas de violências no ambiente da capoeira.

As entrevistas concedidas foram apresentadas em forma de narrativa, em primeira pessoa considerando sobretudo nesta abordagem o destaque da oralidade em culturas afrobrasileiras, assim as informações transmitidas através da oralidade constituem o ponto de vista de cada entrevistado. Na elaboração do texto de apresentação dos dados coletados foi realizada a análise do discurso, separadas em quatro categorias de análise, que será descrita logo adiante.

Essa pesquisa teve o compromisso ético com o grupo de pessoas que participaram, ao se basear na etnografia crítica que compreende, neste trabalho, a sociedade é estruturada por raça, gênero e classe, o que mantém o sistema de opressão principalmente contra as pretas e periféricas. "A etnografia crítica tem o propósito político de empoderar, mobilizar, construir reconhecimento interno e ajudar a direcionar a ação das pessoas que estão politicamente marginalizadas" (Nemer, 2021).

A constituição da história do grupo foi elaborada a partir de um bate-papo sobre Oralidade em um evento no ano de 2022 no Sesc Bauru. A fala de mestre Claudio traz informações sobre a sua vida e sobre as motivações que o levou para o

caminho da Capoeira. Parte da história foi registrada de maneira fractal, a partir da etnografia ao ter participado de diversos eventos presenciais e on line onde mestre Cláudio trouxe informações sobre o histórico do grupo.

5.6 História Fractal dos Angoleiros do Sertão

Para a compor a história do grupo de Capoeira Angoleiros do Sertão foram utilizados vídeos sobre o grupo que estão disponíveis no Youtube e a fala do Mestre e fundador do grupo em uma roda de conversa que aconteceu no Sesc Bauru, em 15 de Outubro de 2022 durante um evento de Capoeira Angola realizado pelo núcleo dos Angoleiros do Sertão de Bauru, sob liderança do Mestre Tico[21].

Mestre Claudio Costa é o idealizador e fundador do grupo cultural Angoleiros do Sertão, nasceu em Feira de Santana no ano 1967. Fundou a escola de Capoeira em 1985, que atualmente é um dos maiores grupos de Capoeira Angola do interior da Bahia. O Mestre no início de suas atividades implantou a roda de Capoeira Angola e Samba Rural aos sábados em frente ao Mercado de Artes em Feira de Santana, que já acontece semanalmente há aproximadamente trinta anos.

Atualmente Mestre Cláudio coordena o núcleo da Mantiba e um espaço em um centro cultural em Feira de Santana, que são os espaços onde os alunos mais antigos de Feira de Santana recebem as orientações sobre a movimentação e a forma da transmissão da Capoeira, caracterizando como um espaço formativo. Além deste trabalho, uma das suas principais atividades consiste em participar de eventos em diversos núcleos do grupo e como mestre convidado em diversos outros grupos de Capoeira para ministrar rodas, oficinas de Capoeira Angola e Samba Rural em cidades de diversos estados do Brasil e em outros Países.

Possui conhecimentos da Capoeira Angola, Samba Rural e outras manifestações culturais que estão presentes no interior da Bahia como o Bumba meu Boi, Quebra Pote e Rei Roubado. Em janeiro é realizado o encontro anual de Capoeira Angola dos Angoleiros do Sertão na comunidade da Mantiba em Feira de Santana, onde essa diversidade cultural acontece. É artesão e luthier, confeccionando todos os instrumentos que constituem a orquestra da Capoeira

[21] Paulo Henrique Guerra, realiza o trabalho com Capoeira Angola e Samba Rural na cidade de Bauru há mais de 20 anos, atuando na área cultural da cidade de Bauru, em locais como Casa do Hip Hop que funcionava na antiga Estação Ferroviária de Bauru, atualmente ministra aulas de capoeira uma vez por semana na comunidade Ferradura Mirim.

Angola e do Samba Rural. O grupo Angoleiros do Sertão, tem como base o ensino da Capoeira Angola e integra essas manifestações culturais na sua transmissão. De acordo com o fundador do grupo “hoje os Angoleiros do Sertão é um grupo cultural, onde a base é a capoeira”.

Em falas realizadas por Mestre Claudio em eventos e rodas de conversa, foi trazida a informação que ele vem de uma família de capoeiristas, sendo que conheceu tios que jogavam capoeira, ou que confeccionavam instrumentos, trazendo elementos de uma linhagem familiar no universo da Capoeira, embora o seu desenvolvimento como capoeirista aconteceu com outros mestres e a partir de estudos sobre movimentação, musicalidade, confecção de instrumentos, da prática e do trabalho constante realizado com a Capoeira.

Mestre Claudio relata que na década de 1980 não existia escola de capoeira em Feira de Santana, as rodas aconteciam nas casas dos capoeiristas e na rua. Mestre Claudio relata que aprendeu capoeira com Negão de Jorgina, capoeirista que tinha um espaço de capoeira em um terreiro de candomblé na cidade de Feira de Santana e quando se mudou pra Salvador, se matriculou na escola do Mestre Di Mola[22] no bairro Rio Vermelho. Para além disso, seu aprendizado da capoeira também aconteceu nas ruas, nas festas de largo, com mestres do interior, de Feira de Santana e com mestres antigos de capoeira (ABELHA, 2015).

Registros de Mestre Claudio disponíveis no YouTube, trazem reflexões sobre Capoeira em dois momentos, sendo possível observar que o significado da capoeira ganha movimento assim como a roda, agregando as vivências e as experiências. Sendo assim, no ano de 2015 Mestre Claudio conceitua a Capoeira da seguinte forma:

> A Capoeira é tudo. Capoeira é vida. É princípio, meio e fim. Enxergo lá na frente a partir da Capoeira, Capoeira é o que me move, o que me faz acreditar que é possível. A Capoeira é várias coisas quando você ouve velhos mestres falarem o que é Capoeira. A Capoeira é o que é pra você. Não existe um sentido único do que é a Capoeira, se não todos falariam da mesma forma. Capoeira é dança pra quem quer dançar, é luta pra quem quer lutar, é arte pra quem é artista. É arte, é luta de integração e de socialização. Defino a Capoeira a partir disto” (ABELHA, 2015).

[22] Domingos André de Souza, nasceu em 1952 e fundou a Roda de Capoeira no Mercado Modelo em Salvador-BA, moldando uma outra forma de organização da Capoeira.

Já ao final do ano de 2018 durante uma atividade na Finlândia, o Mestre conceitua a Capoeira de uma forma mais ampla e fazendo uma análise da sociedade.

> Poderia dizer que Capoeira é arte, que capoeira é cultura, capoeira é dança, mas se eu fosse fazer um resumo de tudo isso eu diria pra você que Capoeira é uma expressão libertária do povo oprimido, do povo que luta, do povo que labuta, do povo que vive sempre em busca de liberdade, pra mim isso é a Capoeira Angola. No passado ela era uma expressão libertária dos oprimidos das correntes, mas hoje ela é uma expressão libertária do oprimido do sistema que vivemos, então todos tem necessidade dessa libertação, do sistema que nos cobra, do sistema que exige da gente e que você tem que estar sempre na busca e que nesta busca pela sobrevivência você nunca se farta, nunca é o suficiente, você cresce, você envelhece, você morre e todos independente da condição social está sempre vivendo essa situação de repressão de alguma forma e a Capoeira consegue no mínimo amenizar um pouco disso na sua vida. Acredito que a Capoeira é a arte que nos leva ao ponto de equilíbrio da vida. Ela nos faz compreender que precisamos estar nesta busca, do ponto de equilíbrio da vida (MIETTUNEN, 2018).

Em informações cedidas pelo aluno Gabriel, do núcleo de Bauru, filho de Neto que foi uma das pessoas a participar da implantação do núcleo na cidade. A escola de Capoeira Angola que foi fundada em Feira de Santana-BA, ganhou diversos discípulos em cidades de diferentes estados brasileiros e também em outros países. O primeiro núcleo fundado fora da cidade de Feira de Santana, foi o de Bauru que teve como responsáveis pelos trabalhos Neto e Silvio, eles tiveram contato com Mestre Cláudio em um evento na cidade de Indaiatuba-SP na década de 1990, onde estavam presentes vários Mestres antigos entre eles Mestre Boca Rica, Mestre João Pequeno. Um novo reencontro aconteceu na cidade de Jaú-SP em um evento do Mestre Marcial[23].

A partir daí Silvio passou cerca de um ano em Feira de Santana convivendo com Mestre Cláudio e adquirindo os aprendizados para a transmissão da Capoeira. Silvio retornou da Bahia com a formação como treinel, a partir daí teve início o núcleo na cidade de Bauru, que teve como o primeiro espaço um local no centro da cidade em frente à Câmara Municipal. Além da convivência com o Mestre, os estudos sobre a Capoeira também aconteciam por meio da análise de jogos e movimentos gravados em fitas de vídeo. Este material era fundamental para a análise e reaplicação dos movimentos da capoeira e dos estudos sobre a musicalidade.

[23] Marcial Augusto Lopes, nascido em 26/12/1959, professor de educação física no ensino médio, começou a ensinar a Capoeira em 198, atuou em projetos sociais. Fundador do grupo de Capoeira Amukenguê em Jaú-SP.

Os Angoleiros do Sertão em Bauru, ainda na década de 1990 tiveram suas atividades na Universidade Estadual Paulista (Unesp), local onde aconteceram eventos culturais produzidos pelo grupo em parceria com a universidade. Posteriormente, foi construída uma sede do grupo com a ajuda de Mestre Cláudio em um bairro periférico da cidade, onde as atividades permaneceram por mais um tempo. Os responsáveis pelo trabalho até então por questões da vida precisaram se afastar da Capoeira e Mestre Tico assumiu o trabalho, ainda como aluno na época. A partir daí o núcleo passou por diversos locais em áreas centrais, antes da pandemia as aulas de Capoeira aconteciam na estação ferroviária de Bauru, e atualmente acontece no Centro Comunitário do bairro Ferradura Mirim, área periférica da cidade.

A escola de Capoeira Angoleiros do Sertão tem núcleos do grupo desenvolvendo seus trabalhos nos estados da Bahia, Amazonas, Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo e em outros países como Alemanha, Finlândia, EUA e Inglaterra. O grupo busca agregar diversas manifestações culturais, com objetivo de manter as tradições afro-brasileiras, tendo como base de suas atividades a Capoeira Angola e o Samba Rural, manifestações que representam a cultura de quilombos em Feira de Santana. Mestre Cláudio viajou por quase todos os estados do Brasil e mais de sessenta países ministrando oficinas de Capoeira Angola, Samba de Roda Rural e outras expressões da Cultura Popular Afrobrasileira.

Em 2022, ao participar de uma roda de conversa com a presença da treinel Solange[24] e do professor Dr. Juarez Xavier[25], mestre Cláudio fez uma fala onde foi possível transmitir uma parte da sua compreensão sobre a capoeira, como os motivos que o levaram a se interessar por essa luta e se dedicar a aprender e a ensinar essa manifestação da cultura afro-brasileira. Nos parágrafos seguintes será contextualizada a fala do mestre a respeito da sua compreensão e jornada nos caminhos da Capoeira Angola. Para a apresentação do material coletado optou-se pela edição em texto corrido, valorizando a oralidade que também é um dos aspectos fundamentais desta pesquisa.

[24] Solange é treinel do grupo, faz parte dos Angoleiros do Sertão há 17 anos. Possui graduação, mestrado e está realizando doutorado em Geografia na Unesp de Rio Claro-SP. Engajada em movimentos negros, sociais e culturais.

[25] Ativista antirracista, possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela PUC-SP (1990), mestrado Comunicação e Cultura - USP (Prolam/USP, 2000) e doutorado – USP (Prolam, 2004). Atualmente é professor assistente doutor da UNESP, e Vice-Diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (Faac - Unesp/Bauru). Coordena o Núcleo de Pesquisa Neocriativa, que reúne pesquisas sobre economia criativa na cidade de Bauru-SP

5.7. Mestre Cláudio Costa

Na minha vida tudo teve sentido prático. Eu não consigo entender como é possível falar de algo que não se pratica. Por isso eu gosto de falar da Capoeira no sentido da prática. Dentro das minhas reflexões a Capoeira é o primeiro movimento político organizado no Brasil, não um movimento político partidário, mas um movimento político organizado contra o poder escravista e essa organização se deu a partir das rodas, dos círculos. Na minha vida, no geral, tudo aconteceu no sentido de círculo, a Capoeira sempre foi uma necessidade pra mim, a Capoeira nunca foi uma prática que um dia eu desejei fazer porque alguém falou faz Capoeira que é bom. Naturalmente eu fui percebendo que eu precisava fazer Capoeira.

Eu ouvi muitas vezes vovó falar pra mim vai estudar pra ser gente e eu não conseguia entender por que ela dizia isso. Eu convivia muito com a minha avó lá na roça e ouvia muito ela falar sobre isso. Onde eu nasci era como se fosse uma aldeia, era zona rural, era roça (em Feira de Santana-BA), lá viviam vovó e vovô que eram os donos das terras e nasceram os filhos e foram construindo suas casas ali naquele lugar, nasceram os netos e foram construindo ali. E inúmeras vezes eu ouvia vovó dizer vai estudar pra ser gente, eu não conseguia compreender, por que eu venho de uma família que ninguém estudou. Não sei por que vovó achava que a gente tinha que estudar se ela também não estudou.

É muito interessante falar isso, eu estava refletindo e imaginando a minha família é toda da roça, todos são da roça, quem deu origem a nossa família chamava Luiza Agogê, veio da costa da África escravizada para aquela região de Feira de Santana e foi também um negro do Sudão. São estas duas pessoas que dão origem a nossa família. E por ela ter vindo da costa da África, ela era tida como negra da costa pelo dono da fazenda, então todos os negros da costa naquele lugar pertenciam a determinado senhor. Esse costa se tornou uma marca registrada nas pessoas e virou sobrenome. Então minha bisavó tinha o sobrenome Costa, minha vó tinha o sobrenome Costa, minha mãe tem o sobrenome Costa e eu também tenho.

Ainda falando sobre a questão da roda e eu me lembro dos mais velhos da minha família, lá era como se fosse uma aldeia, as casinhas uma perto da outra, era muita terra e ninguém tinha condições de fazer nada com as terras e no futuro

venderam tudo barato. Então, eu lembro deles chegando do trabalho e se sentavam na frente da casa. Vovó morava em uma casa de taipa era uma casa baixinha e meus tios se sentavam na frente das suas casas e contavam muita história e isso é muito de comunidade que existe um respeito dos mais novos perante os mais velhos. Os mais velhos é como se fossem a liderança da comunidade. Eu tenho essa lembrança que a gente sentava e eles contavam a história a gente só fazia rir, não falava nada e não contava nada.

Eu falei que os meus primeiros contatos com a Capoeira foram na roça, os primeiros contatos muito grosso modo. Um dia eu comecei a fazer Capoeira, a Capoeira pra mim ela foi sempre uma necessidade. Mas eu tinha uma necessidade que era muito tenebrosa. Neste mesmo período minha mãe tinha saído da roça e foi morar na cidade, construiu um barraco, é triste mas é interessante. Mãe vai morar na cidade e deixa eu e meus irmãos com vovó, com o tempo mãe voltou pra buscar a gente, eu, Sara e Gerson. A minha diferença pra Gerson é de dez anos, então nessa época eu tinha dez anos e Gerson vendia picolé, vendia laranja, se virava na feira. Eu não, eu não fazia nada.

Nessa época mãe conseguiu com tia Aninha, que tinha umas terras lá na estrada boiadeira, que hoje é Campo limpo. Mas ali era a estrada boiadeira de Feira de Santana, os vaqueiros traziam o gado lá de dentro de Sertão. E tia Aninha deu um pedaço de terra, que era um lote pra mãe construir. Mãe construiu um barraco, sem porta sem nada, mãe botou papelão nas portas e fomos morar lá. Eu, mãe, Sara e Gerson, e um dia mãe começou a gostar de um cara, ele era um homem negro, uma pessoa muito agressiva com minha mãe, eu era muito moleque e ele era muito agressivo com mãe.

Nesta época eu fiz meus contatos com a Capoeira e fui levando em frente a Capoeira naturalmente, ninguém falou faz Capoeira que é importante. Faz Capoeira, porque Capoeira liberta, ninguém falou nada. Parece que a Capoeira ela estava no meu íntimo e me dizia você não vai se desligar da Capoeira porque você precisa da Capoeira. E o namorado de mãe maltratava muito ela, ele batia, ameaçava na minha frente. Algumas vezes eu entrava no meio, muito novo, ele me empurrava, eu caía. As vezes ele saía voltava tarde da noite, acordava minha mãe e brigava com ela. Passou a fazer parte do meu sonho um dia tirar minha mãe dele e aí eu fazendo Capoeira eu fui pra Salvador pra trabalhar em casa de madame.

Lá foi muito difícil, a patroa não gostava de mim e o marido dela também não, aconteciam muitas humilhações. Eu comecei a fazer Capoeira novamente com Mestre di Mola, próximo a sétima delegacia do Rio Vermelho em Salvador. Eu voltei diferente de Salvador, maior e mais forte, quando voltei pra Feira de Santana eu disse dessa vez ele [o namorado] vai vazar, lembro como hoje, sem dar muitos detalhes eu consegui tirar ele de dentro de casa. Ele foi embora e não voltou nunca mais. Por que eu estou dizendo isso? Imagina o quanto a Capoeira mudou a minha consciência. A Capoeira me mudou completamente. A Capoeira me mudou na forma de estar, de me relacionar, na forma de conviver de viver em grupo, em coletivo. A Capoeira me deu família. A Capoeira me mudou completamente.

Esses dias eu estava refletindo sobre as origens da minha família, me lembrei que tenho um primo que hoje é advogado, tenho um primo que é doutor, houve uma mudança incrível, porque na minha família todos eram nativos lá da roça e trabalhavam nas fazendas dos senhores, assim como eu também trabalhei em fazenda dos meus senhores lá na roça junto com tio Cornélio. Então a mudança foi muito grande. Mas essa coisa do estudar eu não conseguia compreender a importância de estudar, vovó não conseguia mostrar pra mim a importância de estudar e minha mãe também não conseguia, mas eu consegui não sei como, mas naturalmente descobrir a importância de fazer Capoeira, eu precisava fazer Capoeira, parece que a Capoeira era o que ia me fazer gente, a Capoeira era o que ia me dar direção.

Sabe quando você fala de alguém que você conhece - esse não tem mais jeito, eu costumo dizer que parece que a capoeira dizia assim pra mim, você tem jeito. E aí eu conheci a Capoeira, comecei a fazer Capoeira, conheci os caminhos da Capoeira, conheci outras pessoas que estavam iniciando na capoeira também. E falando da roda, tudo isso acontecia em círculo. Toda a minha formação ela vem de círculo, deste movimento, deste ritual que ele é negro, ele é africano, ele é afro-brasileiro. Eu comecei a fazer Capoeira sem grandes perspectivas, mas sempre achando que era massa eu fazer Capoeira e que era importante que eu fizesse. Parecia que as pessoas não te via, não te enxergava e a partir da Capoeira era visto, isso me incentivava mais ainda a fazer Capoeira.

Nesse momento eu passei a fazer parte das rodas de Capoeira em Feira de Santana, você jogava, as pessoas batiam palmas, as pessoas vinham falar com você, convidava pra você ir em outra escola de capoeira. Fazia apresentações da

Capoeira é muito comum, principalmente no dia de Folclore. Com o tempo eu fui me revoltando muito com a escola, que Onirê[26] tape os ouvidos, eu fui me revoltando muito. Eu acho um ambiente muito segregador, a escola, a universidade, é um centro de colonização da mente onde você vai aprender tudo aquilo que eles querem que você aprenda e você precisa reproduzir tudo o que você aprendeu pra você estar certo, neste sistema que é formal.

Eu passei a acreditar mais na Capoeira, comecei a formar movimentos de Capoeira, comecei a reunir alguns amigos em Feira de Santana e outras cidades do sertão da Bahia e com o tempo eu formei um grupo. Onirê, me ouvindo falar muito sobre isso ele começou a incorporar essa ideia de levar a Capoeira para as comunidades negras. No início das minhas atividades com a Capoeira eu comecei a fazer esses trabalhos sociais pensando que eu poderia contribuir e eu não sabia como contribuir, talvez só a Capoeira já seja uma grande contribuição, mas eu não achava que isso poderia mudar a comunidade, eu só pensava que as pessoas podiam ser capoeiristas, só ser capoeirista pra mim já é uma coisa de bom tamanho.

Comecei um trabalho de Capoeira em uma comunidade chamada Pau de Légua, no passado chamava Pau de Lucas, onde ficava Lucas da Feira era um homem negro que os pais foram escravos lá em Feira de Santana e ele cresce revoltado com o sistema, e tinha esse lugar que era uma comunidade, lá eu montei meu primeiro grupo de capoeira quando eu estava aprendendo capoeira e os meninos que estavam aprendendo capoeira, estavam aprendendo junto comigo, a gente estava aprendendo juntos na verdade, eles começaram a chamar de professor, de mestre, foi muito interessante.

Eu tive alguns alunos e eles se envolveram com o crime, eu não conseguia mudar eles. Eu não conseguia dar direção pra eles, porque eu estava nessa mesma fase que eles e esse lugar é um lugar muito perigoso, é o lugar mais perigoso de Feira de Santana. Muitos deles se envolveram com o crime e eu tinha uma dor tão grande, porque eu não conseguia fazer nada, mas eu não sabia o suficiente, hoje eu consigo mais, muito mais, mas eu ficava com aquela sensação tão dura assim comigo. Tinha um aluno, Vela Preta, ele se envolveu com o crime e morreu, Gilmar morreu, Gilvan morreu, todos eles eram contemporâneos meus, eram vizinhos. Isso dá uma tristeza muito grande e eu tinha essa coisa muito forte em mim, de achar

[26] Treinel dos Angoleiros do Sertão, filho de mestre Cláudio.

que tinha que mudar tudo, tudo o que eu não concordava achava que tinha que mudar, mas não sabia como mudar isso, então vamos fazer Capoeira.

Nós saímos da comunidade Pau de Légua e montei um trabalho de Capoeira em outro lugar, tinha um aluno que vendia coentro com um carrinho de mão e eu morava num quartinho de aluguel e ele tinha casa própria, o pai dele, a mãe dele, os irmãos todos juntos e cedeu o quintal da casa pra eu dar aula de capoeira. Eu comecei a dar aula de capoeira neste lugar, então muita gente da comunidade que fazia capoeira. Os dias de capoeira eram a atração do lugar, enchia de gente pra assistir a capoeira, essa parte era muito legal, a gente se amostrava, você nunca era visto, você não era percebido, as pessoas paravam, se ajuntavam, era pra te ver mesmo na capoeira. Isso era muito legal.

Essa coisa das pessoas se juntarem pra jogar capoeira me fazia entender cada vez mais que eu precisava fazer capoeira. Fazer capoeira pra ser visto. Fazer capoeira pra ser reconhecido. Fazer capoeira pra ter valor. Fazer capoeira pra ser gente. Pra mim só ela consegue fazer isso. Com o tempo eu comecei a perceber que eu poderia fazer muito mais, muito mais do que muita gente que tem recursos que pode. Então tivemos vários projetos no Palácio do Menor[27], com crianças, aquela época antes do governo do Lula, bem antes, era muita gente, jovens, dormindo nas ruas de Feira de Santana, dormindo nas calçadas, no centro da cidade eram muitos meninos dormindo nas calçadas, no papelão assim como você vê em São Paulo na Praça da Sé, isso era muito comum em Feira de Santana. No Palácio do Menor, tinha várias atividades, eu sabendo deste espaço, eu procurei a direção do espaço pra eu dar a minha contribuição com a capoeira.

Eu falo isso pros meus filhos, para os alunos da capoeira no geral, onde você dá aula de capoeira? Vai fazer nas comunidades, nas periferias, arruma um jeito de levar a capoeira para as comunidades, a capoeira é das comunidades, é das periferias, a capoeira é da zona rural, a capoeira é do negro, a capoeira é do pobre, é do lenhado, entende? Eles precisam fazer capoeira, urgentemente precisam fazer capoeira, principalmente neste momento que a gente está passando em nosso país. Eu saí do Palácio do Menor e procurei outros espaços, fiquei um tempo nas comunidades e voltei a morar na roça.

[27] Abrigo para menores em situação de rua.

Nesta fase eu construí uma casa na roça pra mim, logo em seguida eu comecei a construir um salão de capoeira pra dar aula de capoeira pra comunidade de graça, eu não tinha condição nenhuma, o que eu tinha, o que eu estava ganhando eu construí um salão pra dar aula de capoeira, eu construí um salão pra falar de samba de roda pra comunidade que não estava mais querendo saber de samba de roda, porque o jovem ele gosta do que a maioria gosta, o jovem não gosta do que a minoria gosta. O que a maioria gosta está nas mídias, está na televisão, está no rádio todos os dias, tocando, tocando, martelando. Eu senti essa necessidade, coloquei aula de percussão de samba de roda voltada pra cultura popular, a percussão do samba de roda, era a música, era a chula, era o batuque, era o relativo, nós formamos um grupo com eles e também lá na roça.

Esse movimento virou um ponto de referência e de diversão na comunidade, a noite enchia de gente pra assistir a capoeira, domingo a tarde era o dia de roda. Os pais dos alunos iam, as mães, parecia que era festa, parecia uma aldeia, virava festa lá em casa, eu fazia isso sem fins lucrativos, eu comprava calça, camisa dava pra eles, eu imaginava que era o meu dízimo, algo que você dá por algum motivo, então eu fazia isso com o que eu ganhava com a capoeira, do que a capoeira me dá pra eu devolver pra capoeira, mas isso não é um papel meu, é um papel do estado e o governo tem pouco investimento nisto. Esse projeto durou quatro ou cinco anos.

Como eu falei antes, é muito interessante porque eu levei a comunidade pra estar inserida dentro desse movimento, então eu organizava uns festivais de samba de roda com as crianças, as que sambavam melhor ganhavam um prêmio como uma camiseta ou um berimbau. E os jurados eram os pais das crianças mesmo. Os tocadores do samba eram os meninos da comunidade, que fazia o samba. Com isso eles começaram a gostar muito mais do que gostavam de samba de roda. Hoje um dos lugares mais fortes do samba de roda na Bahia, é Feira de Santana e na nossa comunidade. Eu posso afirmar pra você aqui agora que você não vai ver lá na Bahia o samba de roda se manifestar de forma tão natural como acontece na nossa região.

Outro dia ouvimos um samba tocando com o sol quente, era samba de roda na comunidade. Eu tenho quase certeza de que esse trabalho que foi feito contribuiu bastante pra isso. Eu lembro que na década de 1980 quando tinha o samba lá na roça, tinha o rei roubado, tinha as novenas, eu já não estava morando na roça eu estava na cidade, meus primos avisavam que ia ter samba e eu ia. Quando chegava

lá o samba era comandado pelos mais velhos e velhas, e os jovens estavam lá dizendo pra colocar a música que estava tocando na época.

O fato de ter o samba hoje na comunidade é uma coisa que me marcou muito, eu e mais outras pessoas fizemos um trabalho sério pra poder resgatar isso. E hoje nós temos muito desses jovens, dessas meninas que são sambadeiras, elas algumas vezes são chamadas pelos estrangeiros para ensinar como se samba. O samba rural é diferente, a pisada é diferente, não é como você pisa no Rio de Janeiro em escola de samba, não é como você pisa em São Paulo numa escola de samba, não é. Você sabe que a pisada do terreiro, do caboclo, do axé é diferente, a pisada é diferente, então precisa ir lá pra aprender, chega lá elas procuram essas sambadeiras, muitas das vezes.

Tudo isso pra mim isso é uma gratificação muito grande saber que você não errou nos seus pensamentos, você pensou de uma forma que foi produtiva, deu certo, a partir daí se expandiu esses projetos pra fora de Feira de Santana, chega até o estado de São Paulo através do mestre Marcial[28] que me trouxe aqui pela região pela primeira vez. Então esses projetos, vem se expandindo por outros estados, por vários lugares do Brasil, das suas possibilidades, dos lugares, levamos esses projetos pra fora do Brasil também, então é isso.

[28] Marcial Augusto Lopes, nascido em 26/12/1959, professor de educação física no ensino médio, começou a ensinar a Capoeira em 198, atuou em projetos sociais. Fundador do grupo de Capoeira Amukenguê em Jaú-SP.

6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo será apresentada a análise de dados a partir das cinco entrevistas com lideranças do grupo Angoleiros do Sertão. Conforme descrito na metodologia as entrevistas foram analisadas de acordo com quatro categorias que serão apresentadas abaixo.

6.1 Treinel Solange

Apresentação

Eu estou no grupo desde 2004, tenho um contato muito próximo com a sede do grupo, com a escola de capoeira lá de Feira de Santana- BA, dando suporte ao mestre na organização das atividades na cidade. Eu fiquei com essa função porque eu tenho um jeitinho para conversar com as pessoas. Eu entendo um pouco das leis, então nós nos ajudamos nesse sentido. Eu ajudo o grupo nesse sentido. Fora isso, eu e o Treinel Pernalonga temos um trabalho com a comunidade, no parque Lagoa Subaé, a gente puxa treino para crianças, mulheres e jovens. Atualmente desenvolvemos um trabalho com a Capoeira na cidade de Rio Claro – SP, onde nos mudamos recentemente.

Na Capoeira, eu faço a movimentação, eu toco um pouquinho, arranho um pouquinho na música, canto um pouquinho. A Capoeira é tudo na minha vida. A Capoeira é um mundo. Pra eu falar o que é que eu sei da Capoeira é complicado, porque acredito que eu não sei nada, estou aprendendo. O que eu entendo pela Capoeira é o que ela faz para mim, o que ela é para minha vida e pra mim se tornou um espaço de transformação social. Espaço de me entender como gente, de perceber o tanto de perdas que eu tenho da sociedade por eu ser quem eu sou. E a Capoeira diz não, você tem que ser quem você é. Você aqui é você.

A Capoeira é muito de cada um. O Mestre fala que você pode fingir como for, mas na roda você se revela. Cada um se revela dentro da capoeira, se mostra quem você de fato é a partir da capoeira. E eu vejo a capoeira dessa forma. Para mim, a capoeira é um espaço de abertura de se mostrar e de se fortalecer também. Falo com os meus alunos que a gente não está ali em um espaço de disputa, não estamos ali contra alguém estamos com alguém, então os nossos jogos são com o parceiro, o Mestre ensina isso, não é contra o parceiro. Então eu sinto muito isso da parceria na Capoeira.

Muita gente fala que a capoeira pode ser uma luta, pode ser um jogo, pode ser uma brincadeira. Mas para mim, a capoeira é a vida. Ela é uma parte mostrando como é a sua vida, como é você na sua vida, se você vai num lugar, você vê alguma coisa errada, você se desvia daquilo ali, você toma uma rasteira, você se levanta, você tem um momento de atacar e tem um momento de se defender. Enfim, é saber a hora de calar, a hora de sair e a hora de estar. Pra mim a musicalidade da capoeira é o coração batendo, você chega assim e sente a energia aparecer para você de verdade, cada pessoa que está na roda sente de uma forma diferente e eu acho que essa é a beleza da capoeira.

A Organização das Rodas de Capoeira

Eu era a responsável por administrar o espaço cultural que o Mestre dá aula, onde tem várias artes, várias manifestações culturais, porém a capoeira, não é uma manifestação considerada para esse espaço. A comunidade, pode se inscrever nas oficinas deste espaço. É uma inscrição anual que acontece, a pessoa se inscreve e se ela for sorteada ela pode participar. Ela paga uma taxa para poder participar, não é gratuito e por esse motivo que a capoeira se recusa a estar nesse âmbito de oficina. A capoeira é uma atividade sequencial e lá eles não aceitam muito isso. Porque se não for sorteado, não pode participar e isso faz com que em cada semestre tenha uma rotatividade de pessoas diferentes.

Já no Parque Lagoa do Subaé, a nossa ideia é dar uma possibilidade, uma opção a mais no bairro. Uma opção que não seja a opção dentro da criminalidade. Iniciamos com as crianças e depois vieram as mães. A ideia de trazer essas mulheres, não era para estar no lugar que os filhos estão, mas para elas se preocuparem um pouco mais com elas mesmas. Ter um momento só delas sentirem um pouco do que a capoeira pode oferecer para elas, para além dessa coisa da movimentação corporal, mas para a relação entre as mulheres. E nesse processo nós acabamos nos tornando como liderança no bairro. Tinha associação de moradores, mas era é meramente político-partidária e aí muitas coisas, até hoje ainda vêm em busca do nosso espaço. Inclusive, hoje a gente tem aulas de yoga junto com a capoeira.

Acredito que eu possa contribuir com a capoeira mais nessa parte das relações. Eu gosto de trazer as pessoas pra perto, do acolhimento. É isso que a

gente tenta construir, que todo mundo esteja junto nisso. Já chegaram crianças lá com situações de agressividade elas começaram a se transformar ali dentro. Os próprios pais ou então a professora, que a gente conhece porque o bairro é pequeno todo mundo se conhece, a professora chegava e falava, Solange, essa criança depois que entrou na capoeira mudou. Ele estava fazendo algumas coisas aqui na escola que ele não faz mais. E olha que nós não dizemos isso para eles, não faça lá na escola, dizemos é assim que tem que ser na vida.

A Manutenção da Capoeira

Em relação a recursos, isso nós não conseguimos. Primeiro porque depende muito de mim, eu sou a pessoa que está mais a frente dessas coisas, de dialogar com as possíveis parcerias e eu não consigo ficar nessa de ir atrás e ver a porta bater na cara da gente. Bateu na minha cara, bateu outra vez, eu não vou mais. Eu não vou mais porque acredito que conseguimos fazer as atividades com o que a gente tem. Na época que estávamos em Feira de Santana, eu e o Treinel Pernalonga, a gente trabalhava. Eu trabalhava como orientadora social no CRAS, através de um concurso de seleção temporária e Pernalonga era costureiro na indústria. E nós recebíamos cada um, um salário mínimo, então nós pagávamos o aluguel do espaço e compramos a roupa das crianças.

Nós conseguimos recentemente uma parceria com o Treinel Mercúrio, da Alemanha. Em um momento que ele pediu para fazer uma oficina para eles, fiz a oficina no nosso espaço e as crianças foram, Mercúrio não tinha ido lá ainda. Ele perguntou como eram organizadas as atividades lá e eu contei, eles perceberam que as crianças não tinham sapato, então eles conseguiram uma verba para comprar o calçado. A gente fazia umas oficinas de artesanato com as mulheres, a verba que eles conseguiram ajudou a comprar material para essas oficinas. Nós vamos conseguindo assim, dessa forma, aceitamos ajuda das pessoas que se interessam em contribuir.

Quando viemos para Rio Claro, tivemos questões financeiras por causa da mudança. Telma, que é uma das nossas alunas que está segurando o trabalho também, começou a fazer rifa para poder pagar o aluguel, porque senão a gente não conseguia, se não fosse isso o espaço não estaria lá até hoje ainda.

Se tivesse um espaço público lá que a gente conseguisse acessar, conseguimos em outros lugares, mas no bairro não tem. O que tem lá, é uma escola municipal que era um projeto social, e não pode, não é permitido, porque fazemos o trabalho à noite. E não podem usar à noite, se for durante o dia, está tendo aula e as crianças não vão conseguir participar porque elas estudam também. Então sempre tem uma desculpa pro espaço não ser acessado, temos esse grande problema.

Quando eu estava no CRAS, a gente conseguia levar o serviço de convivência pra lá. Foi assim que começamos as oficinas de artesanato com as mulheres, era a oficineira do CRAS que ia para lá. Em Feira de Santana tem uma territorialidade muito grande para os CRAS, cada equipamento atende a um grande número de bairros. E o bairro que nós estamos é considerado uma área de transição, então lá é dividido para ser atendido por três CRAS e nem um deles quer assumir, ajudar, continuar com a gente, porque para eles o importante é o NIS. Tinham muitas mulheres, só que eram atendidas por CRAS diferentes. Deveria ser função do poder público, nós sabemos disso. É um terceiro setor o que nós construímos lá, que deveria ser função do setor público, mas como não é, nós não vamos deixar de fazer por conta disso.

A Capoeira e seus Enfrentamentos

A Capoeira dentro do espaço deste espaço cultural é um lugar de resistência, não é aceito, já tivemos problema com a direção, com o pessoal da segurança, da portaria e quando tem algum evento, eles tentam boicotar. Quase todas as vezes que acontece um evento neste local, um ou dois dias antes, elas mandam mensagem avisando que não vai ter capoeira porque a sala vai estar ocupada. Antigamente, aconteceu muitas vezes de chegarmos lá e estar fechado. Muitas vezes chegamos e está aberto e outras atividades culturais estarem no nosso espaço, na sala que seria nossa. Hoje conseguimos construir uma relação com a pessoa que é responsável, ela não é a diretora, mas é responsável pelo espaço e pelas salas. Eu tenho até um pouco de preocupação de como que está sendo isso agora que eu não estou lá.

A Capoeira, não é uma manifestação considerada para este espaço cultural, porque eles não entendem a Capoeira e outras manifestações, ditas populares,

como manifestação cultural interessante para eles. Lá é um espaço da música, do balé e do teatro. A Capoeira esteve lá sempre, há mais de 20 anos que a capoeira está lá, quando eu entrei no grupo, ela já estava lá. Eu vou fazer vinte anos de grupo. E eram outras lideranças, então a cada dois anos muda a direção e toda vez que muda a direção, a direção retira a capoeira. Então, todos os anos, independente de mudar ou não a direção, nós precisamos fazer um contrato duas vezes no ano para que a capoeira se mantenha nesse espaço, porque entendem que a capoeira não é uma oficina do espaço cultural. Então ela não deve estar lá, já que eles entendem que não há nenhum retorno para a universidade da Capoeira.

Primeira vez que nós tivemos o maior embate, nós precisamos usar outros mecanismos. Precisamos ir para o Centro Administrativo da Bahia, o CAB, pra solicitar a manutenção da capoeira naquele espaço. É por isso que estamos lá até hoje, porque foi via a Secretaria de Cultura do Estado e eu acredito que dependendo de qual grupo estivesse lá não se manteria, assim como alguns outros que era de cultura dita popular que estava lá, foi retirado e não conseguiu voltar e nós não saímos.

Conseguimos um espaço na garagem para guardar os instrumentos e em uma reforma que teve lá no espaço, eles arrancaram a porta do espaço e deixaram o espaço aberto. Então todos os instrumentos mais importantes do grupo, ficam lá e com essa porta aberta qualquer pessoa pode chegar lá e pegar, porque não vai ter nenhum tipo de vigilância sobre isso. Então isso é uma outra questão e eles dizem que eles não têm obrigação de guardar nada. Então, se a gente quiser, vai ser ali mesmo, no lugar de guardar as vassouras é onde a gente deixa os instrumentos. Eles finalmente colocaram a porta, mas ficou mais de um ano aberto.

A ideia de a Capoeira acontecer neste espaço é por dois motivos. Primeiro, porque é central e isso facilita o acesso de todos da cidade e segundo porque é um espaço público e gratuito é o nosso direito estar lá e a instituição, por muitas vezes, se recusa a nos aceitar. Criamos essa relação de identidade com o espaço, nós temos isso nessa territorialidade que a gente faz como Capoeira. E pra gente sair de lá, ir para um outro espaço onde já existe manifestação de Capoeira para criar um espaço de disputa não era a nossa intenção, queremos estar sempre ocupando outros tantos espaços porque tem. Sair de lá de um espaço que é consolidado, que tem mais de 20 anos para tentar construir um outro espaço em outro lugar, porque uma liderança não quer.

Ali não é um espaço de propriedade daquelas pessoas. Então a gente acha que se por acaso existe esse espaço, qual é o acordo que a gente faz: vocês estão com problemas com falta de salas por conta do trabalho de vocês? Vamos reorganizar os nossos horários, vamos reorganizar os nossos dias. A gente tem sensibilidade para isso. Ah, tem dias que vai ser feriadão, não vai abrir, a gente não vai, a gente entende e respeita os funcionários que trabalham lá e que a gente sabe que não vai para lá somente por conta da capoeira. Mas o que não queremos é que sejamos retirados de lá.

Esse espaço é como se fosse a nossa sede, a nossa base. Então se sair dali a gente se desmancha, se desmonta. Tem vários núcleos em Feira de Santana, entre eles, na UEFS, tem o do Caseb de Treinel Hulluca, tem do Lagoa Subaé com a gente, tem o do Viveiros com Treinel Pirata, tem o Feira VII com Mestre Claudinho, tem vários núcleos na cidade de Feira de Santana. Mas o espaço é aonde nós vamos, a nossa sede, todos os treinos dos outros núcleos precisam ser em outros dias ou horários para não chocar com os treinos de lá. É lá onde o Mestre treina, então nesse ninguém pode mexer.

Na sexta-feira é nossa roda, o Mestre falava que era roda treino, porque no sábado tem a roda oficial em frente ao Mercado de Arte. Então na sexta, a gente fazia um treino aleatório e depois era roda. É aquela roda onde o Mestre dizia: não, está tocando errado... tem que consertar isso, tem que corrigir aquilo. E o espaço é onde o Mestre diz para a gente: “ó, se for dar aula de capoeira faz assim.” É a nossa escola.

No trabalho que eu e treinel Pernalonga estamos a frente, na Lagoa do Sabué, nsso espaço, além da capoeira, além da yoga, que está acontecendo, nós fazemos algumas atividades, alguns eventos sociais durante o ano, por exemplo, deixamos os meninos entenderem a todo o tempo que a capoeira é uma manifestação cultural de matriz africana. Nós somos pessoas pretas falando sobre uma cultura preta, ou seja, o novembro pra gente não é o mês da Consciência Negra. A Consciência Negra acontece durante o ano todo, lá no nosso trabalho. Mas, em novembro, em especial, gostamos de trazer alguns temas que sejam importantes para eles focarem, coisas que poderiam estar na escola e que às vezes não está.

Então em 2021, fizemos o mês inteiro de programação, cada semana nós levamos uma pessoa diferente. Uma dessas pessoas que foi um professor

chamado Daniel, da Geografia também, ele está fazendo mestrado em desenho e artes e aí ele escreveu um livro chamado "D'África", falando sobre a África. Ele começou perguntando para as crianças o que elas pensavam como é a África e depois ele pegou e mostrou as imagens reais da África, não dessa África que a gente vê na TV. Uma África rica, de potências, de potencialidades e nós buscamos muito isso. Essa coisa de falar sobre a questão racista, racial, sobre o racismo de fato nós vamos diluindo durante o ano todo.

Nesse momento falamos das potências, buscamos trazer as potencialidades para eles, mostrar para eles que existem exemplos que eles podem seguir. Levamos Dheigson que é indígena pra falar um pouco dessa vida indígena para eles entenderem como é. Não só para colocar aquele cocar na cabeça e ficar batendo na boca como faz na escola. Em outro momento levamos Jef Akenaton, que é um músico e dançarino da cidade, ele ensinou a fazer os instrumentos com material reciclado e instrumentos da cultura negra, dança, foi muito bacana. Então fazemos isso. Nós fizemos essas coisas no mês de novembro. Geralmente é isso, não ficamos falando sobre o racismo ou situações racistas, porque isso eles estão vendo na mídia o tempo todo. Queremos mostrar para eles, as potências que eles têm e claro, durante todo o ano a gente mostra as formas de combater o racismo.

Em 2022 nós tínhamos pouco tempo, fizemos um piquenique da Consciência Negra, conseguimos um ônibus, levamos eles para uma lagoa que tem lá na cidade. Passamos o dia, fizemos lanche, levamos várias pessoas para dialogar, contação de história. Foi fantástico, um momento muito único para nós. A única dificuldade que nós realmente temos é que queríamos ter mais braço para conseguir fazer mais.

Eu entendo que a capoeira, não é um movimento de luta racial. Eu entendo que a capoeira, é um movimento de luta e de inclusão. É um movimento de inclusão e é racial porque ela é dos negros. Eu penso no conceito de raça como o conceito que só é usado e necessário para dois motivos, primeiro para o racista e segundo para a pessoa que sofreu racismo, se defender do racismo.
Eu penso dessa forma, porque quando nós falamos de raça, nós não falamos da raça branca, não falamos da raça ariana. Falamos só da raça negra. Por que só da raça negra? O meu pensamento com relação a essa questão de raça é que ela não é uma luta específica da capoeira, não é uma bandeira da capoeira, ela está na capoeira, ela está naturalmente na capoeira, no fazer da capoeira. Onde a capoeira

está, nós estamos fazendo essa luta racial. O fato da capoeira entrar em determinados lugares já é uma luta racial.

É uma luta que, eu vejo muito como o Mestre, não dá pra gente ficar mais nesse movimento de resistência. Hoje a gente existe e precisamos entender e se apoderar desse lugar que a gente tem e para aqueles que não compreendem ou não aceitam que nós existimos, vão ter que aceitar. Se não aceitar, vai sofrer sozinho, porque nós vamos continuar. A luta racial dentro da capoeira, acontece naturalmente. Os cantos da capoeira, os toques da capoeira, a relação que a capoeira tem com os saberes ancestrais, a força espiritual que tem dentro da capoeira, é tudo da nossa matriz africana. Nós estamos fazendo essa luta para inclusão social e nessa luta quem são os mais excluídos? Nesse momento os negros, os indígenas e pessoas com deficiência.

Com relação a questão de gênero, eu vejo assim: a mulher, está em todos os espaços. Nós estamos buscando esses espaços, na garra, na luta, porque sempre foi negado para nós. Não é uma questão exclusiva da capoeira. A capoeira, como eu falei lá no começo, reflete você e você reflete a sociedade. Então a sociedade é racista, machista e sexista. Nós estamos inseridos na sociedade em todos os lugares que a gente vai.

Se você pensar em pesquisar a capoeira antiga, você não vai ver a presença da mulher. Por que não vai ver? Por que não tinha mulher? Não é isso, tinha sim. Mas só que essas mulheres, não receberam o destaque que mereceram na época delas. E como nós temos uma cultura que é muito oral, então a gente não vai ter muita coisa escrita sobre elas. Vamos ter que cavar bastante para entender que aquela pessoa com aquele apelido ali era uma mulher ou era uma travesti, que já estava na capoeira desde essa época inicial.

E hoje o que acontece é que, infelizmente, estamos lidando com uma sociedade machista. Os homens e as mulheres da capoeira e de qualquer outro lugar, tem os traços do machismo e precisamos entender como colocar essa luta dentro da capoeira de uma forma que não seja uma outra bandeira, como já fizemos no começo dessa luta, do movimento feminista na capoeira.

Nós já fizemos um movimento de bater de frente com tudo o que tinha na capoeira pela necessidade da presença da mulher e com isso percebemos que a gente estava quebrando bandeiras para levantar outras e não seria isso. E pra mim, o objetivo da capoeira não é esse. Nós estamos juntos e lutamos juntos. A luta

antirracista ela é uma luta de todos. A luta contra esse machismo violento é uma luta de todos e nós precisamos entender que tanto mulheres quanto homens, que o feminismo não é o oposto do machismo. Ele não é isso, não é essa a ideia. E o espaço dentro da capoeira nós estamos conseguindo conquistar apesar de tudo.

É difícil, assim como qualquer outro espaço na sociedade, pra mim falar de capoeira, eu só posso falar da minha experiência nos Angoleiros do Sertão, nunca tive em outras capoeiras. Nós temos o nosso Mestre, ele reconhece as atitudes machistas que ele já teve, que ele chega a ter e ele tem essa sensibilidade de querer mudar, então acho que toda a nossa luta precisa ser de uma forma afetiva. De entender que não é com agressividade que vamos conseguir construir algo diferente com o nosso Mestre, porque se ele já tem interesse em mudar, a gente precisa entender que ele foi construído, nasceu e foi criado em uma situação e ele está querendo desconstruir isso. É o nosso papel ajudar também.

Não vou dizer que eu nunca sofri machismo na capoeira e também não vou dizer que a Capoeira é extremamente machista. Porque a sociedade, é assim que funciona e nós vamos aceitar e baixar a cabeça e pronto? Não, nós vamos transformar. Hoje eu tenho um espaço na capoeira, eu sempre falo que eu não tenho, nem quero esse espaço, mas todo mundo fala que eu tenho que aceitar. Eu tenho um espaço na capoeira de respeito, todas as pessoas me respeitam muito na capoeira, sejam aquelas que têm mais tempo que eu, ou as que estão chegando agora e um espaço de confiança. Isso é uma construção de muito tempo. Teve momentos de eu querer desistir, de querer abandonar? Teve. Mas só que a capoeira, é muito maior na minha vida, então, se ela é muito maior para mim, eu gostaria que fosse assim também para outras pessoas. Tanto que eu acho que todo mundo deveria fazer capoeira.

6.2 Contramestre Blanca

Apresentação

Eu entrei na capoeira quando eu tinha nove anos de idade em Santo Anastácio-SP, no dia 14 de Agosto de 1993. Treinei Capoeira num grupo que chamava Brasileirinho[29]. É um grupo de Presidente Prudente-SP que tinha como mestre fundador, o Mestre Carlos. Ele vem de uma capoeira do Mestre Pradella[30], que é uma pessoa que veio de São Paulo para Presidente Prudente, e difunde a capoeira nessa região toda. Na época, o Ari era professor e depois de um tempo ele e outros professores e contramestres do grupo, criaram um grupo chamado União Brasileira[31]. Saíram do Brasileirinho e criaram o próprio grupo. Ele ficou ali, na região de Santo Anastácio.

Na época eu já não treinava mais com o Ari, que tinha ido para São Paulo, ele se mudou por outras questões, mas acabou se envolvendo muito nesse movimento de Vale Tudo que tinha em São Paulo, foi lutar Vale Tudo. Eu tenho contato com ele, hoje está em São José do Rio Preto-SP e dá aula de Capoeira, mas também de outras lutas, como Muay Thai. Eu visitei a escola dele de Muay Thai há uns seis anos atrás. Eu treinava nesse momento com alunos formados dele, quando o Ari foi para São Paulo, ele deixou o Adriano e o Juliano, dois professores, eram estagiários na época ministrando as aulas em Santo Anastácio, continuei treinando com o Adriano, depois o Adriano saiu, foi embora de Santo Anastácio e eu fiquei treinando com Juliano, onde eu cheguei a me formar como professor.

Nesse processo, o grupo de Capoeira é União Brasileira. Ele começou muito a buscar a Capoeira Regional do Mestre Bimba, porque até então você tem um movimento de Capoeira que acontece que também vai se fundindo entre a Capoeira Regional e a Capoeira Angola e vai construindo uma outra, um outro jeito de ser, nem Regional, nem Angola. E é esse modelo que também chega ali em Presidente Prudente vai se difundindo e era esse modelo que a gente praticava no começo. E nesse momento, União Brasileira começa a caminhar na direção da Capoeira

[29] Grupo de Capoeira Regional fundado em 1985 por Mestre Carlos (Carlos Roberto Mancini).
[30] Mestre de Capoeira Regional, atua há quarenta anos na cidade de Presidente Prudente, tendo formado milhares de alunos de capoeira na região.
[31] Grupo de Capoeira Regional criado pelo professor Ari e contramestres do grupo Brasileirinho.

Regional de Bimba. Foi quando eu me formei na Capoeira, nesse grupo, como professor.

Neste período eu tinha entrado na universidade ali, e comecei nesse momento a andar muito atrás do movimento estudantil de Educação Física. Quando eu entrei na graduação em Educação Física, pela Unesp de Presidente Prudente, acabei me aproximando e me distanciando de uma ideia. A ideia, muitas vezes, da Educação Física que eu tinha e fui me aproximando muito de uma ideia que está relacionada à cultura corporal e de movimento. Uma abordagem crítica dentro da educação física e o movimento estudantil era local onde isso acontecia.

Viajando por aí, encontrei várias pessoas da Capoeira e num certo debate, a gente dialogava sobre a regulamentação da profissão de educação física com uma proposta de fragmentação do trabalho, que se dividia em categoria do trabalho e uma reserva de mercado para a educação física. Fazendo essa discussão com relação a Capoeira, uma pessoa falou que se o Mestre Bimba tivesse vivo ele estaria registrado e regulamentado na Educação Física. E isso me fez questionar o que era aquilo. O que eu estou sendo o contrário, é aquilo que eu estou indo de encontro dentro da Capoeira e isso me fez pensar bastante até sobre o movimento, onde eu acabei saindo disso e fui atrás da Capoeira Angola.

Comecei a estudar Capoeira e me mudei para Assis-SP nessa intenção, me formei em Presidente Prudente e mudei para Assis, pensando em estudar Patrimônio e Memória relacionada à Capoeira, utilizando da história oral como metodologia. Prestei o mestrado algumas vezes, não passei e fui ficando nesse ambiente da Capoeira Angola, dos Angoleiros do Sertão e isso foi me reorientando enquanto posição, enquanto pensamento de uma maneira mais crítica com relação a isso. Em 2020, eu ia prestar o mestrado porque surgiu uma problemática também, que me chamou muita atenção, que era a regulamentação da profissão de Capoeira, mas por outros motivos não foi possível.

Nos Angoleiros do Sertão, peguei o título de Treinel e um tempo depois peguei o título de Contramestre, desenvolvo aulas de Capoeira aqui em Assis, no Ponto de Cultura Galpão Cultural[32]. Também ministro aula para adolescentes na

[32] Ponto de Cultura que faz parte do programa Cultura Viva! Trata-se de uma Ocupação Cultural gerida pelos coletivos que ocupam o espaço e promovem atividades culturais como aulas, oficinas, eventos, rodas de conversa e apresentações. A história de ocupação do Galpão Cultura será contada mais adiante no texto.

Fundação Futuro[33], ministrei aulas em Marília-SP por um período, hoje não mais, no grupo dos Angoleiros do Sertão de lá.

A Organização das Rodas de Capoeira

As aulas de Capoeira que eu faço, não são muito diferentes das aulas do Mestre Claudio, porque ele acaba me inspirando. O fato de você ter um Mestre, uma referência de Capoeira, acaba te inspirando e ao mesmo tempo também indo na mesma direção. Algumas vezes acontece que eu estou pensando no movimento, aí eu pego uma aula com o Mestre, ele vai num movimento muito parecido com o que eu estou pensando, mesmo sem a gente conversar, nós estamos antenados no mesmo processo.

Tem muito a ver a forma como penso as aulas, como penso o movimento, como penso musicalidade dentro da capoeira. Temos esse grande diferencial dos Angoleiros do Sertão de trabalhar o samba rural. Esse jeito do samba que a gente costuma chamar de samba rural, dessa identidade que tem a ver com a identidade da roça no sertão nordestino, da Comunidade Mantiba[34] em Feira de Santana-BA. Não só de lá da roça, mas de muitas roças. O jeito que a gente vai construindo aqui e lá, vai tendo muita semelhança.

O fato de você ter um Mestre e uma pessoa de referência, acaba levando muito para esse caminho. Nada disso é igual, mas o sentimento é muito parecido, o que vem para mim nesse processo de formação junto com a Capoeira, é buscar esse sentimento pela capoeira. Em determinados momentos, a capoeira acaba perdendo sentido para algumas pessoas. Eu sempre costumo dizer para meus alunos que se você gosta de fazer esse jeito de capoeira e tem sentido, se pulsa algo aí para você, continue.

Eu me lembro de uma situação que para mim foi um looping, eu voltei para casa e chorei bastante porque tinha acontecido uma situação de agressão, não física, mas de muita agressão. Eu dava aula em Marília, saí de lá, voltei pra casa. As pessoas do grupo conversaram sobre o que aconteceu e trocaram mensagens e no outro dia chegaram para mim e falaram assim: “se acontecer uma situação dessas e

[33] Entidade Filantrópica de interesse público, criada pelo Rotary Club, atua com jovens e a sua inserção no mercado de trabalho.
[34] Comunidade Rural em Feira de Santana-BA, onde atualmente está localizada a sede dos Angoleiros do Sertão.

a gente tiver, nós vamos nos retirar”. Eu achei aquilo fantástico. Porque a relação de estarmos juntos, nós não estamos de bobeira, não vamos aceitar esse tipo de violência que vai ficar de boa, baixar a cabeça, vamos fazer isso juntos. Eu voltei pra casa, chorei bastante e compreendi que é isso é grupo, então a gente briga junto, eu fiquei pensando muito nisso.

Na época eu fiquei pensando sobre o que não era um grupo, quando eu fazia Capoeira, há muito tempo atrás e que a gente ia em evento e de repente saía uma briga e entravamos para brigar junto. Só que hoje é diferente, o enfrentamento é outro. Não precisa ser a partir dessa perspectiva, da agressão e da violência, mas uma coisa pensada e bem decidida sobre o que eu faço e o que eu não faço. Entender o que cabe e o que não cabe, o que é assédio, o que é violência e poder escolher o que você quer ou não. Eu achei isso de uma maturidade muito grande dos meus alunos, então é dessa maneira que eu penso a construção de grupo hoje. Nós estamos juntos e vamos tentar construir esse tipo de unidade, seja num momento desses, seja também no momento que quer se divertir. Então é na dor e no amor fazer parte do grupo.

É difícil, porque em alguns momentos surgem inquietações, surgem relações entre as próprias pessoas do grupo, de violência e coisas assim. E você também tem que dizer, tem que dar uma puxada de orelha aqui e outra ali. É o processo de formação das lideranças ser responsável pelos mais novos do grupo. O Mestre tem uma fala que eu acho muito massa: "Você está sozinho e está se achando sozinho. Você precisa pensar no que está te levando a ficar sozinho? Se você não tem aluno, você precisa pensar por que que você não tem aluno”? Porque algumas coisas podem estar em você e algumas vezes eu vejo isso em outros grupos, em terreiros também. Que os grupos que se abrem para essas perspectivas, eles avançam muito, seja na quantidade de gente, seja na relação da diversidade que se coloca na roda de capoeira de maneira mais aberta.

A roda precisa ser o espaço da diversidade. Se você está na roda, mas não está se sentindo bem para estar na roda, se você está ali mas não está querendo, em uma próxima você não vai estar. Então, para você estar, você tem que estar se sentindo bem. Para estar se sentindo bem, você precisa ser você, estar como você é. Mas ter um sujeito escroto na roda de capoeira pode acontecer também e você precisa lidar com isso. Você pode ignorar, é um jeito, você pode fazer várias ações com relação a isso, inclusive chamar pra roda e meter o pé.

A Manutenção da Capoeira

O Galpão Cultural, é o lugar onde a Capoeira acontece atualmente em Assis, ele surgiu no final de 2006, a partir de cinco grupos que se responsabilizam e se organizam para ter um espaço em comum. A ideia era essa. Precisamos ter um espaço. Eram ideias muito diferentes do porquê ter um espaço, mas o ponto é, precisamos de um espaço e aí surge o Galpão. Eu estudei em 2007, em Assis, comecei a pegar esse movimento a partir do dia Internacional das Mulheres, foi a primeira vez que eu fui lá. Sabia que ia ter uma roda de Capoeira e estava buscando ações que fossem ter no Dia Internacional das Mulheres e aí eu fiquei sabendo do Galpão, onde ia ter a roda de Capoeira, um sarau sobre a Cora Coralina. Então fui naquele espaço, morava do lado, uma quadra de distância e não sabia que ele era ali.

Num certo momento passou a existir um movimento de organização do Galpão com reuniões semanais e teve a necessidade de trazer mais pessoas para fazer parte da gestão do Galpão e isso me colocou por vários anos nesse processo de gestão do Galpão. Num primeiro momento, nós escrevemos o projeto Ponto de Cultura em 2009, foi selecionado. Eu fazia a gestão do Galpão e dava aula na rede de educação física e ao mesmo tempo, fazia a gestão de terça-feira à noite. Ia pro Galpão discutir o que ia ter, o que não ia ter. Ia pros mutirões, estava nas atividades que aconteciam no local, montava bar cultural, coisas assim, mas nada no sentido de ter uma dedicação.

Quando surgiu o ponto de cultura, surgiu também uma necessidade de ter uma gestão do Galpão atuando por conta, inclusive das burocracias que o próprio Estado pressupõe que tenha. Se o Estado diz que precisa ter um processo de gestão e de recurso, você precisa minimamente pensar no processo de gestão diante disso pra fazer a gestão desse volume de recurso. Era um projeto de três anos, eu entrei, fiquei esses três anos no final do terceiro ano tivemos um problema que já se arrastava há um ano, que foi o despejo do imóvel de um acordo com a prefeitura de pagamento de aluguel. O acordo venceu e a prefeitura não renovou. Nós fomos despejados do espaço e a saída foi ocupar um prédio público que estava abandonado, que é um prédio da rede ferroviária, é um prédio que tem até hoje, isso aconteceu em 2012.

Num primeiro momento, o Galpão Cultural não era onde acontece os eventos hoje, era num outro local próximo dali. Fomos ocupando esse prédio, fomos pensando no processo de organização interno, do que gostaríamos de fazer e o que era Galpão, quais são as funções que fazem parte dessa administração. Abrimos alguns processos de entrada de novos coletivos para gerir o espaço, não deu muito certo nesse momento. Em 2011 eu passei a fazer parte da Circus[35], que é uma associação que manteve o registro do Galpão como ponto de cultura porque tinha regulamentação diante do seu CNPJ. Este foi um dos coletivos que criou o Galpão, eu passei a fazer parte dessa associação, atuando mais neste lugar do que no Ponto de Cultura, pois tinha encerrado o projeto. Fomos pensando como que fazer a gestão desse novo espaço.

Quando nós entramos no novo espaço, resolvemos fazer um movimento um pouco mais silencioso. Chamamos um chaveiro, ele abriu a porta e colocamos as coisas. É porque nós íamos entrar num período de recesso das ações que a gente estava realizando. Estávamos realizando uma mostra na cidade que falava sobre a questão do lixo, nós fomos olhar o espaço durante essa mostra. Fomos realizar uma oficina da mostra e no meio disso saímos, fomos olhar o imóvel e gostamos. Voltamos, cada coletivo, discutiu se ia ou não ia ocupar o espaço também, alguns decidiram não fazer isso. E decidimos entrar, pedimos uma ligação de luz, uma ligação de água quietinho, pequenas coisas.

No dia que a gente já estava fazendo a ocupação nos deparamos com uma pessoa da Cimcal, que é uma empresa de cimento e cal, é quem tinha a responsabilidade pelo imóvel, veio até nós falar que não podia, que eles pagavam aluguel do imóvel. O imóvel era deles, aí o pessoal da prefeitura municipal também estava falando que não podíamos fazer isso. O próprio pessoal do PT[36] daqui da cidade, que era da prefeitura, o assessor do prefeito, todos falavam não. Vocês não podem fazer isso. O pessoal paga aluguel, isso aí é imóvel privado. Começamos a questionar que era um b

em privado quem paga aluguel e para quem? E aí ninguém sabia dizer nada.

Em 2016, teve um movimento, foi o ano do golpe contra a Dilma e aí nós tínhamos tentado junto a superintendência do patrimônio da União em 2013, buscar

[35] Organização não governamental, fundada em 2001, sem fins lucrativos, que atua com desenvolvimento de ações culturais e na área formação e capacitação para cooperativas de resíduos sólidos do município.
[36] Partido dos Trabalhadores

alguns acessos e depois com o golpe mudou toda a gestão de quem era da Secretaria de Patrimônio da União (SPU), logo depois já ia mudar de novo. Então ninguém queria fazer nada a respeito, mas a gente recebeu um e-mail da SPU de uma empresa que estava olhando esses imóveis. E nesse e-mail constava que a Cimcal estava dizendo que não fazia mais parte, não estava mais usando o espaço e estavam perguntando se a gente que fazia uso do imóvel. Já que a empresa não estava mais ali. Perguntamos se outra instituição poderia pleitear o espaço. Não tivemos resposta. Foi pra um caminho onde não respondo nem que sim nem que não, mas podemos ficar no lugar?

Existem alguns contratos da Cimcal por aí, pra fazer finalidade econômica que paga um aluguel bem medíocre para União. Era um valor bem baixo, pra usar um prédio daquele tamanho no centro da cidade. Em Presidente Prudente tem o Galpão da Lua, que é do lado de um prédio da Sing, ocupado pela Cimcal também, é da rede ferroviária, em vários locais fizeram isso, ocuparam os prédios da União pra finalidade econômica. Em Presidente Prudente ainda tem o uso, aqui eles tinham deixado abandonado e aí foi o momento que a gente ocupou. O prédio em Assis já estava há uns dois ou três anos abandonado, nós ocupamos. Nós já tínhamos um processo de ocupação muito mais consolidado aqui e aí é só tirar um termo de cessão, que é bem frágil com a prefeitura, mas é uma segurança jurídica que a gente tem que permitir para que não possa ser tirado assim de uma hora para outra.

Teve um momento que a Circus olhou para isso e reconheceu que estava dando muito trabalho pro coletivo, enquanto reunião institucional. Foi preciso criar novamente um grupo para fazer esse processo de gestão do espaço. Nós criamos um escopo de trabalho com o que a gente faria e quem seriam essas pessoas para começar a executar essas ações. Fomos construindo um plano, de pequeno, médio e longo prazo. Trazendo questões como: O que nós queremos com o espaço? Onde a gente quer que essa escada que está aqui fique? Vamos pensando o espaço de uma maneira mais contínua e não só remediando. Em 2018 conseguimos um documento da prefeitura de cessão do imóvel, em nome da Circus, e isso possibilitou que a gente se inscrevesse em alguns editais do governo do estado com recursos mais volumosos e pudemos fazer algumas reformas ali no espaço.

Além disso, o fato de ter vários coletivos ali, várias ações chegaram até o espaço, muitas vezes porque um coletivo quer fazer uma ação e não tem um espaço

para fazer. Esses coletivos chegaram até o espaço e fomos fazendo acordos de como as propostas poderiam acontecer, com orientações, até o próprio processo de escrita de editais desses grupos. Isso foi gerando mais ações como a Feira Literária, que acontece no Galpão, como a biblioteca comunitária, que recentemente ganhou um prêmio de ponto de leitura do Ministério da Cultura e outros projetos, como o Zimbauê, que é o Instituto do Negro, que mesmo não sendo um coletivo que ocupa o espaço, acaba fazendo algumas das suas ações ali e também escreve editais, conseguindo, sendo contemplado.

Hoje eu só faço parte de uma frente dentro do Galpão Cultural que é de manutenção do espaço, relacionado às reformas e manutenções do espaço. A organização do espaço tem quatro frentes: uma de comunicação, uma de lixo e limpeza, uma frente de recepção e produção dos acontecimentos. Faço parte da diretoria da Circus, dou aulas de capoeira lá e faço parte do Fórum do Galpão a partir das aulas de capoeira.

A Capoeira e seus Enfrentamentos

Minha intenção com o mestrado era estudar o registro da Capoeira como patrimônio cultural, mesmo não indo fazer o mestrado, mas continuando a observar esse processo, onde foi construído o projeto e a regulamentação do registro da Capoeira como patrimônio cultural, que aconteceu durante governo Lula. Isso de alguma maneira, criou alternativas diante de um processo muito cruel que estava acontecendo com parte da população. Mas, de fato, não deu respostas efetivas para o processo. Assim, produz a Capoeira e a regulamentação, ou seja, você busca através da regulamentação da Educação Física uma defesa de mercado para o campo da Educação Física, é uma tentativa de se apropriar de outras áreas.

Surgiu a regulamentação, o registro da Capoeira como patrimônio cultural, que dá algumas respostas, mas elas não são efetivas de fato. Por exemplo, no plano de salvaguarda da Capoeira, uma das questões é a garantia de aposentadoria para Mestres de Capoeira. O plano de salvaguarda existe, quando você registra uma manifestação como patrimônio cultural, você cria um Plano de Salvaguarda dentro desse Plano de Salvaguarda, no caso a aposentadoria como Mestre de Capoeira.

Diante de uma política, de outras faces do neoliberalismo, da exploração do trabalho e etc, como você vai garantir isso? Isso não se garante, de fato, numa briga específica para Educação Física. Você tem o aumento da idade para aposentadoria do trabalhador em geral, diante de um processo de ainda mais massacre da classe trabalhadora, como você vai garantir para os Mestres de Capoeira essa questão? Ou então, diante do próprio processo de desmatamento que existe, como que você vai garantir um Plano de Salvaguarda pra madeiras nativas de berimbau? Então é algo muito mais complexo que o próprio governo. O registro da Capoeira como patrimônio cultural, não garantiu. O que aconteceu foi fazer alguns eventos da Salvaguarda, convidar Mestres de Capoeira, pagar alguns cachês, mas não conseguiu fazer muito além disso. Não conseguiu efetivar mesmo um plano, criar ações de fomento para isso.

Isso não se deu na prática de uma maneira mais efetiva, ficou muito pequeno. E aí vem a regulamentação da Capoeira, acreditando que isso vai resolver tirando pessoas que não são da Capoeira de dentro dessa área da capoeira, tirando pessoas que não são mestres legítimos de uma determinada área e criando um conselho da Capoeira. Um Conselho Profissional da Capoeira, então é algo que tinha tudo a ver com a pesquisa e ia apresentar em 2020 em Marília-SP.

Considerando a questão racial, neste ambiente identifica-se uma prática de Capoeira que vai numa contramão de pensamento político. De proposta política, que tem a ver com a questão racial, mas tem a ver com o modo de pensar política, de você fazer enfrentamentos, de entender a Capoeira como uma manifestação do povo excluído e que automaticamente é o povo preto nesse processo todo. Não dá para negar e não dá para reorientar isso a partir simplesmente da questão da classe trabalhadora, mas entender que isso acontece, que isso está muito evidente.

Então, para mim, durante a transição que fiz da Capoeira Regional para a Capoeira Angola, é que tive um novo olhar sobre a questão de raça. Meu cabelo estilo dreadlook é algo que aparece de maneira muito forte, mesmo tendo a pele branca, eu sou filho de um casamento de pessoa negra com uma pessoa branca. Então o meu cabelo é crespo e quando eu comecei a deixá-lo crescer, porque é realmente algo de questionamento que eu fui fazendo com relação a minha vida. Nesse processo fui vendo as piadas acontecerem. Você vai se deparando com determinados elementos dentro dessa Capoeira que você faz parte, que você se questiona que é isso? Num primeiro momento, sem muito saber o que é isso. Só

sentindo isso de uma forma que você não gosta, mas depois, com o tempo, você passa a entender isso e passa a falar, a reconhecer expressões de racismo. Ir percebendo como diferentes grupos se expressam. Este foi um dos motivos da minha ida para a Capoeira Angola.

Hoje eu consigo ver esse tipo de prática também dentro da Capoeira Angola. Isso pra mim é algo que destoa muito do que eu penso, seja através da ideia da miscigenação e através de uma manutenção ou uma pureza. Então vou entendendo que isso, num primeiro momento, estaria ligado a Capoeira Regional e a Capoeira Angola. A capoeira está aí e é um processo de educação e nesse sentido, eu também fui percebendo a possibilidade que ela dá. Sempre falo que o enfrentamento é tão difícil como jogar com uma pessoa que é mestre. Porque você até pode dar uma rasteira no mestre de Capoeira, mas ela precisa ser construída de passo em passo. Precisa ser construída para que ela não seja simplesmente algo a ser combatido, é algo a ser aprendido e absorvido por aquela pessoa que levou a rasteira, seja ele o mestre, ou uma pessoa racista.

Se você está na Capoeira, já é um bom elemento, porque aí a partir disso a gente vai se reeducando. Algumas vezes no amor, algumas vezes na dor. Pra formar um grupo e mantê-lo precisa ter disposição, ter condições para fazer isso, é algo muito difícil. É algo que de vez em quando dá um cansaço, mas ao mesmo tempo, de vez em quando isso vira. É como um professor dentro de sala de aula, já dei aula um tempo também de educação física. Então tinha isso você vai para um looping, de vez em quando as aulas foram horríveis naquela sala. De repente você entra em uma aula massa e acredita que é isso que você quer fazer da vida.

Então acaba sendo difícil. As condições de fazer isso são muito precárias sempre. Como é precário se manter dando aula de Capoeira, porque tem essa necessidade dela ser inclusiva e aí você vai sempre ponderando todas as questões. Algumas vezes, você nem pondera as suas questões. Você pondera mais as das outras pessoas do que as suas. Para que ela realmente seja uma ferramenta inclusiva, coloque todo mundo dentro do coletivo, é muito difícil.

Na minha opinião a questão racial é mais fácil de ser abordada na Capoeira, por conta do seu histórico relacionado à questão do povo negro. Para a questão racial, ela é mais fácil de ser estabelecida, mesmo que ainda existam questões, de acessibilidade com relação à capoeira, muito fortes. Mas a questão de gênero ainda caminha a passos muito lentos. Tem pessoas que acreditam que é um tema fácil de

ser abordado, mas para mim ainda é muito frágil, enquanto ação mesmo, de eu olhar e falar, essa pessoa realmente é crítica com relação a isso. Ter uma posição que de fato defenderia isso, eu acredito que se avançou da mesma maneira como se avançou bastante socialmente. Falta muito, mas falta menos.

Quando você começa a pensar ações de inserção, isso passa por questionamentos. Mas a questão de gênero ainda é menor, assim como a questão é de identidade de gênero, isso é algo ainda mais complicado mesmo dentro da Capoeira. Os tabus ainda estão muito fortes e não só na Capoeira. E talvez na Capoeira, por conta dessas questões, que vem nela de conceito de tradição, as pessoas subvertem o que é tradição. Quando se entende por tradição como sendo aquilo que as pessoas simplesmente faziam.

Mestre Cláudio, é alguém que tem avançado muito nesse sentido. Eu ouço muitas críticas e talvez por uma questão geracional consiga, inclusive, ver algumas questões de gênero muito fortemente estabelecidas, problemáticas no comportamento, mas acho que é alguém que tem amadurecido bastante. Uma das coisas, inclusive, que ele fala que eu trago isso para a questão de gênero são as reflexões de que a Capoeira também passa a ser um objeto de gosto. Como que você quer que seja? Se você quer que ela seja uma prática inclusiva, como que você pensa em incluir essas pessoas? Você pensa em estabelecer essas relações?

Eu consigo identificar questões que podem gerar um processo, em alguns momentos, não são da minha aceitação. Mas ao mesmo tempo eu consigo perceber esse processo mesmo de mudança, do qual a gente está falando com relação à Capoeira e o fato de ter uma coisa tão fluida, permite que ela seja essa ferramenta de juntar as pessoas diferentes e de dizer, você está errado. Está errado, seja por conta de uma posição de racismo, seja por conta de uma questão de gênero, seja por uma questão de opção sexual, de identidade de gênero, para além da binariedade. Acredito que ainda temos muito a caminhar, na questão do racismo também, eu consigo identificar isso, mas acho que isso é mais tranquilo no ambiente da Capoeira, do que essa questão de gênero.

6.3 Contramestre Minhoca

Apresentação

Meu nome é Luiz Cláudio, tenho 44 anos de idade, eu comecei na Capoeira Regional com oito anos de idade e eu comecei com meu irmão que também é Mestre de Capoeira, Mestre Cobra[37]. Hoje ele tem um Centro Cultural e Social Grito de Liberdade[38], que eu fiz parte durante vários anos da minha vida, como discípulo dele. Em 1998, eu comecei a pensar Capoeira Angola, ainda estava na Capoeira Regional, em 2003 eu deixei de usar abadá e corda e comecei a buscar só a Capoeira Angola, eu era aluno do meu irmão e ele desenvolvendo a Capoeira Regional, mas também começando a pender pro lado da Capoeira Angola. Ele tem um trabalho há muitos anos e não podia se desligar da Capoeira Regional, muitos anos, muitos alunos, tinha mais de mil alunos.

Foi quando a Capoeira começou a tomar conta da minha vida e da vida do meu irmão, teve um dia que eu falei pra ele: “Mestre com todo o respeito, mas não dá mais, eu quero a Capoeira Angola”. Ele me desligou do grupo e eu já era Contramestre de Capoeira Angola, formado pela Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA)[39], tínhamos uma parceria, o grupo de Capoeira Regional dele tinha um apadrinhamento com a ABCA, a gente via lá o Mestre Gildo Alfinete[40], Mestre Pelé da Bomba[41], Mestre Boca Rica[42], Mestre Ciro de João Pequeno[43], vários outros Mestres da Bahia.

---

[37] Roberto de Oliveira França, líder do grupo de capoeira Grito de Liberdade, desde a década de 1980, desenvolve atividades de capoeira no DF com o objetivo de perpetuar a história das culturas de matriz africana.

[38] Criado em 21 de fevereiro de 2005 por Mestre Cobra e seus alunos graduados, tem sua sede situada no Riacho Fundo I em Brasília-DF e atua diretamente em diversas localidades do Distrito Federal e da Região do Entorno. Trata-se de um trabalho social e cultural que busca fomentar a cidadania, inibir e mediar conflitos, erradicar situações de risco, viabilizar a socialização e a ressocialização dos indivíduos.

[39] Associação Brasileira de Capoeira Angola - instituição de Capoeira Angola fundada na Bahia, que teve efetivada a sua criação por influência de intelectuais e capoeiristas. A sede funciona hoje no casarão amarelo da Rua Gregório de Mattos, no Centro Histórico de Salvador/BA. Teve como primeiro presidente Mestre João Pequeno de Pastinha, e da primeira diretoria faziam parte também os mestres Moraes, Cobrinha Mansa, Jogo de Dentro e Barba Branca.

[40] Mestre de Capoeira, nascido em Salvador-BA iniciou-se na Capoeira com Mestre Pastinha e participou de diversos eventos e viagens com o mestre, na década de 1990 participou da refundação da ABCA.

[41] Nasceu em 1934 em Mangabeira-BA, reconhecido como mestre aos 24 anos, dedicou sua vida a capoeira, tendo ficado afastado por 20 anos por motivo de uma doença. Retornou a Capoeira e foi um dos presidentes da ABCA.

[42] Nasceu em Maragogipe em 1936, aos dezesseis anos se afiliou na academia de Mestre Pastinha, participou de rodas e eventos de Capoeira por diversos lugares. Gravou um álbum com Mestre Bigodinho, sendo referência em musicalidade da Capoeira Angola.

[43] Mestre de Capoeira formado por Mestre João Pequeno em 2001 no Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA, nascido no bairro da Liberdade em Salvador-BA, instituiu Rodas de Capoeira no bairro Pernambués na década de 1970, atualmente atua como mestre de capoeira e músico.

Na ABCA eu me tornei contramestre de Capoeira Angola em 2008 e comecei a fazer um trabalho, meu irmão como não podia se desligar da Capoeira Regional, ele criou a Escola de Capoeira Essência da Liberdade de Capoeira Angola[44], dentro da Capoeira Regional ele criou esse outro grupo, para as pessoas que gostavam da Capoeira Angola e buscavam por este estilo de Capoeira. Eu estava à frente deste trabalho com ele e nas caminhadas da vida vi que não estava mais dando pra tocar o trabalho desta forma, não estava conciliando a Capoeira Angola que eu estava buscando com a forma de trabalhar a Capoeira Contemporânea que ele levava, tenho o máximo respeito a ele, máximo respeito a tudo que eu aprendi com ele e fui seguindo a história.

Fiquei um ano sem nenhum grupo, um ano sem estar com nenhum rótulo de grupo, foi quando eu comecei a me aproximar de Mestre Cláudio, foi em 31 de Dezembro de 2019, o Mestre falou comigo, disse: “Rasta, você está dentro agora é Sertão. Goiás e Brasília quem representa é você e vamos simbora”. Daí pra frente eu tenho me dedicado como Treinel de Capoeira, formado pelo Mestre Claúdio, é uma honra pra mim! Eu falo pros meus alunos do Sertão que antes de eu ser dos Angoleiros do Sertão eu já era fã deles, eu ficava vendo pela internet jogos do Contramestre Orikerê[45]. Antes de eu entrar no grupo, o Mestre fez uma pesquisa com alguns e as pessoas apoiaram a minha entrada, foi muito legal o acolhimento, o Mestre Cláudio falou comigo sobre como seria pra ter o título de Contramestre.

Essa está sendo uma outra fase pra mim na Capoeira, porque recomeçar não é pra qualquer um não, você começar de novo e aprender uma nova cartilha não é pra qualquer um. Eu disse ao Mestre Cláudio o que eu quero é ser seu aluno, pra mim está bom, título na hora que tiver de vir, vem. Eu quero ser seu aluno e dessa capoeira e a partir daí o Mestre me acolheu, as pessoas me acolheram, em Janeiro de 2023 eu me formei como Treinel e máximo respeito, só batendo cabeça e aprendendo com cada um do grupo.

Ter o sentimento de flexibilidade e colocar isso em prática é uma coisa que o capoeirista precisa trabalhar em si mesmo, é muito legal quando você se coloca dessa forma, de ser flexível, ter que baixar e bater cabeça pra você poder chegar e conquistar, nada é imposto, tem que ser adquirido na “manha do gato”. Quando você

[44] Escola de Capoeira criada por Mestre Cobra e associada a Escola de Capoeira Essência da Liberdade.
[45] Atualmente reside em São Félix – BA, recebeu o título de contramestre em 2022, de mestre Claúdio da escola Angoleiros do Sertão. Ministra aulas e oficinas de Capoeira, Samba Rural e Samba Reggae.

coloca isso em prática e vê as pessoas respeitando, procurando saber qual é a sua história, quem é essa pessoa que está chegando? O que ele está querendo? Até você adquirir essa visão, rasgar alguns véus dos olhos de alguns, para as pessoas te enxergarem, ver o seu brilho e olhar no seu olho.

Parece que para algumas pessoas na Capoeira é um desabono falar de onde você veio, mas se você for ver é um processo que você tem que passar pra chegar até aqui, existe essa hipocrisia no meio da Capoeira. A Capoeira Angola modifica vidas, modifica a Comunidade, modifica o dia a dia, se você busca algo mais profundo dentro dela como filosofia de vida você também encontra, eu vejo pelo trabalho social e depois que eu me tornei discípulo do Mestre Claudio as coisas acontecem de outra forma, tudo na vida é merecimento, eu mereço estar dentro do Sertão, a Capoeira cuida de mim de uma forma muito carinhosa, devo tudo a ela.

Nesta transição eu tive que baixar o nível que havia alcançado em outro grupo, eu vim pra Responsável pelo trabalho, estou pegando agora o título de Treinel, são escalas que fui galgando e comecei a observar com mais atenção, eu estou aí há quatro anos. A maturidade vai chegando e vai te ensinando como tratar cada um de uma maneira diferente e saber que você tem que se abrir, tem que se doar. Acho que eu já mudei o meu estilo de Capoeira, minha forma de jogar porque eu fico tão preocupado em fazer tudo com perfeição, eu pensava que eu tinha que me repaginar. Em um evento aqui em Brasília e eu estava jogando capoeira, fazendo alguns movimentos pela necessidade da roda, quando eu saí da roda o Mestre Cláudio me chamou e falou assim: “Rasta é esse Minhoca aí, você só tem que dar as pitadas do Sertão agora, você tem que trazer mais informações do Sertão, é só isso”.

Depois disso começou a voltar essa magia da Capoeira que eu gosto de brincar, eu sempre admirei os Angoleiros do Sertão, é tanto respeito que você quer fazer igualzinho ali. Mas isso vai vindo com o tempo e com os aprendizados. O que eu posso passar da minha história é esse instrumental: o cair e levantar. Saber levantar com maestria, com humildade, com simplicidade, respeitando o tempo do outro, a Capoeira Angola ensina isso.

A Organização das Rodas de Capoeira

Aqui em Brasília-DF, além do trabalho que desenvolvo com a Capoeira Angola e o Samba Rural de Mestre Cláudio, também faço um trabalho artístico. Faço apresentações nas escolas e em festivais de cultura, com a Puxada de Rede, Maculelê e a Dança do Fogo, é um trabalho que eu já faço há anos aqui em Brasília. Reunimos artistas de circo, do teatro, artistas de rua, está todo mundo indo pra Capoeira e pro Samba, mas também já começando a participar de algumas apresentações, projetos artísticos, dentro do cenário cultural aqui de Brasília.

Sou brincante da cultura popular e através da capoeira me foi aberto um leque também para outras culturas populares e outras manifestações que nós estamos vivenciando, como o Bumba meu Boi[46], Tambor de Criola[47], o Coco[48], o Maculelê[49], a Puxada de Rede[50], a Dança de Fogo e Bastão[51]. A Capoeira é como a minha mãe e no dia a dia e através dela pude vivenciar outras manifestações culturais. Tivemos um mestre aqui em Brasília, um mestre de Bumba meu Boi, ele parou com a capoeira e começou este outro trabalho. Depois da capoeira veio o tambor de Crioula, depois da Capoeira é que veio tudo isso. Quanto mais eu pudesse agregar no trabalho outras manifestações culturais, mais rico o trabalho seria.

Eu sou presidente da Casa de Cultura Telar[52], onde atendemos crianças, adolescentes, jovens e a melhor idade com várias oficinas. Fazemos a captação de recursos para projetos que envolve a Escola de Capoeira Angoleiros do Sertão, núcleo Brasília-DF. A Capoeira Angola é o carro chefe, além desta atividade temos teatro, circo, artesanato, contação de história para criançada e estamos dando continuidade a uma horta comunitária. Nessa horta, como tem pessoas da Capoeira que trabalham com agrofloresta, usamos esse espaço na Casa de Cultura Telar,

[46] Manifestação de uma tradição que incluí o brinquedo do boi e música afro-brasileira. O boi é um brinquedo da cultura popular.
[47] Manifestação da cultura popular que envolve circularidade, dança e música que tem como destaque os tambores.
[48] Ritmo e dança tradicional do Nordeste do Brasil, tendo como origem o canto dos tiradores de coco durante seu trabalho. Dança circula e o ritmo também está associado aos tambores.
[49] Dança afro-brasileira que mistura dança e luta, a dança é realizado com bastões que também contribui para a percussão do ritmo puxado pelos tambores.
[50] Dança folclórica que representa o trabalho dos pescadores.
[51] Arte relacionada ao controle e manipulação do fogo.
[52] Organização da Sociedade Sociedade Civil, fundada pelo Contramestre Minhoca e sua companheira Camila, atuam em áreas periféricas com culturas circulares, como a capoeira, samba, maculelê, puxada de rede, contação de história entre outras atividades abrangendo crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

onde a gente planta desde hortaliças a plantas medicinais, para a comunidade usar. Muitos participam nesse sentido, vai lá cuidar, vai fazer a colheita também. Todo mundo se beneficia da coletividade. Dessa forma conseguimos realmente usar a cultura e a arte como uma ferramenta de inclusão, de socialização e de prevenção principalmente.

A Capoeira dentro da comunidade é um valor muito forte, essa responsabilidade leva a nossa cultura e a nossa arte e, através dessa arte nós conseguimos a partir de um plano burocrático trazer potencialidades para a nossa comunidade, trabalhando não só o entorno, vai além. A cultura se torna um pano de fundo onde trabalhamos, o que traz dignidade para os que estão ali, para os capoeiristas espalhar em outros espaços. A periferia precisa demais dessa arte, ela não tem que ser elitizada, é uma arte do povo preto, ela tem que estar na rua. Ela é popular, o povo tem que estar perto dela, ter mais acessibilidade e mais facilidade para estar no universo da Capoeira.

Quando alguém me procura para fazer parceria, na prática eu trato com o maior amor, com o maior carinho. Como o Treinel Hulluca[53] está fazendo, tirando as dúvidas sobre o que está se propondo a fazer. Isso está aberto para quem acordar, quem se antenar pra isso. Porque nós temos muito o que aprender na Capoeira, com cada um de vocês, porque vocês são mais antigos, então eu respeito. Chega um momento que nós temos que nos colocar também como aprendiz. Vamos fazer juntos? Como é? As pessoas veem a captação de recursos como algo muito surreal, muito distante e difícil.

Imagine se eu entrasse nos Angoleiros do Sertão e ficasse dizendo que é difícil tocar o berimbau, é difícil jogar essa capoeira arranhada pelo chão. Até hoje eu ia estar aqui penando. Tem que acordar! Tem coisas que você tem que ser proativo e colocar em movimento. Por isso que eu tenho engatilhado para aprovar grandes projetos e trabalhar com mais dignidade. Poderíamos trazer para dentro do Sertão mais informação do trabalho burocrático, sobre os projetos, mas precisa que as pessoas enxerguem em nós uma parceria, não dá para chegar pra fazer, é pra formar.

Já conseguimos trazer vários representantes do grupo para eventos. Conseguimos tudo isso com verba pública. Através da capoeira a gente foi abrindo

[53] Treinel de Capoeira Angola formado na escola Angoleiros do Sertão, filho de Mestre Cláudio.

um leque, uma janela para outras manifestações culturais. É bom você conseguir encaixar o cachê, as vezes não dá pra pagar a passagem, mas paga a alimentação. Então, também é acolhimento, é a coisa mais importante da vida. Se você não consegue entender o acolhimento, você não consegue trabalhar em coletivo, não consegue trabalhar com o próximo. É preciso você se doar pra quando o seu colega for treinar com você, ter um sentimento de troca. Capoeira é isso.

A Manutenção da Capoeira

A Casa de Cultura Telar é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), eu sou o presidente e faço a parte da comissão de captação de recursos. Minha companheira é a pessoa que escreve os projetos, fazemos isso através das ideias que vamos pensando juntos, é assim que encontramos o todo, o corpo que faz essa Casa de Cultura funcionar. Atualmente nós nos tornamos um Ponto de Cultura, estou muito feliz. Já temos uma declaração, mas ainda falta alguns termos pra ficar pronto, aí vamos nos tornar um Ponto de Cultura e devagarzinho a gente vai trazendo esses benefícios para a comunidade.

Há cerca de quinze anos, foi quando começou a essa história de OSC na minha vida, quando eu era mais jovem não entendia nada da parte burocrática. Eu lembro da minha abordagem quando chegava para falar com um deputado, algum secretário, alguém do ministério, algum órgão aqui em Brasília que seja feita a execução cultural, eu lembro que eu não sabia o que falar, mas eu falava com meu coração, falava com verdade a necessidade do que tinha que mudar. Hoje depois destes anos todos eu consigo ministrar oficinas de como projetar uma OSC, como dirigir essa OSC, hoje eu consigo caminhar nestes lugares com mais facilidade.

Toda essa documentação e todo esse trabalho de você se colocar pra ir ver essas outras formas de captação, não só através de edital, mas de emenda parlamentar, acontece no seu cotidiano como eu comecei a vivenciar, são coisas que você só vai aprendendo no dia a dia. Você vai se apoderando disso, vai aprendendo esse jogo, essa vadiação, é só vivenciando. Nada é impossível.

Eu comecei na cara de pau. Vou contar uma história rapidinho, teve uma vez eu já estava como contramestre da ABCA, e queria levar um ônibus com quarenta alunos pra Salvador-BA, porque ia ter uma roda de Capoeira em homenagem a um velho Mestre da Capoeira. Eu tentei pela Petrobrás, mandei um projeto, este edital

fica aberto o ano todo. Entreguei o projeto só que eu não conseguia a resposta da pessoa, teve uma vez que fizemos uma apresentação e tinha alguém da Petrobrás lá, ela viu a apresentação com o pessoal batendo facão, falei com ela que tínhamos um projeto com a Petrobrás pra viajar pra caminhada de 02 de Julho em Salvador, só que não tivemos resposta, marquei o meu número e dei pra ela e pensei que ela não ia me ligar. Ela me ligou e disse: “Rastinha, se você quiser fazer uma apresentação pro meu chefe eu acho que você pode conseguir o que está querendo”.

A pessoa responsável pelas aprovações dos projetos estaria em determinado lugar, ela me pediu pra ir e entregar o projeto diretamente pra ele. Ela me falou isso de manhã, no final da tarde eu juntei dez alunos meus e fui pra região sudoeste de Brasília, deixei tudo preparado, foram dois tambores, os meninos com as tochas de fogo na mão, quando ele saiu nós acendemos as tochas de fogo, eu falei quem nós éramos, o objetivo do projeto e disse que íamos apresentar um pouquinho do que a gente ia levar pra lá.

Fizemos a apresentação, as pessoas que estavam em volta bateram palmas pra nós, ainda rodou o chapéu e ele me deu o cartão dele e disse pra eu ir na terça-feira falar com ele, cheguei lá ele desmarcou e remarcou pra quarta de manhã, fui lá novamente, cheguei na sala pra falar com ele, ele disse que ia aprovar o projeto pela minha audácia. Nós acreditamos e conseguimos o ônibus, o patrocínio pra ir pra Bahia. Tem que escutar muito o coração, a necessidade fala muito a verdade, tem que fazer isso, tem que fazer a intuição vai tocar no seu coração e vai te impulsionar a ir.

Atualmente estamos com um projeto na rua aos domingos, está acontecendo uma oficina de samba reggae com trinta tambores. Está vindo um oficineiro, que é ex Timbalada, mora aqui em Brasília está dando aula pra gente. Tudo isso é projeto, pra Fundação Palmares, pra Casa de Cultura. Eu acho que demorou muito, não acontece toda hora esses projetos, mas quando eles acontecem a gente procura extrair ao máximo, desde a divulgação pra que a comunidade saiba que somos uma entidade cultural, que está trabalhando cultura com verdade. O principal é entregar para a Comunidade o que você está se propondo a fazer quando escreve no papel. Muita gente se queima com esses projetos por este motivo, na hora de escrever promete o mundo, aí chega na hora já usou a proposta e não faz. Ou faz com qualidade ou não faz.

Mas não foi fácil até chegar nesse empoderamento, para ver uma pessoa preta em alta, uma pessoa preta como protagonista. Por isso que quando eu faço os eventos aqui em Brasília, não é ostentar, não é isso, é mostrar que somos capazes de fazer o melhor sim. Nós temos respaldo pra isso, porque senão fica se inferiorizando, se vitimizando, o negócio é se movimentar. Estou a dezesseis anos nessa brincadeira séria, transformei minha vida com a Capoeira, nós não temos que sobreviver da Capoeira, nós temos que viver da Capoeira. Ela que dá dignidade pra nós. Temos que pegar essa parte operacional e burocrática e temos que aprender, porque também é um jogo de Capoeira.

A Capoeira e seus Enfrentamentos

Na minha opinião, o que estamos fazendo é que a cultura que acontecia mais nos centros, começamos a descentralizar e levar pra onde não chega. É chegar aonde ninguém foi ainda, é chegar aonde ninguém viu capoeira. Tem muitos pensamentos fechados ainda que liga capoeira com a religião, tem que explicar que não dessa forma. E isso empodera a gente como preto, empodera a gente como gestor cultural.

Eu estou trabalhando com essa arte e nós também conseguimos, de uma forma geral, com esse ato tornar pessoas cabeças pensantes através do ressoar dos tambores, dos berimbaus, dos cânticos e dos nossos mestres. E a gente percebe que a comunidade que de repente estava presa dentro de um sistema que traz prejuízos, um sistema que quer calar, um sistema que quer fazer você ficar cego, que se resume em viver, acordar, levantar de manhã, ir pro trabalho, voltar de tarde, sabe? De acordar de começar de novo. Essa cultura popular se torna essa ferramenta de intermediação entre o Sistema, o Estado e o que tem de ser feito, ser realmente o previsto.

A capoeira é uma arte que você consegue se transportar, você consegue se libertar de algumas correntes que o sistema nos prende no dia a dia. Com a capoeira, com a arte, que a gente consegue promover na comunidade. As mães no dia a dia, quando passo na rua, vem falar: “tio Rasta obrigado meu filho está na contação de história, estou indo pro meu trabalho, mas sei que das oito ao meio-dia, ele estará lá com vocês”. Quando o Estado sabe agregar valor para o trabalho

especial que a gente faz, o resultado é positivo. O problema é a burocracia que eles colocam para isso acontecer.

Uma vez o mestre falou assim pra mim: “Rasta, esse negócio de que a fé move montanhas, entre você, a sua fé e a montanha têm uma pá, pega essa pá e começa a mudar a montanha de lugar, pega ela daqui e transfere ela para o outro lado. A fé é essa”. Você tem que ser a sua matriz, o seu motor, a sua energia. A Capoeira ensina a gente a ser isso, não tem como você passar por um treino de um capoeirista que seja cinco segundos ele arrancar um sorriso seu, nós trabalhamos isso, trabalhamos a energia toda hora.

Muitas vezes acontece isso, você quer chorar, mas tem que por a máscara do palhaço pra não dizer que eu estou chorando. Isso é da capoeira, porque no final a gente tem que estar no berimbau chorando por dentro, mas sorrindo por fora. A gente se colocou pra ser liderança, nos formamos como liderança, a comunidade nos formou liderança, então as vezes não é só a Capoeira. As vezes chegam algumas mãezinhas falando sobre as dificuldades que passam em casa e aí você entra num lugar de terapeuta, mas é isso, tem que desembolar.

Com a minha ida pros Angoleiros do Sertão, abriu-se um leque do que eu já fazia aqui em Brasília, com essa Capoeira Angola mais cultural, mais raiz, o Samba Rural. É mais esse terceiro setor o que eu faço aqui em Brasília. Hoje acontece aqui na Comunidade, vila Basevi, na Chapada da Contagem, de frente pro Parque Nacional de Brasília, é uma comunidade rural. Quando eu cheguei aqui o pessoal da igreja evangélica julgava quando eu estava andando na rua, “lá vai o maloqueiro”. E eu chegando com a minha arte, chegando com a capoeira e com outras atividades culturais, comecei a fazer um trabalho com a escola. Fizemos uma parceria durante seis meses, tínhamos um projeto pela Fundação Palmares e levamos esse projeto pra dentro da escola, pra trabalhar com a criançada. Fizemos as apresentações pra eles, quando acabou a apresentação os professores ficaram loucos, eles elogiaram muito.

Depois de dois meses começamos as apresentações em outra escola e foi muito legal teve a participação da comunidade. Eu me apresentei, disse a quanto tempo estava morando ali, que aquele espaço era um Centro Cultural pra agregar valor, pra trazer um pouco mais de informação, explicar que a Capoeira não é Candomblé, Capoeira não é religião, Capoeira não é igreja, Capoeira é Cultura Popular, é uma arte. Perguntaram sobre o meu cabelo, eu expliquei que era

dreadlooks que era meu mesmo, que já fazem quatorze anos que tenho esse dread. Perguntaram das tatuagens, expliquei. E até preto com preconceito de preto, dos mais preconceituosos a gente vê.

Hoje, depois de um ano e oito meses, saímos da escola, abrimos a nossa Casa de Cultura na Comunidade, onde as atividades acontecem de segunda a segunda. Nós atendemos cento e oitenta e três crianças, atende toda a comunidade. Os traficantes respeitam, os playboys respeitam, a comunidade respeita. Nós temos um projeto, que é o “Ocupa a Praça Basevi”, treinel Hulluca veio pra cá no mês passado, fizemos Capoeira, fizemos Maculelê, fizemos Samba, a praça estava lotada de gente. Um projeto cultural que foi feito sem demagogia, sem hipocrisia, que veio do povo para o povo.

Quando eu comecei a trabalhar com a Capoeira Angola aqui em Brasília, teve uma vez que uma aluna começou a frequentar as aulas de Capoeira comigo, no final eu vi que ela se amarrou no treino e ela quis conversar comigo, ela disse que era uma pessoa não-binária e perguntou se isso atrapalhava alguma coisa. Eu disse: “você pode ser o que você quiser, se você gosta da capoeira e quer estar na capoeira, o que você é ou deixa de ser é com você”. Falando mais uma vez é acolhimento. Na comunidade tem uma adolescente que é do axé e é uma pessoa preta enraizada, ela é preta, é do axé e começou a frequentar a Capoeira, a mãe dela falou pra nós que depois que ela começou a Capoeira está com a autoestima mais elevada, está mais empoderada, conseguindo enfrentar mais os ataques racistas.

Saber chegar, na vida isso é tudo, na Capoeira se você não tiver humildade, não tiver carisma você não vai conquistar ninguém. A Capoeira me dá essa força, essa força da Capoeira que nunca deixou de trabalhar, de dar condição. Quando os adolescentes estão na idade de arrumar trabalho, começamos a indicar as entidades culturais. Então eu me sinto realizado por tudo que eu faço pela Capoeira. Eu não sobrevivo dela, eu vivo dela.

6.4 Mestre Xande

Apresentação

Eu venho de uma família paulista e mato-grossense, da região de Presidente Prudente-SP e Mato Grosso do Sul, conheci a capoeira em 1986 quando eu mudei pra Rancharia-SP. Na cidade tinha um projeto social chamado PROFIC e tinha um professor que era professor de educação física e professor de educação artística, ele que lecionava capoeira nesse lugar. Então eu iniciei com ele, o mestre Deia, eu falo mestre, porém ele não era mestre, mas eu vejo como o meu primeiro mestre de Capoeira. Em 1989 veio para Rancharia o mestre Vandir Nunes[54], que era policial ambiental, ele foi transferido da polícia de Araçatuba-SP para Rancharia.

Teve um dia que nós estávamos fazendo uma roda de Capoeira lá na praça e vimos um policial parado, fardado. Ele se aproximou, pediu pra tocar, desarmou o berimbau, pediu licença pra desarmar, mexeu nos instrumentos, desarmou, armou novamente. Ele falou, vem aqui, você que está no pandeiro, vem pra um lado, vem pro outro, arrumou a bateria. Nós observamos que ele tinha conhecimento. Ele tocou a Capoeira e depois ele desceu pra roda e jogou, desceu de farda e fez o jogo da capoeira. Daí pra frente todos nós passamos a ser alunos do mestre Vandir Nunes.

Mestre Vandir Nunes foi aluno de um mestre que ele dizia, que eu conheci em vida, o Mestre Baianinho, que passava pelas rodas de Capoeira na Bahia e era angoleiro. Mestre Baianinho, foi o mestre de mestre Vandir. Então eu fui aluno do mestre Deia de 1985 a 1988 e do mestre Vandir Nunes de 1989 até 1998, depois ele teve que ir para o Rio de Janeiro e se mudou de Rancharia. Ele pediu pra gente tomar conta da Capoeira, nos deixou responsáveis por isso. Nós montamos um grupo sozinhos, eu e o contramestre Xandão[55] ficamos com esse grupo por dois anos. Em 2000 nós fomos para a Bahia no evento do Mestre Moraes[56]. Quando voltamos deste evento o contramestre Xandão (na época treinel) montou um grupo e

[54] Iniciou na Capoeira em 1975 com dez anos de idade, discípulo do mestre Baianinho, na mesma escola também recebeu orientações de Mestre Márcio Vinicius (in memorian) e Mestre Miguel Machado do Cativeiro.
[55] Responsável e criador do grupo de Capoeira Angoleiros do Interior, com sede em Paraguaçu Paulista-SP. Foi aluno de mestre Cláudio até o ano de 2018.
[56] Pedro Moraes Trindade, nascido em 09/02/1950 na Ilha de Maré, é filho de capoeirista e treinou na Academia de Mestre Pastinha a partir dos oito anos de idade, foi aluno de João Grande e João Pequeno nesta academia. Fundou o Grupo de Capoeira Angola do Pelourinho (GCAP) na década de 1980, é professor de inglês e português em uma escola pública de Salvador-BA e preside os projetos culturais do GCAP.

eu montei outro. Meu grupo chamava-se Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Bantus, grupo do contramestre Xandão se não me engano era “Sou eu Angoleiro”.

Em 2002 teve um encontro de Capoeira Angola em Martinópolis-SP, que um mestre chamado Portela[57], que tinha radicalizado a Capoeira Angola e se intitulava angoleiro, mas só tinham os nossos grupos que eram da região, o meu de Rancharia e do contramestre Xandão de Paraguaçu Paulista-SP de Capoeira Angola. Não existiam outros grupos e foram esses grupos que participaram desse encontro de Capoeira Angola. Nós nos encontramos novamente quando o Xandão estava nos Angoleiros do Sertão e aí ele me convidou pra eu seguir com ele e entrar pros Angoleiros do Sertão, a partir de 2003. Em 2004, eu fui pra Bahia cumprimentar o mestre e fazer os combinados, mas desde 2003 que eu estou na escola e estou aí até hoje, eu já entrei como treinel. O mestre nunca baixou o meu título. Entrei em 2003, em 2012 eu me formei contramestre e em 2023, me formei como mestre. Essa é a minha trajetória do Mundo da Capoeira.

A Organização das Rodas de Capoeira

Pra falar um pouco do que eu busquei quando entrei pra Capoeira, a primeira visão que eu tive de Capoeira era uma capoeira de movimentos rápidos, quando eu enxerguei a Capoeira e eu percebi que dentro desse movimento existia um lá que ele ficava sempre com um berimbau na mão, apontando o berimbau para os outros. Ele que coordenava, ele que arrumava a roda, isso me encantou. Pensei, se eu entrar nesse negócio eu quero ser igual aquele cara. Não foram os movimentos, foi a liderança isso me chamou a atenção na Capoeira. Foi quem coordenava, como era, as pessoas respeitavam chamavam de mestre, eu queria ser igual ele. Foi isso que me chamou pra Capoeira, quem estava ali coordenando a roda.

Eu fui buscando Capoeira, estudando Capoeira Angola e eu e o Xandão[58], nós sempre falamos de treinar uma capoeira original. Tinha gente que fazia parte de um grupo de Salvador, da Bahia, nós tínhamos uma ideia de Salvador, na nossa concepção, a Capoeira estava tudo ali, só no litoral. A partir de quando Xandão entrou para os Angoleiros do Sertão, que conheceu o Mestre Cláudio, que é do Sertão da Bahia, vimos uma outra linhagem de Capoeira.

[57] Mestre de Capoeira atuante na cidade de Mirassol-SP.
[58] Contramestre Xandão, fundador da escola Angoleiros do Interior, de Paraguaçu Paulista-SP.

Quando eu vi o Mestre Cláudio em Jaú-SP, em 1991 ou 1992, teve um encontro feito pelo Mestre Marcial[59] e tinha a presença de mestre Cláudio e mestre Zequinha no evento, ali eu vi essa Capoeira Angola, que hoje eu faço parte. Quando eu vi pela primeira vez o Mestre Cláudio e o Mestre Zequinha, quando eu vi aquele cara lá, coordenando a Capoeira, eu pensei que pra ser o chefe na roda, o mestre tem que ter conhecimento. Desde quando eu me entendo como capoeirista, eu passei a estudar Capoeira, eu li muitos livros de Capoeira, sobre a biografia dos mestres, li muitos livros. Era o recurso que a gente tinha naquela época, buscar através dos livros, tinha que ler algumas histórias de alguns mestres era o que motivava a gente a continuar na capoeira.

Nesse processo você vai adquirindo várias ideologias de Capoeira, porque às vezes um mestre pensa de um jeito, outro mestre pensa de outra maneira. Quando eu entrei nos Angoleiros do Sertão, a ideologia de mestre Cláudio era muito similar ao do meu primeiro mestre de capoeira, o mestre Vandir Nunes. A maneira de pensar era muito parecida. Outra coisa que contribuiu bastante para que eu ficasse nos Angoleiros do Sertão é que eu fui me identificando com aquilo que eu já me via. Quando eu entrei no Sertão, quando eu passei a conhecer o sertão, de onde o mestre vem, essa coisa da vaquejada junto, essas coisas típicas da roça, como eu já tenho isso junto comigo na minha família, quando fui me deparando com aquilo fui me identificando, estou no lugar certo. Essas coisas fortalecem, tudo dá certo.

Eu venho de um ambiente rural, sítio, roça, a minha família do Mato Grosso, vivia em fazenda, tem experiência em fazenda, vivências com o campo, plantar. Quando eu cheguei no sertão, no sítio, eu já me encontrei e mestre Capoeira que vem dessa vertente rural, é difícil. Ali eu vi que era possível alguém que vem da roça ser mestre de Capoeira, isso me fez acreditar mais ainda.

O conhecimento de capoeira eu tenho foi de acordo com os aprendizados que fui tendo nas oficinas, porque a gente tinha uma busca muito grande por Capoeira Angola, onde tinha uma oficina de capoeira nós íamos atrás. Mas quando eu entrei nos Angoleiros do Sertão, muitos dos saberes que eu acreditava, caíram por água abaixo. Eu mudei a minha maneira de pensar, porque eu só acreditava naquilo porque eu conhecia só aquilo. Hoje tenho uma visão mais progressista, menos limitada. Tudo pode, desde que você saiba o que está fazendo e não cause danos

[59] Marcial Augusto Lopes, nascido em 26/12/1959, professor de educação física no ensino médio, começou a ensinar a Capoeira em 198, atuou em projetos sociais. Fundador do grupo de Capoeira Amukenguê em Jaú-SP.

para a Capoeira. O conhecimento da capoeira ainda está sendo construído na minha vida, vem sempre sendo construída. Falar que eu sei tudo, eu não sei, mas o que eu sei é ela me dá condição de trabalhar com ela, de viajar com ela, de expandir, de passar ela para os outros.

Muitos assuntos que eu tinha conhecimento na Capoeira através de leitura, nos Angoleiros do Sertão eu me deparei com muita coisa que era verdade e muitas coisas que se falava lá também não era. Um mestre escreve um livro, lá ele coloca os fundamentos que ele acredita e aí um milhão de pessoas lê aquele livro, muitas pessoas vão acreditar naquilo vão passar a usar aquilo, mas aquilo não é um fundamento da Capoeira, é da vertente daquele mestre. Dentro do meu conhecimento sobre a Capoeira Angola ela não tem uma verdade, ela não tem uma vertente, é só uma vertente de conhecimento e tudo isso depende da linhagem que está sendo passada.

Então o sistema da Capoeira é muito amplo. Não existe uma só verdade na Capoeira e pra mim na Capoeira nada é mentira, só existe o diferente. O Mestre Lito[60], por exemplo, é um angoleiro totalmente diferente do que muitas pessoas pensam de Capoeira Angola e não deixa de ser angoleiro. O jogo dele e tudo mais, não deixa de ser bonito.

A Manutenção da Capoeira

No trabalho que desenvolvo trabalho com musicalidade, movimentação, a parte histórica, movimentação recreativa porque a gente trabalha com criança, então a recreação é muito presente. Eu acredito muito nesse movimento da Capoeira Angola por acreditar bastante nos conteúdos que a Capoeira Angola tem para trabalhar em prol do outro ser humano, foi assim que fui achando caminhos para implantá-la nas escolas. O que ela tem de bom pode ajudar o ser humano. Então eu peguei tudo aquilo que eu acredito que tenha de bom para ajudar o próximo, colocamos num projeto e implantamos lá na cidade.

Eu tenho um pouco de conhecimento físico, formei em Educação Física e sei também na parte física e mental, o que a capoeira pode ajudar o próximo. Então colocamos tudo isso num projeto e implantamos. Desde 2005 que existe um projeto

[60] Responsável pela escola Capoeira Angola Colorado Paraná

chamado Capoeira Angola na Escola, que atua em Rancharia. Começamos em 2005 na escola de ensino fundamental I, com crianças de 6 a 10 anos. Em 2014, entrou na rede infantil, implantamos em todas as escolas municipais para crianças de 4 e 5 anos, que são as pré-escolas. O projeto atende todas as escolas municipais e a melhor de idade, em 2018 e 2019, entrou para a Apae, para o CRAS, para o CAPS e a terceira idade. Estamos inseridos em vários setores da sociedade.

Nós temos já um centro de treinamento que é a nossa associação, a Associação de Capoeira Angola de Rancharia (ACAR), lá recebemos os alunos das escolas estaduais, neste local temos um trabalho em parceria com a prefeitura, ninguém paga mensalidade nenhuma. A ideia da associação surgiu através de um aluno meu, que trabalhou em sindicato, ele foi presidente do sindicato. Um dia ele estava treinando e ele falou pra mim sobre montar uma associação. Eu não sabia o que isso traria, então ele falou sobre os benefícios, o futuro que pode ter, os recursos que você pode trazer pra associação, pra comunidade através da associação. Começamos a pensar nisso, ele fez o estatuto depois de quinze dias dessa nossa conversa.

Depois disso nos reunimos pra falar sobre capoeira, é um rapaz chamado Gilson, ele veio de Sergipe pra minha cidade, ele é um agente da cultura popular, escreve cordel, escreve capoeira, esse cara foi o principal. Ele escreveu o estatuto, tem muito conhecimento sobre isso e quis ajudar e nunca pediu nada em troca de dinheiro. Isso é legal na capoeira, o pessoal vai chegando e contribuindo, agregando alguma coisa. Se o nosso grupo chega mais à frente é porque várias pessoas que têm vários conhecimentos diferentes e se juntam. Cada um fala dos conhecimentos que tem e de que forma poderia agregar pra capoeira, como escrever projetos ou então sugerir uma ideia. Então, eu acredito que é por causa dessas pessoas que a capoeira vai pra frente. É o que ajuda a capoeira.

Os mestres, aqueles que não passaram pela academia, que não passaram pela faculdade, eles têm o conhecimento da capoeira, o saber daquilo. Mas e o conhecimento para fazer aquilo chegar lá na frente, para conversar, trazer recursos, precisa dessas pessoas. É aí que a capoeira caminha. Se tiver quem sabe da capoeira, quem conhece, quem tem o saber, e essas pessoas que têm esse conhecimento burocrático, a coisa anda.

A Capoeira e seus Enfrentamentos

Eu acredito na capoeira pedagógica, mas não é uma capoeira que você tem que fazer uma faculdade, ser acadêmico pra você passar ela. Pra mim, a capoeira é futuro, é a capoeira que vai fazer independente da faixa etária que você vai atender, o aluno aprender algo que ele pode levar pra dentro da vida dele, é importante criar um mecanismo para que o aluno não saia dali. Não é um movimento físico apenas, não é só a musicalização, ele tem que sair daquela aula com uma mensagem que através dela, através daquele ensinamento que ele teve pra levar, possa ajudar outras pessoas.

Hoje em dia eu viajo com a capoeira para vários lados, recentemente estive em Curitiba. Eu vejo no meio da Capoeira, falando um pouco sobre os eventos, a capoeira ela agrega para muitas pessoas, ela também é um mecanismo de divulgação para as outras culturas. Então, no evento de capoeira, quando você abre a porta para uma apresentação de jongo, de coco ou apresentação de candomblé. Como se você juntasse várias culturas da cultura afro e agregasse num movimento só que fosse somando, é a evolução cultural. As pessoas não vão lá só para ver a capoeira, elas vão lá para ver a capoeira, mas vão ver outras culturas. Isso ajuda nessa quebra do pré-conceito. Quando você coloca outras culturas junto com a cultura da capoeira, principalmente as religiosas, vai se quebrando os tabus.

Eu acredito na capoeira educativa, pra mim, a capoeira é uma capoeira que ela não vai atrasar o lado do outro, ela só vai contribuir com o outro, não importa que tipo de educação familiar você recebeu ou não. Desde que não atrase o lado do outro, que não diminua o outro, que só some com o outro, ela é válida. Eu acredito que a capoeira é isso. No meu ponto de vista é isso o que a capoeira tem que desenvolver nas pessoas, contribuir com o outro.

A capoeira abraça tudo, ela está de braços abertos, ela não fecha só abre. Ela que não pode discriminar. Porque se tiver um agente cultural, não vou nem falar mestre ou professor, um agente, se tiver um agente cultural, que discrimina um ser ali na capoeira, não faz sentido. Porque a capoeira nasce com o princípio da liberdade, como ela vai poder aprisionar, como que vai discriminar? Esse está por fora, tem que largar a mão de fazer capoeira e fazer outra coisa então. Na capoeira não tem rico ou não tem pobre, não tem negro ou preto. Porque o princípio da

capoeira é Liberdade. Como que você vai libertar, aprisionando? A capoeira vem para divulgar essa mensagem contra o preconceito. Ela vem contra isso.

6.5 Mestre Tico

Apresentação

Sou nascido no Paraná, meus pais são daqui do estado de São Paulo, mas se mudaram para lá depois voltamos para o estado de São Paulo, já moleque com oito anos e me criei aqui. Meu pai é funileiro, pintor de autos, uma pessoa autônoma com sua própria oficina. Minha mãe em é do lar, cuidando de quatro filhos, moramos sempre em bairros periféricos. Estudei em Escola Pública e aos dezessete anos comecei a fazer Capoeira. Eu treinava num espaço de academia de musculação onde o professor de Capoeira dava aula numa sala, foi nesse contexto que eu conheço a capoeira regional e contemporânea. De alguém que tinha essa visão de luta, simplesmente.

A primeira vez que vi mestre Claudio Costa de Feira de Santana foi através de uma fita de videocassete eu vi um vídeo com vários mestres de Capoeira Angola, mas é ele que chamou a atenção. Nessa trajetória da capoeira além da movimentação da Capoeira que eu aprendi com ele, porque é isso, eu admirei a capoeira que eu vi no corpo dele é fascinante ver ele jogando capoeira, o corpo dele se movimentando chama a atenção. Quando eu vi escola de Capoeira Angola de mestre Cláudio, eu achei diferenciado também, me trouxe outros pensamentos. Não é uma academia, deve ter mais coisas. Fui refletir sobre isso depois, no começo você não reflete muito sobre nada. Se você continua na caminhada, você vai formando o que é a capoeira para você.

Por volta dos meus vinte anos eu conheci Capoeira Angola e comecei a praticar. Muito pelo ritual, muito pela movimentação diferenciada, mas pensando muito ainda nesse desenvolvimento do corpo, para mim era isso. Era entender a Capoeira como luta, mas tinha outras coisas por trás que eu não via onde eu treinava a Capoeira regional. Tem Ritualidade, Musicalidade, dentro da Capoeira Angola, dentro da escola onde eu pratico, a maioria delas são assim. É uma bateria composta por oito instrumentos, me despertou a vontade de aprender essa musicalidade. O corpo já era trabalhado desde a Capoeira Regional, tive só um outro olhar e a Capoeira Angola aprimorou mais ainda a movimentação. Essa

capoeira que o Mestre Cláudio traz aprimorou mais o meu entender sobre o meu corpo, movimento, equilíbrio e força.

A Organização das Rodas de Capoeira

Eu recebi meu título de mestre com quarenta e oito anos de idade. O meu mestre tinha uns vinte e poucos anos ele já era mestre, ele era considerado mestre por outras pessoas, sem ter tido um mestre. Mas muitos, também não o enxergavam como mestre pelo fato dele não ter tido um mestre, de não ter tido uma linhagem de um mestre. E meu mestre veio dessa capoeira de rua, aprendendo avulso e se amadurecendo, buscando entender o que era a Capoeira para ele, o que fazia sentido e o que não fazia. Ele traz ao longo desse processo da minha caminhada esse amadurecimento junto dele, nesse espaço de tempo mudaram alguns processos de como era a formação da bateria, porque ele também ainda estava nos processos dele de entender a capoeira e como ele queria.

Mestre Cláudio também estava nesse processo de amadurecimento, de construir o que é a Capoeira no entendimento dele e os ensinamentos que ele queria manter enquanto grupo. Com o tempo comecei a perceber que o diferencial além da movimentação, além da musicalidade, da ritualidade que meu mestre trazia, era trabalhar questões raciais de uma forma que foi se amadurecendo com o tempo.

O mestre tinha o seu amadurecimento porque teve um período que ele frequentou um grupo em Feira de Santana de Rastafari, ligado ao movimento preto, de resistência, de coletivo preto. Ele andava colado com o movimento preto da cidade de Feira, os Rastafari, trazendo essa cultura preta de uma forma não falada explicitamente. Esse processo de compreender o racismo, era trabalhado na prática, só de você estar convivendo com uma porcentagem de pessoas pretas ao seu redor, algo que não era realidade na minha vida.

Dentro da capoeira foi quando eu comecei a ter mais contato com uma porcentagem maior de pessoas pretas. A partir disso comecei a entender a questão racial no Brasil, porque era ali que eu ouvia falar sobre. Nas escolas eu nunca aprendi sobre, o que eu aprendi é que o negro era escravo e não que o negro foi um povo escravizado. Dentro da capoeira é onde isso é desvelado para mim, mas isso aconteceu na prática, convivendo.

Uma boa parte de alunos de Feira de Santana, da periferia, tiveram a possibilidade e muito incentivo do Mestre Cláudio em fazer uma faculdade. Isso possibilitou ao grupo amadurecer nesse sentido, trazer discussões de uma forma mais política e mais sincera, trazer as questões dentro de um grupo onde existem pessoas pretas, pessoas pardas e pessoas brancas e cada um perceber seus privilégios através das falas dessa liderança preta que a gente tem.

Hoje eu já penso numa escala além disso, de percepção do que é a capoeira dentro da nossa escola, por causa do nosso mestre. No que diz respeito a como ela funciona, a ritualidade, a coletividade, o que o mestre tenta na prática. E isso que é o louco pra mim, porque ele convence tudo na prática, o movimento, a música, a coletividade, a simplicidade, fazer para o outro, você se doar para o outro. Essas percepções, eu tenho na organização do nosso grupo. Consigo perceber isso muito forte quando a gente está em evento, todo mundo junto, reunido.

O que eu tento desenvolver em Bauru é uma coisa que o meu Mestre fala: “É muito egoísmo alguém guardar um conhecimento para si mesmo, um conhecimento que tem que ser transmitido”. Eu percebo que por estar dentro de um grupo que me traz todas essas reflexões, o que eu tenho que desenvolver além do corpo dos meus alunos, além da musicalidade, porque o fato de tomar gosto em desenvolver o corpo, tomar gosto em se desenvolver musicalmente vai trazer vários benefícios individuais. Isso vai te empoderando, vai te dando autoestima, vai te trazendo benefícios que às vezes nem percebemos, a gente só continua e não para porque te faz bem e aí você vai se envolvendo mais com esse universo.

Hoje quando paro e penso nesta caminhada, uma das coisas é aprender a orientar os seus alunos. É muito egoísmo a gente guardar esse conhecimento pra gente, então o que eu tento desenvolver em termos de movimento, é o que meu mestre tem e me passa. Procuro desenvolver esse pensamento racial e esse não é um papel só meu dentro do grupo, esse problema racial existe no Brasil, que faz até surgir e nascer a capoeira. Ela nasce por essa ânsia de liberdade, de igualdade, de olhar pra essas questões com outros olhos.

Eu acredito que por uma questão de onde geograficamente Bauru está localizada, existe a questão de conseguir aumentar a porcentagem de alunos. Sempre tivemos alunos entrando e saindo. Épocas com bastante, épocas com menos. Mas ele sempre me manteve firme, sempre me manteve na resistência. A capoeira é isso também, na vida de quem pratica, de quem quer continuar

praticando e como ela me traz muita coisa, eu não me vejo fora dela. Não me vejo conseguindo me orientar sem estar dentro dela. Porque a Capoeira é esse complemento, é essa ferramenta que vem e te orienta mesmo.

Tivemos vários processos aqui, na época que eu era só aluno, nós atuamos na periferia, muito próximo de onde estamos hoje. Como eu falei, nesta época os olhares eram voltados muito mais para o desenvolvimento da Capoeira, da ritualidade, de estar dentro de uma prática de uma cultura preta. que era muito massa por vários motivos, como a musicalidade e a movimentação. Hoje estamos na periferia de novo, porque aí é isso, houve um deslocamento.

Na minha caminhada dentro do grupo estive da periferia para o centro da cidade, depois se afastou, mas estava dentro de um espaço público, que era a UNESP, mas onde os frequentadores e praticantes, a grande maioria, não eram pessoas pobres e pretas. Não temos essa representatividade preta aqui em Bauru, nem como liderança desde sempre. Por isso que hoje eu acho muito importante a gente estar ligado aos movimentos. Nosso grupo já está ligado, então isso se torna fácil para nós que já temos uma liderança preta e que está ligada a pessoas que são de movimento preto. Então, esse é um ponto que hoje faz a diferença pensar, de trazer esse conhecimento que o meu mestre me passa estando numa periferia.

Infelizmente, no nosso país, nas periferias é onde estão a maior concentração das pessoas pretas. Aqui em Bauru, por ser interior, é menos, há uma miscigenação maior, entre pardos, pretos, que estão em situação de vulnerabilidade morando em bairros como Ferradura Mirim. A porcentagem de pessoas pretas é maior nesses lugares, tentar garimpar essas pessoas para que eu possa transmitir esse conhecimento que me foi passado, porque nos relatos que eu tenho de pessoas do grupo, a capoeira empoderou essas pessoas pretas. Mas eu já senti que é isso, eu não tenho essa representatividade e algumas pessoas por não conhecer o grupo, a história do grupo, ou entender melhor, conviver, logo de cara só de não enxergar essa representatividade preta no grupo, não continuaram treinando.

A violência em cima do povo preto é forte até hoje, e acredito que é por isso que a capoeira está até hoje na resistência, porque a pressão não acabou. Então poder estar nesses espaços periféricos levando algo que potencializa o indivíduo e como é uma cultura preta, é muito nítido o quanto ela empodera nos discursos, nos relatos que eu ouvi dentro dos Angoleiros do Sertão, dos meus irmãos de capoeira, o quanto a capoeira foi fundamental e empoderou. Por isso de fazer os eventos,

porque agregamos o coletivo maior, convidamos essas representatividades, vai ter toda essa influência. Estar podendo trabalhar a capoeira hoje para a periferia com esse olhar mesmo de que ela é essa ferramenta é fundamental.

A Manutenção da Capoeira

Dentro do nosso grupo, em termos de ferramenta a Capoeira tem a oralidade, a musicalidade, as práticas musicais, mas ela tem outras coisas que são transmitidas de forma ancestral e dentro do nosso grupo é um diferencial também. Uma das coisas é a fabricação dos instrumentos, pra quem tem contato com isso, te possibilita várias outras coisas na sua vida, vamos dizer que alguém que é da periferia, que pode aprender a fazer um instrumento e que pode virar um artesão, viver disso. Hoje há essa possibilidade dentro do grupo, algumas pessoas fazem isso. Eu faço isso, eu aprendi a fazer com o Mestre Cláudio.

Eu tive meu professor, meu primeiro mestre que foi meu pai, nessa lida manual, lidar com ferramenta, isso me facilitou bastante. Mas essas práticas que vêm de cultura preta, de você ter que fazer as suas coisas para que também a coisa funcione. Se você não tem condição de comprar, você faz. Isso possibilita trabalhar em vários outros aspectos da sua vida. A Capoeira pode, como ferramenta, te alimentar de conhecimentos que você pode até conseguir suprir essa necessidade básica de condição financeira. para você ter essa dignidade de viver, ter moradia e alimentação. O ponto principal é praticar, tem que praticar a Capoeira. Eu acredito que as pessoas podem conseguir abrir vários leques do que a capoeira pode ser na sua vida, na sua transformação e na sua construção enquanto indivíduo.

A Capoeira e seus Enfrentamentos

É difícil quebrar essa estrutura racista e machista na cabeça das pessoas, mas sinto que os Angoleiros do Sertão, para mim, é um espaço em que isso é trabalhado constantemente, por mais que ainda eu enxergue que isso vai ser trabalhado ainda, sempre. Porque sempre vão entrar pessoas e sempre terão pessoas que ainda não estão totalmente desconstruídas no seu pensamento estruturado racista e machista, que é onde prevalece várias formas de opressão. Se você é racista e machista, você vai praticar com mais força essas opressões e

submeter quem você acha que é inferior às suas violências. E o grupo faz pensar sobre isso.

Isso é um espaço que você não encontra em qualquer lugar, pelo menos eu não encontrava nos lugares que eu frequentei na minha vida. Hoje em dia, não sei como está a escola pública, acho que está bem melhor nesse sentido. Essas questões são bem mais trabalhadas do que na minha época, hoje em dia isso não é da mesma forma. De certa forma, temos evoluído, assim como no grupo também temos evoluído, mas falta muito nesse sentido.

Mestre Cláudio vem dessa matriz preta muito forte e por mais que ele tenha essa biografia dele, de uma pessoa vinda da periferia, semianalfabeta, que tinha tudo pra ter uma vida muito difícil. Por causa da Capoeira ele sempre teve presente com pessoas de vários setores, com artistas e intelectuais, que fizeram faculdade ou com escolaridade maior e ele foi também absorvendo essas trocas de experiência, assim como ele absorveu a Capoeira. Ele foi agregando pessoas em volta e muitos desses alunos pretos de Feira de Santana, que hoje continuam no grupo, foram fundamentais para que o grupo também se colocasse de uma forma política.

A Capoeira vem dos pretos, ela vem contra o racismo e essas discussões são trazidas para dentro do grupo e quando nós, brancos, vacilamos, é apontado o nosso vacilo. É um processo de amadurecimento, é uma troca. É o meu despertar para onde vem essa coletividade, que é algo que a capoeira traz dentro do nosso grupo. Eu acredito que a Capoeira traz muito forte o que eu enxerguei nas casas de candomblé que eu fui para conhecer, para fazer samba e assistir o trabalho desenvolvido ali, a ritualidade, o partilhamento daquela fartura que eles têm de comida, que eles distribuem e que ninguém é cobrado por isso. O coletivo funcionando.

Pra mim a Capoeira hoje é isso, desenvolver como usar a sua prática, desenvolver métodos de uma forma eficaz, combater o racismo ou qualquer tipo de forma de opressão existente, mas que vem tudo a partir dessa questão racial. É dentro da Capoeira que eu ouço falar sobre tudo isso de uma forma muito clara, porque tudo acontece na prática e aí foi mais fácil para mim do que qualquer outra forma de aprendizado. Não foi o mestre Cláudio que trouxe todas as propostas de desconstrução na minha trajetória dentro do grupo, as falas mais importantes foram de pessoas que, por causa do Mestre Cláudio, eu conheci. E não é só por causa da capoeira, é por causa do Mestre Cláudio, são pessoas que estão ao redor dele, que

buscam ele, que gostam de estar nesse espaço com ele. Como Dona Ivani de Santa Barbara[61], como Iaiá[62], Karine Damasceno[63], Alex[64], Solange[65].

Eu consigo enxergar tudo isso a partir da prática da Capoeira Angola e com esse amadurecimento, vem essas questões raciais muito forte. Eu sei a minha origem, mas é dentro dos Angoleiros do Sertão que eu começo a entender qual é o meu privilégio por ter esse tom de pele, por não ter puxado o cabelo mais crespo dos meus avós. Mais que isso também é conseguir dentro dessa questão de ancestralidade, para além de entender que é isso, eu tenho a minha ancestralidade preta, eu tenho a minha ancestralidade indígena, porque eu tenho os dois dentro da minha família, mas entender também a minha ancestralidade branca, enquanto herdeiro dessa construção racista dentro do contexto do nosso país. Eu tenho esses três dentro da minha ancestralidade.

Eu não consigo ser branco em determinados espaços e não consigo ser preto também nos espaços que eu frequento de Capoeira ou espaços que a Capoeira me leva. E dentro dessa trajetória, entender tudo isso, entender essa questão racial, é importante conseguir realmente se enxergar como você é. Pratico uma cultura preta, essa coisa de você ter um amigo, mas não consegue entender as sutilezas, assim como esse machismo que nós homens temos estruturado, que nós homens não enxergamos ou não queremos enxergar ou protegemos outros homens, o mesmo com a branquitude. Dentro do grupo eu consigo enxergar qual o nosso nível, o quanto a gente tá enxergando isso, e se a gente tá trabalhando pra desconstruir isso, o que é uma tarefa difícil.

Essa questão é trabalhada dentro do grupo de uma forma mais madura e política, já tem alguns anos e isso se reflete de forma individual. Dentro do nosso grupo se encontram pessoas de vários tons e de vários níveis sociais. O que é meio nítido perceber que quanto maior a ascensão social da pessoa praticante, maior o grau de racismo em coisas simples, práticas. Eu percebo que estou conseguindo

[61] Mulher negra, feirense, militante do movimento negro e ativista dos direitos humanos, se tornou a primeira mulher e primeira pessoa negra a receber a titulação de Doutora Honoris Causa concedida pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).
[62] Mulher negra, militante do movimento negro em Feira de Santana.
[63] Mulher negra, militante do movimento negro. Realiza pós-doutorado na UFRJ pesquisando sobre as contribuições das mulheres negras do século XIX.
[64] Treinel do grupo Angoleiros do Sertão. Atualmente realiza suas atividades na cidade de São Sebastião.
[65] Treinel do grupo, faz parte dos Angoleiros do Sertão há 17 anos. Possui graduação, mestrado e está realizando doutorado em Geografia na Unesp de Rio Claro-SP. Engajada em movimentos negros, sociais e culturais.

mudar com a convivência e com a prática, com isso desconstruir pensamentos e cenas que te questionam.

A questão de gênero é algo que veio nesse amadurecimento político do grupo, mas é algo mais recente. As mulheres, principalmente as mulheres pretas do grupo, nas falas delas, põe qualquer homem do grupo no lugar até o Mestre Cláudio. Se a capoeira é algo criado contra a opressão, e não só contra a opressão racial, mas contra qualquer forma de opressão. E se ela está estruturada também, e está estruturada a questão de gênero, da opressão de gênero no nosso país também, não tenho por que não combater e as mulheres pretas do grupo são as primeiras a falarem.

Quando se fala dentro de um grupo que ainda tem problemas de trabalhar a questão de gênero, quando se diz com homossexuais, transexuais, eu falo isso porque eu percebo nos homens do grupo ainda que há muito a ser trabalhado. Tem vários discursos contra porque isso incomoda. faz você enxergar o quanto ainda é intolerante, o quanto você não consegue enxergar que está dentro de um movimento de luta, de resistência contra a pressão, porque talvez você não tenha essa orientação. Nos Angoleiros do Sertão e em alguns grupos que eu posso conviver com mais frequência, essas questões já vêm sendo trabalhadas. E mais pelo apontamento das mulheres do que dos homens, as mulheres que mais trazem, porque é elas que mais sofrem. São as mulheres pretas que mais sofrem ainda e são mais elas que trazem isso.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das entrevistas observamos que as pessoas têm de vinte a trinta e oito anos de vivência com a Capoeira, tendo iniciado no grupo Angoleiros do Sertão ou em outros grupos e estilos de Capoeiras. As graduações variam de treineis a mestres, representando uma amostra de aproximadamente trinta lideranças que existem atualmente no grupo e que tem realizado seus trabalhos em áreas periféricas, ocupações, escolas e espaços culturais, fortalecendo outros coletivos locais ao estabelecer parcerias e dialogar para o fortalecimento da cultura local.

Os trabalhos desenvolvidos têm como principais objetivos o compartilhamento dos saberes da Capoeira, a conscientização racial, o trabalho em coletivo, a captação de recursos, a estruturação e administração de espaços culturais. O que cria espaços de referência de cultura nas cidades onde estão atuando. Essa forma de organização favorece a geração de renda a partir do compartilhamento da Capoeira, a medida que essa atividade se torna a principal na vida das pessoas que a praticam, criando um espaço de possibilidades de compartilhamento cultural tendo a Capoeira como trabalho.

É importante reconhecer a Capoeira em lugar legítimo de luta e reconhecer a herança que esta luta traz em sua essência. É possível observar o quanto esse lugar é mantido no meio da capoeiragem. A luta é cotidiana nos espaços de atuação dos capoeiristas, os enfrentamentos que são feitos ao se depararem com diversos mecanismos de poder que são sustentados pela branquitude, criando uma série de obstáculos para a ocupação de um local para o desenvolvimento das atividades com a Capoeira. O mito da superioridade branca tem como objetivo embranquecer o que foi internalizado pela cultura negra, isso vai de encontro com conceito de colonizador trazido por Nego Bispo, onde busca-se destruir a identidade negra e indígena e as distancia do seu universo sagrado.

O enfrentamento dessas violências é realizado de diversas formas. Pode ser expressa através da ocupação de espaços periféricos para potencializar a identidade negra, com a junção de saberes de pessoas que fazem parte do coletivo

para fortalecer outros campos de conhecimento, como o cuidado com a terra e a divisão de sua produção, a valorização de outras formas de arte negra para além da Capoeira, através de reflexões sobre o racismo e as possibilidades de enfrentamento, através da ocupação de espaços abandonados pelo Estado transformando-se em Ponto de Cultura, onde é possível o diálogo entre diversos coletivos para o fortalecimento cultural local e do grupo como um todo.

As periferias devem ser vistas como espaços de possibilidade, onde pessoas altamente criativas estão confluindo como disse Nego Bispo. Os exemplos dos trabalhos realizados na periferia nas experiências de treinel Solange, contramestre Minhoca e mestre Tico demonstram o interesse e a importância de atuar e valorizar estes espaços com a presença da Capoeira e outras formas de arte. A experiência nas escolas de Mestre Xande é fundamental para fortalecer o ensino de práticas afrobrasileiras nos espaços escolares e isso foi realizado de uma maneira muito inteligente junto ao poder municipal, nutrindo de cultura, arte e luta as pessoas que estão presentes nesses espaços desde 2005. Contramestre Blanca traz a experiencia de estruturação e ocupação de espaços esquecidos pelo Estados e que se tornou um ponto de cultura viva.

A convivência em coletivo possibilita a troca de informações entre capoeiristas pode influenciar nas suas reflexões e nas suas formas de atuação. Ao compartilhar as suas experiências as lideranças do grupo se abrem para compartilhar a sua prática e conhecer sobre a prática de seus camaradas, o que amplia as potencialidades do grupo como um todo. O coletivo se fortalece em momentos festivos, a medida que todos dão a sua colaboração para algo maior acontecer e, a medida que atuam como suporte em rede para o enfrentamento de violências. Juntar forças e ampliar as potencialidades é um ato de criar alianças afetivas, que se demonstra por pessoas dentro de um fluxo capazes de produzir afetos e sentidos para o enfretamento da realidade dentro do sistema capitalista – supremacista - branco.

Na roça de Mestre Cláudio, como chamamos carinhosamente a casa em que o mestre mora na comunidade da Mantiba em Feira de Santana-BA, é possível observar o cuidado com a natureza. No espaço foi criado um ambiente arborizado, com muitas árvores frutíferas típicas do Nordeste e árvores nativas, onde pode-se ver, experimentar, tocar em elementos que aparecem em corridos de capoeira. A vegetação cria um microclima em um espaço no sertão nordestino, isso demonstra a

valorização por parte do mestre do seu lugar e das possibilidades que podem ser criadas ali. Nas decorações que estão expostas no salão da Capoeira, pode ser observada um pouco da história de Mestre Cláudio e das suas investigações no universo da Capoeira, demonstrando ser um grande pesquisador da Capoeira em si.

O cuidado com a terra, a valorização do meio ambiente integrando um universo sagrado onde a Capoeira se manifesta revela o ato de persistir em um sonho de manter viva a cultura da Capoeira, e isto está relacionado a sua memória e vivências com a terra e seus ancestrais. Isso potencializa a sua capacidade de transcender e de recriar mundos possíveis a partir da conexão com uma diversidade de seres vivos, o que vai de encontro com ensinamentos de Ailton Krenak quando nos alerta sobre a importância do cuidado e valorização do meio ambiente.

Este espaço reúne pessoas compartilhantes, como vimos entre os entrevistados quando todos demonstram ter uma relação de pertencimento com o lugar e com o grupo. Dentre as pessoas que compõe o grupo existem muitos saberes diferentes, os quais a partir da convivência podem ser compartilhados. Estes ensinamentos são transmitidos de uma forma simples e real o que gera o sentimento de continuar compartilhando essas experiências, cada um dentro das suas possibilidades e potencialidades.

As reflexões sobre o racismo, nesta experiência, são vistas como de mais fácil aceitação dentro do grupo, considerando a perspectiva de que a Capoeira faz parte do universo afro. Assim, diversas atividades fazem parte da circularidade da Capoeira, como outras manifestações da cultura popular, oficinas de música afro, rodas de conversa com pessoas negras e indígenas ilustram as possibilidades que a luta antirracista pode ter. Treinel Solange orienta sobre a discussão sobre o racismo que acontece no cotidiano e destaca a interessante via de falar sobre as possibilidades do universo afrobrasileiro no mês de Novembro, representando o mês da Consciência Negra.

As mulheres negras são reconhecidas como as principais fonte de aprendizagem, como foi apontada por mestre Tico a consciência de que na sociedade são elas as que mais sofrem as violências e são as pessoas que mais tem a dizer, ensinar e conscientizar. As mulheres eram pouco vistas nas Rodas da Capoeira, os relatos históricos mostram que estiveram presentes nestes círculos, hoje temos uma presença maior de mulheres na Capoeira, o que movimenta a roda a se atualizar sobre temas relacionados à mulher em uma cultura afrocentrada. A

cultura LGBTQUIA+, é observada com mais necessidade de atenção e podemos notar que o acolhimento é algo fundamental para a permanência dessas pessoas.

Este tema aparece mais recentemente nas reflexões do grupo, e as questões machistas que transpassam as relações são reflexo da nossa sociedade, não sendo uma exclusividade deste grupo ou do ambiente da Capoeira. As transformações podem acontecer à medida que novas reflexões vão entrando neste universo, onde os aprendizados acontecem de uma maneira prática, através das vivencias e dos acontecimentos.

A perversidade do racismo e do machismo são realidades que enfrentamos cotidianamente, que se materializa na forma de silenciamento, humilhação e morte de mulheres e da população negra. No espaço da Capoeira cria-se a possibilidade de empretecer a mente das pessoas que estão nesses círculos através do compartilhamento dos valores que permeiam essa cultura. Conflitos conforme foi citado durante das entrevistas estão relacionadas a formas de abalar relações, opiniões e também criar a possibilidade de reconhecimento de falhas nas atitudes abrindo espaço para criar outras formas de se lidar com a situação. Aprendemos escutando e compartilhando experiências e assim a roda se reatualiza para o futuro.

É preciso estar ciente de que a Capoeira também é um espaço onde a branquitude e seus privilégios circulam, e a sua presença pode gerar atritos. A superioridade branca quer dominar espaços que não são seus de origem, isso é um reflexo da sociedade em que vivemos. Gonzales (2020) nos diz que a eficiência desse domínio se dá através do estilhaçamento da identidade racial através do desejo de embranquecer, sendo internalizado como negação da raça e da cultura. A melhor forma de resistência contra essa forma de violência intrinsicamente racista é a força cultural, que possibilita a reflexão e ações dentro do grupo.

A Capoeira é considerada uma luta de inclusão, visto que sendo de origem afrobrasileira a luta antirracista é a sua premissa, a medida que evoluímos outras lutas são agregadas, no intuito de que a Capoeira seja fonte de inspiração para todos, todas e todes. O ponto central dessa pesquisa se relaciona com os valores civilizatórios afrobrasileiros e sua transmissão nos círculos de Capoeira. Essa cultura tradicional possibilita que as pessoas possam perceber uma determinada ação de diferentes formas e ao compartilhar seu ponto de vista com o coletivo podendo ganhar um novo sentido. Essa troca entre capoeiristas e alunos possibilita o contato

com diferentes opiniões ao participar de ambientes onde ideias são compartilhadas e valores podem ser revistos.

Krenak nos ensina sobre a potência de experimentar outros mundos, que nos mostra outras cosmovisões e outras compreensões sobre a sociedade e o universo, o mundializar. Em culturas de tradição afro a diversidade faz parte da circularidade e da coletividade, nesse sentido ter contato com outras visões a respeito a luta antirracista e em prol de um feminismo afrocentrado, onde seja possível desconstruir estruturas machistas que é a ordem social, nos envolve em um espaço de potencialidades onde é possível aprender com sabedoria e respeito, trazendo reflexões que são pertinentes para a realidade do grupo.

A Roda de Capoeira assim como outras culturas circulares têm como principal função o compartilhamento de conhecimentos que são realizados a partir das vivências do mestre ao ser partilhada com seus aprendizes, em círculo é possível aprender com a experiência compartilhada de todas as pessoas que o compõe. A roda traz respostas para frente a adversidades ao ser representada como um ambiente de organização, de encontros, de troca de ideias e de festividade. A Capoeira em sua essência é coletiva e isso possibilita um espaço de criação e experimentação frente as adversidades sociais.

A pessoa mais velha ou a mais experiente é representada pela figura do Mestre/a que é a principal responsável pelo compartilhamento dos saberes da Capoeira, suas trajetórias são imersas nesse universo cultural revelando-se potentes pesquisadores do universo da Capoeira, seja em seu estudo sobre a movimentação, musicalidade, cantos, ritmo ou filosofia. Carregam consigo a missão de compartilhar esses conhecimentos para futuras gerações, para que o seu legado reverbere através de seus aprendizes. Essa é uma ideia de liberdade que pode levar para além da ideia de finitude. Tudo isso acontece através da oralidade, os Mestres são os condutores do conhecimento e o compartilha através da oralidade a partir das suas experiências e da sua compreensão de mundo.

A Capoeira está no campo da mídia radical à medida que compartilha a luta, o canto, a música, instrumentos, cores, símbolos e adereços que transmitem uma mensagem de conexão com África e seus descendentes. A luta carrega em si a tecnologia ancestral das possibilidades frente a um ambiente brutal e opressor, a expressão dos movimentos traz um conhecimento ancestral de formas de combate. Seus conhecimentos são transmitidos a partir dos valores civilizatórios

afrobrasileiros, onde se reúne elementos da cultura afro e indígena que compartilham valores como a circularidade, a oralidade, a coletividade e o axé gerado pela energia de pessoas que trocam informações entre si, transformando a si mesmas e os seus espaços de atuação.

A etnografia possibilitou que essa pesquisa se apresentasse da forma mais próxima as realidades enxergadas pelos capoeiristas, que são os transmissores desse saber. Consideramos a realidade de uma sociedade capitalista-supremacista-branca como a geradora de um sistema opressor, que encontra no campo da cultura uma forma de enfrentamento. A Roda de Capoeira para além de todo conhecimento da luta e seus elementos ancestrais também é um espaço de reflexão, um meio de criar alternativas para a realidade.

REFERÊNCIAS

ABELHA, Chico**. Mestre Claudio - Angoleiros do Sertão. YouTube, 06 de maio de 2015.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQV4kYBR5qA&list=PL_vUQahE1n606OiH6BWVUyK9TR0NJUZlh&index=3&ab_channel=ChicoAbelha>. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

ABREU, Frede. **CAPOEIRAS: Bahia, século XIX.** Salvador, 2005, 170 p.

ABREU, Frede. **O BATUQUE. A luta braba.** Salvador, Instituto Frede Abreu, 2014, 152 p.

ALMEIDA, B.S.G; SETENTA, A.M. Mulher na Capoeira: cultura e educação em direitos humanos. *In*: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), XV, 2019, Salvador. **Anais**. p. 1-13. Disponível em: http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111489.pdf. Acesso em: 18/02/2024.

ARAÚJO, R. C. **IÊ, VIVA MEU MESTRE. A Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa.** São Paulo: Feusp, 2004 (tese de doutorado), 272 p.

ARAÚJO, J; SILVA, R. L.; FERREIRA, E. C. (orgs). **MULHERES QUE GINGAM: reflexões sobre as questões de gênero na Capoeira.** Curitiba: Appris, 2022.

BENTO, C. **O PACTO DA BRANQUITUDE.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FERNANDES, C.C; SILVA, P.C.C. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2008. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/975. Acesso em: 18/02/2024.

GONZALEZ, L. **POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO-AMERICANO: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janiero: Zahar, 2020.

HOOKS, B. **O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **ATLAS DA VIOLÊNCIA 2021**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2021.

KILOMBA, G. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: episódios de racismo cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 248 p.

KRENAK, A. **FUTURO ANCESTRAL.** São Paulo: Companhia da Letras, 2022.

MIETTUNEN, Jaakko**. Mestre Claudio (Angoleiros do Sertão) 2/3. YouTube, 06 de dezembro de 2018.** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tpphNISMvyk&ab_channel=JaakkoMiettunen>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

MOURA, C. **HISTÓRIA DO NEGRO BRASILEIRO.** São Paulo. Editora Dandara, 2023.

NASCIMENTO, A. **O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectivas, 2016.
REIS, L. V. **O MUNDO DE PERNAS PRO AR: a capoeira no Brasil.** São Paulo, Publisher Brasil, 2000, 208p.

NEMER, D. **TECNOLOGIA DO OPRIMIDO: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil.** Vitória: Milfontes, 2021.

SANTOS, A. B. **A TERRA DÁ, A TERRA QUER**. São Paulo, Ubu Editora, 2023, 112p.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores civilizatórios afrobrasileiros na educação infantil** (p.131-138). IN: TRINDADE, Azoilda Loretto (org). Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

XAVIER, J.T.P. **Versos Sagrados de Ifá: núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz iorubá nas américas.** 2004. 328 p. Tese (Doutorado em Integração da América Latina. Área de concentração: Comunicação e Cultura, Universidade de São Paulo, 2004.

APÊNDICE – Apresentação da Pesquisa

CAPOEIRA ANGOLA COMO MÍDIA RADICAL E TECNOLOGIA ANCESTRAL AFRICANA NO BRASIL: uma experiência do grupo Angoleiros do Sertão

Fernanda Alves da Silva
Orientador: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Avaliadores:
Prof. Dr. Dorival Campos Rossi (UNESP)
Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho (UFT)

2024

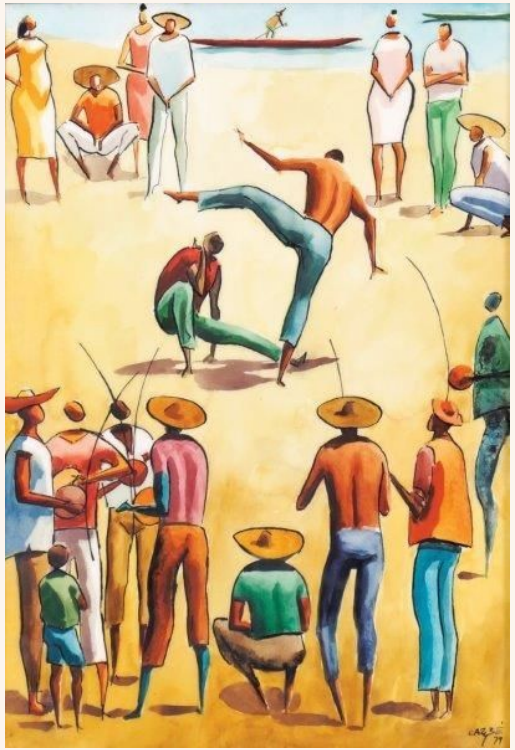
Introdução

Essa pesquisa foi motivada pela vontade de compreender como diferentes lideranças pensam a dimensão política e social da Capoeira em seus espaços de atuação o que revela diferentes formas de pensamento, valores e organização.

O tema Tecnologia Ancestral se conecta a saberes que foram trazidos pelos nossos ancestrais e que são praticados até hoje garantindo a sobrevivência da população excluída da sociedade.

Estrutura da Dissertação

1. Breve história da Capoeira
2. Como o Racismo Conformou a Vida do Negro no Brasil
3. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros
4. Metodologia e História Fractal dos Angoleiros do Sertão
5. Análise das Entrevistas
6. Considerações Finais



Consideração sobre os Velhos Mestres da Cultura Popular

A presença do velho na cultura africana é muito importante. Ele é um patrimônio da sua história, ele é a lembrança, é a memória viva, é a experiência. É isso que vai construindo a imagem do mestre, como uma síntese do patrimônio histórico acumulado. (Xavier, 2023)

Dados Sobre o Racismo

Fonte: IPEA, 2021

Um jovem negro é assassinado no Brasil a cada 23 minutos

Formas de Resistência

- **Cultura**
- **Religiosidade**
- **Quilombos**
- **Movimento Negro Unificado - 1978**

As identidades marginalizadas e periféricas podem reconfigurar a noção de conhecimento, trazendo os seus questionamentos e reflexões para o centro da sociedade (Kilomba 2020).

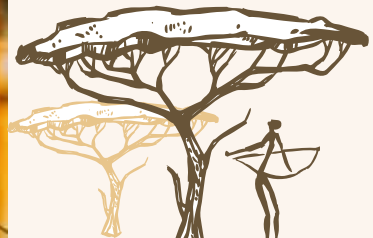
Supremacismo Branco

O pacto narcísico da branquitude age sobre o coletivo expulsando, reprimindo e escondendo o que é intolerável, por exemplo ao falar sobre como a herança escravocrata transmite através do tempo de forma silenciosa formas de violência que aconteceram no passado e ainda continuam acontecendo (Bento, 2022).

Valores Civilizatórios Afro brasileiros e Indígenas

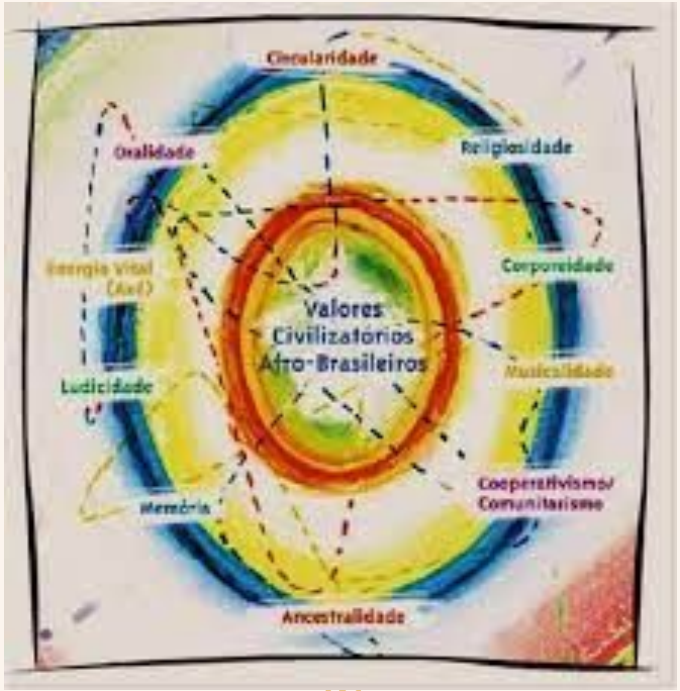
As culturas antigas e primitivas trazem valores essenciais para enfrentar as crises que estamos atualmente, dentro destes conhecimentos existem várias ações que contribuem para dissolver fronteiras culturais e raciais, para que possamos falar de uma maneira mais respeitosa da diversidade cultural e da pluralidade da vida (Krenak, 2022)

“No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter” (Santos, 2023).



Diversidade, Circularidade e Coletividade

A diversidade é um elemento que faz parte da circularidade e da coletividade, ela é posta como um desafio, mas é a partir da convivência com as diferenças que podemos aprender com sabedoria, respeito, humildade e até com amor (Trindade, 2013).



A Roda e a Função dos Mestres

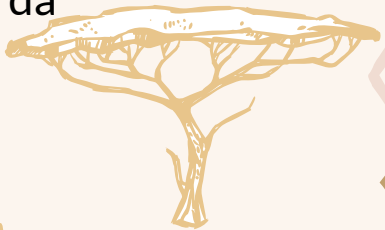
A **roda é coletiva** em sua essência, pois sem coletividade não existe transmissão de saberes, **e traz na sua formação valores** relacionados a **transmissão de conhecimentos** adquiridos pelas pessoas mais velhas e com mais vivência no ambiente da capoeira para as pessoas de várias idades, diferentes gêneros, raça e classe social. Se destacando a **valorização dos saberes ancestrais** e consequentemente da **pessoa mais experiente** nesses espaços. .

Os **mestres são os condutores da oralidade**, eles criam um mecanismo de compartilhamento intergeracional de conhecimento. Como se fazia, como se jogava, as pessoas mais velhas trazem essas experiências (Xavier, 2023).

Metodologia:

Etnografia

Nemer (2021), “a etnografia é uma metodologia rigorosa e uma forma de conhecimento apropriada para estudar práticas sociais e culturais”. “A etnografia crítica tem o propósito político de empoderar, mobilizar, construir reconhecimento interno e ajudar a direcionar a ação das pessoas que estão politicamente marginalizadas” Essa metodologia foi escolhida pelo fato de ser um método em que é possível trazer as informações o mais próximo da realidade das pessoas entrevistadas e dos seus lugares.



Análise de Dados : 4 P's

Pessoas: Apresentação dos Entrevistados

A formação das pessoas entrevistadas no universo da Capoeira e os saberes que transmitem aos seus aprendizes.

Processos: A Organização das Rodas de Capoeira

Considerando os espaços de atuação de cada entrevistado e a sua forma de pensamento quanto a transmissão da Capoeira.

Plataforma: A Manutenção da Capoeira

Como essa expressão da cultura popular se mantem, parcerias, financiamentos e locais de atuação

Protocolos: A Capoeira e Seus Enfrentamentos

Valores e os enfrentamentos contra o racismo e outras formas de violências no ambiente da capoeira.

Os Angoleiros do Sertão

O grupo foi fundado pelo Mestre Cláudio Costa, há mais de 40 anos em Feira de Santana - BA. Reunindo diversas manifestações da cultura afro brasileira, como a Capoeira Angola, Samba Rural, O Boi, Samba Reggae, Rei Roubado, entre outras.

Atualmente o grupo conta com cerca de 25 núcleos espalhados pelo Brasil e no exterior, difundindo a cultura afro brasileira em seus espaços.

Os Angoleiros do Sertão

“Dentro das minhas reflexões a capoeira é o primeiro movimento político organizado no Brasil, não um movimento político partidário, mas um movimento político organizado contra o poder escravista e essa organização se deu a partir das rodas, dos círculos” .

Mestre Cláudio Costa, 2022.

Pessoas – Apresentação dos Entrevistados

Treinel Solange

Há 20 anos no grupo
Organização das Atividades em Feira de Santana
Comunidade Lagoa de Sabué
Rio Claro
Movimentação e Musicalidade

Contramestre Minhoca

Há 36 anos na Capoeira
Casa de Cultura Telar
Movimentação e Musicalidade

Mestre Xande

Há 38 anos na Capoeira
Trabalho em Escolas Municipais;
Movimentação, musicalidade, história, movimentação recreativa

Contramestre Blanca

Há 31 anos na Capoeira;
Aulas de Capoeira Galpão Cultural
Aulas para adolescentes Fundação Futuro
Movimentação, musicalidade, produz instrumentos

Mestre Tico

Há 30 anos na Capoeira
Trabalho na Comunidade
Movimentação, musicalidade;
Produz instrumentos

Processos – A Organização das Rodas de Capoeira

Treinel Solange

Responsável por administrar o espaço cultural;
Capoeira como possibilidade no Parque Lagoa de Sabué
Acolhimento

Contramestre Minhoca

Apresentações em escolas e festivais culturais;
Agrega outras culturas populares e circenses;
Presidente Casa de Cultura Telar / Vila Basevi
Projetos / Trabalhos burocráticos

Mestre Xande

Identidade do grupo
Estudos sobre a Capoeira
Capoeira como condição de trabalho e renda

Contramestre Blanca

Identidade da movimentação e musicalidade;
Construção do coletivo

Mestre Tico

Importância da transmissão da Capoeira;
Conscientização Racial.
Importância dos trabalhos nas periferias

Plataforma - A Manutenção da Capoeira

Treinel Solange

Não conseguiram recurso;
Utilizavam recursos próprios
Parceria com treinel Mercúrio
Falta de acesso a espaços públicos

Contramestre Minhoca

Presidente Casa Cultura Telar - OSC
Captação de Recursos
Edital / Emenda Parlamentar
Projetos Culturais

Mestre Xande

Escolas Municipais, Apae, CRAS, CAPS, 3ª idade
ACAR - Associação

Contramestre Blanca

Ocupação e gestão do Galpão Cultural - Ponto de Cultura (2009)
Associação Cultural - CIRCUS
Captação de Recursos

Mestre Tico

Valores transmitidos pela Capoeira;
Falta de acesso a espaços e recursos públicos

Protocolo – A Capoeira e Seus Enfrentamentos

Treinel Solange

Capoeira como resistência no espaço cultural
Novembro - procuram falar das potências
Mulheres continuam buscando seu espaço na capoeira e na sociedade

Contramestre Minhoca

Descentralizar a cultura popular;
Empoderamento
Libertação do Sistema
Cuidado com a Comunidade
Ocupação do terceiro setor com cultura popular
Acolhimento com a questão racial e de gênero

Mestre Xande

Impacto da Capoeira na Vida Pessoal
Quebra de preconceitos com a cultura

Contramestre Blanca

Novo olhar para a questão racial;
Manutenção do Grupo;
Precariedade do trabalho cultural;
Fragilidade com a questão de gênero

Mestre Tico

Combate a formas de opressão (racismo e machismo);
O coletivo constrói a consciência;
Observa a necessidade de trabalhar mais a questão de gênero

Considerações Finais

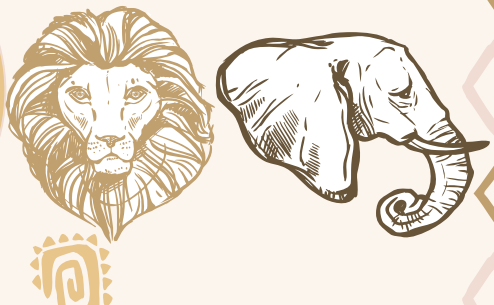
Lideranças com 20 a 38 anos de vivência com a Capoeira

Trabalhos em áreas periféricas, escolas, espaços culturais e ocupações

Visa conscientização racial, captação de recursos, administração de espaços culturais, Capoeira como forma de renda.

Capoeira como resistência nos espaços culturais; Descentralização; Combate ao racismo e formas de opressão

Ampliação da Reflexão sobre a questão de gênero



Considerações Finais

A Capoeira está no campo da **mídia radical** à medida que transmite a partir da luta, do canto, da música, instrumentos, cores, símbolos, adereços transmitem uma mensagem de conexão com África e seus descendentes. A luta carrega em si a **tecnologia ancestral** das possibilidades frente a um ambiente brutal e opressor, a expressão dos movimentos traz um conhecimento ancestral de formas de combate.

Considerações Finais

Os conhecimentos são transmitidos a partir dos valores civilizatórios afrobrasileiros, onde se reúne elementos da cultura afro e indígena que compartilham valores como a circularidade, a oralidade, a coletividade e o axé gerado pela energia de pessoas que trocam informações entre si, transformando a si mesmas e os seus espaços de atuação.